OBRAS RECEBIDAS

Serie JACKSON DE FIGUEIREDO

«Cartas de Jackson», «De Pio VI a Pio XI», «Tentativa de Itinerário», e «Freud» de Tristão de Athayde e «A Padroeira do Brasil,» de Vilhena de Moraes. Ed. do Centro D. Vital, Rio.

Todo rejuvenescimento, toda transformação, para o ser realmente, deve partir de dentro, da essência, da substancia, do que ha de profundo na natureza que se quer rejuvenescer «gloria ejus ab intus». Não no compreende a turbamulta dos contemporaneos que, em todos os campos, querem dê frutos puros a árvore podre.

Age contra esse espirito errado o Centro Dom Vital que, nos seus férteis annos de existência, por illuminada inspiração de Jackson de Figueiredo, e agora sob a direcção de Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde), vem modelando almas que produzem obras como as da «Collecção Eduardo Prado» e esses grandes livrinhos da «Série Jackson de Figueiredo» os quaes todos chamam os homens, os brasileiros, á realidade interior ou combatem as tendências ou doutrinas que aberram desse caminho.

As «Cartas» de Jackson photographam, apesar de poucas, aquella alma eleita, com as suas preoccupações philosóphicas, religiosas, moraes e politicas. Passa a nossos olhos a tortura do homem sério atravessando por uma sociedade em decadência e grada em que viu a salvação unica: «Mas Araújo, diz elle, as misérias que tenho visto são tão grandes, que se fez definitiva em mim a convicção de que só a misericordia divina poderá salvar o Brasil. E ella já se faz sentir». Leiam-se as «Cartas», estimulo da acção.

A «Tentativa de Itinerário» é a collecção de três profundos artigos em que Tristão de Athayde diz verdades necessárias que podemos resumir em três coisas essenciaes: *a necessidade* de tomar uma attitude espiritual em face da vida, *o facto* dessa attitude pela geração presente nacional, *o como* dessa attitude.

Em «de Pio VI a Pio XI» expõe o mesmo A., magistralmente, a história do papado e suas lutas dolorosas e gloriosas desde Pio VI até aos dias actuaes de soberbos triumphos alcançados sob o pontificado de Pio XI.

No «Freud» que, pela actualidade e importância da questão da psychanályse «no nosso meio» mereceria uma relação mais pausada, faz o A. um parallelo entre «Freud» e Nietzche, com inflectivel vantagem para o segundo apesar da forte evolução do freudismo, doutrina de negações que em curtos annos já tomou vários feitios. E' um trabalho bem pensado, denunciando o valor de quem o produziu.

«A Padroeira do Brasil» — *de E. Vilhena de Moraes* — a ultima publicação da série Jackson de Figueiredo, é um relato syntetico, expressivo e documentado da devoção mariana no Brasil, neste precioso livrinho, depois de informar sobre os mais antigos templos brasileiros sob a invocação de Virgem Santissima e especialmente sobre N^a. Sr^a. da Apparecida actualmente padroeira do Brasil, diz-nos seu autor uma palavra sobre o *Padroado da Conceição*.

Historia-o, desde o acto com que D. João IV aos 25-III-1646 confirmou officialmente esse padroado declarado por D. Affonso Henriques, fundador da Nação Portugueza, acto que foi perpetuado na Bahia, no frontespicio da casa dos governadores, em laminas de cobre. Fala sobre o juramento da Immaculada Conceição da Virgem Maria que na Universidade de Coimbra precedia a collação de gráu; sobre a creação da Ordem efilitas da Conceição, por previsão de D. João VI; esclareci a posição de D. Pedro I com relação ao Padroado da Conceição. Por fim fala pormenoriza claramente sobre a profunda devoção e illimitada confiança em N^a. Sr^a. demonstrada pelos nossos cabos de guerra, destacando Caxias e Inhauma na Campanha do Paraguay, e João Fernandes Vieira na guerra contra os Hollandezes.

E' um livrinho cuja leitura revive com emoção factos historicos que realçam como a Religião Catholica e a Devoção Mariana estão radicalmente ligadas á Nacionalidade Brasileira.

POLITICA, *número especial, janeiro 1933*. — Já falámos deste sympathico órgam da Junta Escolar de Lisboa do Integralismo Lusitano, em março. Não podemos, porem, deixar de falar deste livro que é o n.º especial dedicado á memória de Antônio Sardinha, a cuja commemoração se associou Dom Duarte Nuno de Bragança, futuro rei de Portugal.

Só agora os patrianovistas paulistanos estão conhecendo de verdade a figura assombrosa de António Sardinha, e pesa-lhes o não tê-lo conhecido mais cedo. Dahi este n.º ser uma revelação Sem que cogitássemos da coisa, integralismo é patrianovismo, e patrianovismo é integralismo: só que integralismo é patrianovismo português, e patrianovismo é integralismo brasileiro. Aliás o fundo da doutrina é commum: ambos são christãos integraes, e o fundo do patrianovismo é luso-brasileiro, forçosamente, porque luso-brasileira é nossa historia "real" até 1822 e o presente que *é nós* não póde negar o passado que também *é nós*, sem embargo de toda a fantasia das sabenças modernas.

Não podemos, com tão pouco espaço, falar dos magníficos artigos que nos apresenta este fasciculo de "Politica", assignados pela flor da cohorte monarchica integralista. Seja-nos lícito entretanto assignalar uma estupenda coincidencia dos inícios (se assim se póde dizer) dos dois movimentos.

O sr. Luis de Almeida Braga, no artigo "Caridade de Pátria", entre outras identidades impressionantes, faz-nos saber, publicando uma carta de Sardinha a 16-1-1914, que um dos primeiros portavozes da monarchia orgânica lusitana foi a revista PATRIA NOVA. Leiamos as suas palavras ao sr. Braga: "Hoje que entramos a enquadrar-nos em hoste cerrada, a falta que tu nos fazes. Sabes que, propagandista do nosso integralismo, *vae reapparecer a tua antiga PATRIA NOVA?*"

Poderia qualquer um, com todas as apparencias de verdade, affirmar que o nosso movimento patrianovista (nascido da terra, da história, da vida nacional) foi *cópia consciente* da obra dos nossos irmãos de Portugal. Não nos desdouraria em nada, visto o fundo histórico commum das duas grandes Pátrias; mas seria inverdade. Agora que estamos a conhecer a obra dos Integralistas que tiveram mais tempo que nós para revisar as falsidades que tanto mal vêm fazendo ao mundo, havemos de lucrar muitissimo com o que nelles ha de commum ás duas Nações irmãs e com o que possua carácter universal.

O que ninguem porá em dúvida é que Antônio Sardinha, amigo do nosso Jackson e, por sua vez, Jackson de Portugal, nos ensina a todos. E, porque assim é, embora tarde porque em março não deu tempo, nós nos associamos ás homenagens prestadas ao excelso Integralista Português.

O CONGREGADO MARIANO, orgam da C. M. de S. João Baptista da Lagoa Rio. — Bem feita revista, portavoz do operoso grupo mariano carioca. *O Congregado Mariano* já se impôs pelo senso com que sabe satisfazer á exigencia intellectual mas, sobretudo, espiritual dos filhos de Maria. Tem sempre artigos variados, constituindo leitura amena e proveitosa. Leve mas substancioso.

ESBOÇO DE UMA INTRODUCÇÃO Á ECONOMIA MODERNA, Tristão de Athayde Alceu Amoroso Lima, Ed. do Centro Dom Vital, Rio. Honram-nos sobremodo o envio assim como a dedicatória com que o esteemo combatente da Causa Santa, Tristão de Athayde, se dignou de distinguir Pátria-Nova. Tanto já se disse do valor de obra tão insigne, que não seria mister fazê-lo ainda aqui. Isso porém havia de ser fugir ao dever, á missão que temos. Daremos, pois, uma relação do maravilhoso esboço em número próximo.

VOZES DE PETRO'POLIS, conhecida revista. N.º 12. Dirigida por Fr. Fernando Fiene, O. F. M., traz collaboração variada e seleccionada, deixando-nos a sua leitura óptima impressão, pela maneira segura e proficiente com que são tratados os assumptos. Vem neste número um interessante trabalho do patrianovista M. A. Cardoso de Miranda, sôbre "A Imaginação". Neste artigo, o A., synthetizando a doutrina thomista do conhecimento sensível, estabelece a distincção entre o objecto da observação externa e interna nesse domínio Pela primeira os sentidos revelam-nos as propriedades sensíveis dos corpos, recebem as impressões e pela segunda, pelos sentidos internos, percebemos as sensações. Estuda a seguir a imaginação, um dos componentes dos sentidos internos, mostrando que ella não é mais que um poder real de reprodu-

Propaganda
Icaraí PE

DOM PEDRO TERCEIRO

Futuro Imperador do Brasil

Nós não temos tradição republicana, temos, sim, uma larga tradição monarquista.

TEMOS 389 ANOS DE MONARQUIA E 45 ANOS DE REPUBLICA, IMPOSTA A FORÇA, A UM "POVO BESTIALIZADO"

Qual a tradição brasileira? republicana ou MONARQUISTA?

Descoberto o Brasil por navegantes portugueses, de Portugal e de seus Reis, dependeram desde então os habitantes da nova terra e os reinois que para aqui se transportaram. Ambos formaram com a mistura de forte dose de sangue africano a Nação punjante que a 7 de Setembro de 1822 exigira da Metropole o direito de ser livre, governando-se com as suas proprias leis.

Quebrados os laços que nos uniam a Portugal, desde o ano de 1500, o Filho do proprio Rei aqui preferiu ficar, trocando pelos nossos os destinos de sua Patria.

Dom Pedro I iniciou pois a DINASTIA IMPERIAL DO BRASIL que nos guiou sabiamente por longos 67 anos, até o dia 15 de novembro de 1889.

O Brasil fora governado sob o REGIME MONARQUICO durante 389 anos, dos quais 308 como Colonia, 14 como Sede do Reino Unido ao de Portugal e Algarves e 67 anos, sob a forma IMPERIAL.

A Dom Pedro I sucedeu Dom Pedro II, o Soberano mais ilustrado do seu tempo, mixto de Augusto e de Mecenas, Marco Aurelio transviado nas terras ainda semi-barbaras da America Meridional.

Amigo de Seu Povo, este grande Principe pagou no exilio e no infortunio o crime de ter proporcionado ao Brasil meio Seculo de Paz, de Progresso, de Ordem e de Justiça.

E seus Filhos e Netos desde então viveram em terras estrangeiras, sem ao menos o consolo de rever os amados ceus do Cruzeiro do Sul.

No exilio desapareceram dois ilustres membros da *Casa Imperial* os Augustos Principes Dom Luis e Dom Antonio de Bragança, aliás os unicos brasileiros mortos na Grande Guerra. Longe de seu País faleceram tambem a Princesa Isabel — a REDENTORA — e seu esposo o Principe Gastão de Orleans, Conde d'EU, brasileiro adotivo, como Barroso e Mallet, veterano do Paraguai, Marechal do Exercito Brasileiro e Heroi de Campo Grande.

A 13 de Setembro de 1909, nascia Dom Pedro Henrique Felipe Maria de Orleans e Bragança, herdeiro do Trono do Brasil.

DESCENDENTE DE REIS de uma educação esmeradissima, cultura aprimorada não se envaidece o Augusto Principe, de tão nobre e elevada linhagem.

Grande e infatigavel estudioso como seu Pai, o Principe Dom Luis, Ele é já portador de um diploma universitario, conquistado galhardamente em Paris e agora mesmo aprofunda, em Roma, os seus conhecimentos de Direito Publico e Economia Politica.

Apaixonado pela nossa Historia o Principe Dom Pedro Henrique está tambem ao par de todas as nossas necessidades e de todos os problemas brasileiros.

Ha quem pense que vimos restaurar a MONARQUIA. Não é exato. O que nos QUEREMOS e FAREMOS é INSTAURAR no Brasil, um Imperio Cristão Sindicalista, apoiado na Familia, como unidade da Raça, no Municipio como Celula da PATRIA IMPERIAL, e no Sindicato, como primeiro agrupamento PROFISSIONAL.

BRASILEIRO! Houve um tempo em que o Brasil foi grande em que o Brasil foi poderoso, em que o Brasil foi forte! Medita nisso, e cumpre o teu dever para que o Brasil volte a ser aquilo que ele foi!

Homem do comercio e homem da industria! Força viva da Nação! Houve um tempo em que o cambio do Brasil se não taxava em Nova York nem em Londres. Nesse tempo o mil reis brasileiro se não aviltara ao termos de pagar em moeda extrangeira, os serviços produzidos e prestados no País. Medita nisso; e cumpre o teu dever para que o Brasil volte a ser aquilo que ele foi!

Militar brasileiro! Houve um tempo em que o Exercito a que pertences era o maior da America. Maior pela sua potencialidade belica. Maior pelo brilho das suas vitorias. Maior pela gloria de sua bandeira. Maior pela nobresa da sua tropa. Nesse tempo Caxias escrevia paginas gloriosas nos chacos paraguaios e Tamandaré, em frente a Paisandú, revidava, altivamente, a ameaça insolita da intervenção estrangeira, ocupando aquela praça. Medita nisso; e cumpre o teu dever, para que o Exercito Brasileiro, continue a ser, na America, aquilo que ele foi!

Operario! A social democracia, esse mito fracassado em todo o mundo, te arrastou a miseria. E o comunismo, essa dolorosa experiencia que na Russia se afogou em sangue, te busca levar a animalidade mais absoluta; roubando-te a dignidade humana; para te transformar em maquina de trabalho, a serviço da mais ignominiosa ditadura que a historia regista. Reflete, Operario! Qual o bem maior da tua vida? Por certo o lar, humilde, porem honrado, onde encontras na amorosa estima da tua mãe, no afeto estremado de tua irmã, no carinho terno de tua esposa, e nos encantos meigos de teus filhinhos, a compensação melhor da tua existencia afadigada! Pois bem: a social democracia não te garante o lar; porque falta ao dever de te garantir trabalho certo e salario equitativo.

E o comunismo, ah! esse te ameaça o lar porque destroi a familia; porque SOCIALIZA a mulher, tornando-a de toda uma comunidade.

Nesse regime, que a propria Russia vai abandonando aos poucos não terás um lar — porque serás forçado a habitar infectas moradas coletivas. Não terás uma esposa porque o casamento foi banido pelo regime, não terás a satisfação de trabalhar para os teus, porque não disporás siquer de teu esforço: teu trabalho te não pertencerá; pertencerá ao Estado que será o teu senhor e será o teu algoz. E nem siquer os teus filhos serão teus; porque serão do Estado. Repele

éssa forma monstruosa de escravidão. Vê a propria Russia se voltando com o empenho maior para a conquista da estima dos governos que ela propria repelira antes, como «capitalistas»! As embaixadas russas aos governos de Londres e dos Estados Unidos, — Nações capitalistas por excelencia — são o melhor testemunho de que na Russia o comunismo não foi sinão um logro de que o operario e o camponez foram as vitimas e os martires. Reflete! Busca um regime que mantenha ordem para que possas trabalhar! Um regime que te garanta o lar. Que te assegure o trabalho. Que te permita salario compensador ao teu esforço e capaz de assegurar o bem estar da tua familia. Lê o nosso programa. Medita-o. E depois, cumpre o teu dever, para que isso tudo que almejas e o que tens direito, seja realidade breve!

Mulher brasileira! Escuta! E' a ti o nosso derradeiro pensamento! Tens sido o nume tutelar da Patria Brasileira. Pela tua fé. Pela pureza dos teus costumes! Pela intangibilidade do teu lar.

Pois bem! Teorias exoticas querem destruir a tua fé, arrancando-a ao coração dos teus filhos! Querem destruir a tradição da tua pureza mascarando a prostituição com o divorcio. Querem destruir o teu lar desagregando-o; para mais facilmente desagregarem a Patria! Medita nisso! Lê o nosso programa. E depois cumpre o teu dever, para que a familia brasileira continue a ser o que sempre foi na pureza dos seus costumes, na intangibilidade de seu lar; no acrisolado da sua fé.

Programa minimo do Patrianovismo

Respeito pela religião tradicional dos brasileiros.

Imperador responsavel que reine e governe, escolhendo livremente seus ministros.

Justiça una.

Transformação dos Estados politicamente autonomos em entidades administrativas. Centralização politica e descentralização administrativa.

Organização municipal a base familiar e sindicalista.

Solução do Problema sertanejo.

Reação de toda influencia extrangeira passivel de se tranformar em imperialismo.

Reação contra tudo que, agravando as diferenças regionais inevitaveis, possa comprometer a unidade do País.

BRASILEIROS QUE AINDA TENDES FÉ NO BRASIL:

NÃO DESANIMEIS!

SULISTAS, NORTISTAS, SERTANEJOS, GENTE DE TODOS OS QUADRANDES DA PATRIA, OPERARIOS, SOLDADOS, MARINHEIROS, ARTIFICES DA GRANDESA NACIONAL, ACCLAMAI O VOSSO VERDADEIRO CHEFE, ORITANDO CONCSCO:

VIVA O IMPERADOR!

Centro de Cultura Social Dom Pedro Henrique — Caixa Postal, 552 — Rua 1.º de Março n.º 73 — 2.º andar — Recife.

PULICAÇÃO N.º 2

MANIFESTO DO GRUPO UNIVERSI-TARIO MONARQUICO DO RECIFE

Em 15 De Novembro De 1933 - Quadragesimo Quarto Aniversario Da Proclamação Da Republica No Brasil

DOM PEDRO TERCEIRO

IMPERADOR DO BRASIL

I. H. G. B. ARQUIVO

Coleção Duque Preto.

I. H. G. B. ARQUIVO

Data 495
Pasta 30

Aos Brasileiros, Homens De Fé, Que Sentem A Tristesa De Uma Grande Patria Diminuida; Ás Novas Gerações, Desapegadas Do Democratismo Envelhecido E Falso; Aos que Porque Estudaram A Nossa Historia Sabem Querer, Com Energia, O Advento Do Terceiro Imperio - Os Universitarios Monarquistas Do Recife Dirigem Estas Palavras, Que São Uma Grande Voz Comovida, Que Busca Ter Um Éco Nas Conciencias.

O calendario celebra hoje mais um aniversario da desopilante comedia que foi a instauração da republica no Brasil.

Já hoje qualquer estudante de aula primaria sabe o que foi o golpe de 15 de novembro, em que um pobre marechal dispneico e abulico, empurrado por tres ou quatro doutrinarios mais ou menos lunaticos e por meia duzia de "sabidos", resolveu, depois de hesitações angustiantes e marchas e contra-marchas de um ridiculo indefinivel, derrubar o governo mais estavel, mais livre, mais "democratico", em tudo o que esta palavra ainda tem de apreciavel (expurgada a casca grossa da demagogia delirante) que existia no continente americano. A Nação brasileira por todos os seus elementos de vida, de trabalho, de ação, não foi ouvida nem consultada sobre o grave salto no desconhecido, dado naquela hora por uma minoria de militares insubordinados.

Ninguem queria a republica, ninguem a desejava, não correspondia esse regime a nenhuma aspiração publica...Foi a soldadesca de Deodoro, infima parcela do Exercito, que se aventurou a derrubar o trono, para instaurar o dominio da desordem, da confusão, da anarquia mental, da traição e do "despistamento" em que haveria de culminar a grande farça.

Um dos pro-homens do novo regime haveria de condensar o horror do povo brasileiro deante da escalada de 15 de novembro, com a frase imortal: "O povo recebeu-a bestificado.". Essa a primeira impressão dominante. Depois, quando o Imperador foi banido e a soldadesca de Deodoro—o grande irresponsavel—tomou conta do poder, violando a fé de seus juramentos mais sagrados, veiu o periodo sombrio do "adesismo", a lepra da vida politica brasileira. E foi uma corrida desenfreada ás posições. O Brasil que pensava, que refletia, que sabia apreciar o transe terrivel daquela hora, esse concentrou-se dentro de si mesmo, para chorar em silencio, a grande desgraça. Ha 44 anos que a espada de Deodoro foi desembainhada para consumar a inominavel traição ao seu chefe, ao seu soberano, ao comandante das forças nacionais.

Expulsaram-se do poder homens como D. Pedro II, como Ouro Preto, para substituir por uma tropilha de aventureiros e de arrivistas afortunados. E desde então o Brasil vem atravessando horrorosa Via Crucis.

Na Monarquia, havia honestidade, havia senso de responsabilidade, havia interesse publico, havia a paixão desinteressada da vida civica, havia a noção alta e nobre do patriotismo. A republica varreu tudo isto como frioleiras inuteis.

Em 40 anos, fez-se cair tanto o credito nacional que a palavra do Brasil vale menos do que a da republica da Liberia. Tres moratorias e uma quarta para o ano são um bonito pano de amostra. Inumeros motins, bernardas, intentonas, sublevações, indisciplinas, desprestigio da autoridade, eis o balanço desses quatro tristes e melancolicos decenios, culminando na famigerada "arrancada de outubro" e na comedia da Ditadura Vargas...

Dirigimo-nos a todos os homens de inteligencia e de bôa von-

tade, a todos os homens que trabalham, que produzem, que são capazes de raciocinar e refletir.

Dirigimo-nos á parte sã do Exercito e da Marinha, a essa parte que não se corrompeu, a despeito de tudo, e sabe que a virtude cardeal do soldado é a disciplina e a obediencia. Dirigimo-nos ás classes operarias, ás classes liberais, a todos os brasileiros enfim que sentem a agrura desta hora angustiosa. E perguntamos-lhes: Para onde nos levará esta republica outoniça a "faisendée" que ai se arrasta impando de vaidade, de ridiculo, de impostura?

Que podemos nós esperar dessa Constituinte, que hoje se reune, ostentando no seu seio as mais vazias e as mais sonoras mediocridades, para que se aprove um ante-projeto que os seus proprios autores solenemente repudiam?

E uma resposta, só, se impõe a todo verdadeiro patriota: voltar o Brasil ás suas origens, retornar á sua tradição, restaurar a Monarquia, sob cuja égide conheceu o Brasil um largo periodo de imperial dignidade.

Queremos a Monarquia, com um Imperador responsavel, que reine e que governe; queremos a afirmação de nossa Patria Imperial Brasileira, em todos os seus elementos tradicionais e os novos elementos integrados na nossa terra; queremos a divisão do Pais em menores Provincias, puramente administrativas; queremos a organização sindical das classes profissionais, como base da verdadeira representação nacional; queremos fazer vigorar no Pais a ascendencia dos valores espirituais e morais, golpeados pelo atroz materialismo republicano néo-comtista-bolchevisante; queremos restaurar enfim aquela ditadura que D. Pedro II exerceu sem hesitação: que foi a ditadura da moralidade.

Julgamo-nos no dever de falar neste dia e nesta hora aos brasileiros, sem vacilações nem receios, para lhes dizer a verdade, que a mistificação republicana se esforça em afogar.

Cada um de nós tem um dever a cumprir para com a sua Patria e este dever nós o cumprimos neste dia, esperando que todos concorram para que o Brasil não continúe descontrolado e sem rumo, pasto da ambição, do orgulho e da vaidade de arrivistas afortunados.

O PATRIANOVISMO QUER E CONSEGUIRÁ

Um ESTADO FORTE limitado pelas liberdades municipais, sindicais e corporativas;

Um ESTADO PROTETOR e não apenas um Estado COBRADOR DE IMPOSTOS;

Um Estado que organiza a sua defesa com milicias nacionais para poder ir livremente procurar OS VALORES, estejam onde estiverem, para o serviço da Nação;

Um Estado cuja propria engrenagem REPELE todos os PARASITAS;

Uma ASSEMBLÉA NACIONAL por delegação dos municipios, da Defesa Nacional, da Justiça, das forças economicas e morais do Pais;

Uma Sociedade em que os EGOISMOS são LIMITADOS pelo INTERESSE DA COMUNIDADE;

Uma Escola NACIONALIZADORA e brasileira;

Uma Imprensa ORIENTADA pelo interesse da Nação e pela DEFESA e JUSTA EXALTAÇÃO da PERSONALIDADE HUMANA;

Um Exercito que POSSA BATER-SE, que SAIBA BATER-SE e que SE BATA pela Nação;

A Finança CONDICIONADA;

O Comercio interno DIRIGIDO em harmonia com o interesse justo do consumidor; a exportação nacional PROTEGIDA com tarifas especiais de transportes e com PREMIOS COMPENSADORES;

A COLABORAÇÃO INTIMA das "Pastas Economicas" num plano geral de salvação economica do Pais que em etapas sucessivas e de antemão determinadas vão conquistando o bem estar de todos os trabalhadores;

Medidas revolucionarias que LIMITEM os GRANDES ORDENADOS enquanto subsistir o desemprego;

Medidas revolucionarias que GARANTAM a todos os brasileiros que podem trabalhar o seu DIREITO Á VIDA;

QUEM TRABALHA DEVE TER PÃO;

RESPEITO pela Religião Tradicional dos Brasileiros;

LUGAR AOS NOVOS;

A organização do País em função da sua vida MUNICIPAL, REGIONAL e ECONOMICO-SOCIAL;

A Corporação como forma de estabelecer o ACORDO entre os Sindicatos dos diversos elementos da produção;

A Corporação como base juridica da COLABORAÇÃO entre a PROPRIEDADE e o TRABALHO;

A Corporação como meio de VALORIZAR e ASSISTIR todos os trabalhadores;

A PARTICIPAÇÃO dos trabalhadores nos lucros das empresas através das diversas formas de acionariado (ações operarias, etc.);

HABITAÇÕES higienicas para os trabalhadores fornecidas com pagamento a largos prasos, pelas Corporações com AMORTIZAÇÕES DIMINUTAS E JUROS COMPORTAVEIS com o salario;

BANCOS OPERARIOS para estimulo das iniciativas dos trabalhadores. Credito individual com a base no salario;

SALARIO FAMILIAR MINIMO;

Horario de trabalho em harmonia com as necessidades do desemprego e das conquistas sociais;

FERIAS PAGAS e organização de horas de ocio, depois de periodos regulamentares de trabalho;

Possibilidade de TORNAR PROPRIETARIOS todos os que trabalham a terra respeitando o direito de propriedade, mas realizando através da Corporação os meios necessarios para a creação de glebas de familia ou de formas coletivas de produção agricola;

SALVAÇÃO DAS CLASSES MEDIAS — lavoura, comercio, industria — pelo credito fornecido a largos prasos e a juros modicos;

A defesa CONTRA A USURA, — impedindo a ruina das classes medias, através duma MORATORIA de TRES ANOS para todas as execuções judiciais que afetem a lavoura, o comercio, a industria.

A ORGANIZAÇÃO RACIONALIZADA dos serviços publicos;

EQUIPARAÇÃO de vencimentos do funcionalismo por categorias de trabalho, ORDENADO FAMILIAR, seguros contra a doença, educação dos filhos, outras formas de assistencia social. Novo processo de promoções tendo em atenção o merito, o zelo do funcionario a revisão do atual criterio de apresentações.

Ensino GRATUITO em todos os graus para os brasileiros que não tenham meios proprios, embora dentro do criterio de seleção de aptidões;

Leis de proteção moral e material á familia tornando-a mais estavel, com precauções pre-nupciais, com a garantia do casal de familia TORNANDO POSSIVEL e OBRIGATORIO pela ajuda da Corporação;

Proteção á economia-nacional pela criação de grandes ESTOQUES COMPENSADORES que evitem a especulação na alta ou na descida dos preços;

Nacionalização das grandes empresas sempre que o interesse publico o torne necessario;

Organização do Exercito numa base de especialização e tecnicidade propria, alheio sempre ás contendas politicas, devidamente pago e bem armado;

Justiça gratuita nos tribunais para os pobres.

NOTA — Este manifesto que deveria ser divulgado no dia 15 de novembro de 1933, na imprensa independente, teve sua publicação proibida pela censura das autoridades republicanas que servem á Ditadura.

COLÉGIO SÃO JOAQUIM
INTERNATO — EXTERNATO
Cursos { PRIMARIO - ADMISSÃO
GINASIAL - CIENTIFICO
LORENA — (Est. S. Paulo)

Lorena, 7 de junho de 1951

Ilmo. Sr. Prof. Arlindo Veiga dos Santos

Laus Deo.

Não queira estranhar esta carta. Trata-se do seguinte:

A Inspetoria Salesiana do Sul do Brasil está organizando a Faculdade Salesiana de Filosofia, Ciências e Letras, com sede em Lorena, no Colégio São Joaquim, para os Seminaristas Salesianos, a fim de prove-los do título de professor secundário.

Para a autorização de seu imediato funcionamento, que esperamos seja em 1952, torna-se necessário apresentar ao Govêrno um grupo de professores de nomeada.

Falando com o Sr.Pe. Inspetor, Pe. Melo e Pe. Diretor do Liceu, indicou-se o seu nome para a cadeira de GEOGRAFIA DO BRASIL. É natural que o Sr. não disporá de tempo para vir lecionar aquí. Um dos nossos dará as aulas sob sua orientação.

Emprestando-nos o Sr. o prestígio do seu nome é mais uma cooperação intelectual e eficacíssima que faz aos Salesianos.

Quso pedir-lhe com urgência os dados necessários para apresentar ao Ministério o seu curriculum vitae.

Os filhos de D. Bosco ficam-lhe gratíssimos.

Queira aceitar um cordial abraço de seu admirador.

Rvmo.Sr.
P.e Stringari. Laus Deo.

Para os meus caros amigos Salesianos, tudo.
Se tão pouco lhe basta, aí vai com todo o coração.
às suas inteiras ordens,

Pe. José P. Stringari
Diretor.

12.6.51.

Pa. o Aaronisbaty.

CURRICULUM VITAE
de

Arlindo (José) VEIGA DOS SANTOS

(O nome total seria "Arlindo José da Veiga Cabral dos Santos")

Nacionalidade -- Brasileira.

Nascido em ITU (São-Paulo, BRASIL), a 12.2.1902.

Formatura principal -- Diplomado na Faculdade de Filosofia e Letras de São-Paulo (actual S.Bento da Pontifícia Universidade Católica de São-Paulo), agregada à Universidade de Lovâina, Bélgica.

Actividades literárias -- Antigo director, redactor e colaborador de vários jornais e revistas, como: "Mensageiro da Paz", "Diário Paulista", "O Século" (editoriais de doutrinação social e política), "O Bibliófilo" (orientação literária), "Santa Cruz" (ficção e poesia), "Pátria-Nova" e "Império" (orientação filosófica, política, sociológica e de revisão histórica), "Revista da Fac. de Filosofia e Letras de S.Paulo"-- S.Bento (filosofia política), "Reconquista" (história e filosofia política, "Gil Vicente", revista portuguêsa de Guimarães (literatura), etc., etc.

Actividades sociais, culturais e políticas -- Fundador principal de PÁTRIA-NOVA (centro cultural monárquico e de acção política) -- mais tarde também chamado "Acção Imperial Patrianovista Brasileira"-- que veio a publicar em todo o País revistas, boletins, jornais e obras de grande repercussão internacional entre 1929 e 1937. Antigo presidente geral da Frente Negra Brasileira, [illegible] valiosa obra nacionalista e humanitária de levantamento cultural, social e económico da gente negra brasileira. Membro militante do antigo Centro Dom Vital (secção de São-Paulo). Membro do Instituto de Direito Social, da Associação Paulista de Escritores, da Academia Brasileira de Ciências Sociais e Políticas. Antigo membro da API (Associação Paulista de Imprensa), Sócio de Honra do Círculo Sueco Luso-Brasileiro de Estocolmo (Suécia), etc..

Títulos -- Ex-professor de Direito Constitucional e História da Agricultura, Indústria e Comércio, da E.T. do Ateneu Rui Barbosa. Ex-professor de Filosofia, Sociologia e História do Curso de Formação Social da FNB. Ex-professor de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Letras de Campinas. Prof. de História da América da Fac. de Filosofia, Ciências e Letras de S.Bento (Pont. Univ. Cat. de São-Paulo) e substituto nas cadeiras de Hist. do Brasil e Sociologia, na mesma. Prof. de Psicologia e Lógica da Fac. de Estudos Económicos do Liceu Sagrado Coração de Jesus, em São-Paulo. -- Especialização em Ética e Filosofia Política.

Algumas obras -- CONTRA A CORRENTE (política). PARA A ORDEM NOVA (sociologia e política). DO GOVÊRNO DOS PRÍNCIPES (filosofia política), tradução do latim, anotações e comentários. EVOCANDO O PASSADO (história), em colaboração. ECOS DO REDENTOR, ensaios de religião, história e política. AMAR... E AMAR DEPOIS, SATANÁS, INCENSO DA MI-

NHA

MINHA MISÉRIA, BRASILEIROS, ÀS ARMAS!, A LÍRICA DE LUÍS GAMA, história e crítica literária. O ESPERADOR DE BONDES, novela social. ORGÂNICA PATRIANOVISTA (em colaboração), estudo filosófico, histórico-político e económico. -- Traduções várias do latim, espanhol, italiano, francês, inglês. -- Conferências sôbre Filosofia, História, Sociologia, Religião, Direito, etc.

Autoridade Social -- Continua como Chefe Geral da Acção Imperial Patrianovista Brasileira, da qual é autoridade natural, em virtude de haver sido o fundador principal e definidor doutrinário desde a aparição em 1928.

Cidade de São-Paulo, Brasil.
Abril de 1952.

CÓPIA DO CURRICULUM VITAE
mandado aos Salesianos de Lorena.

Nome -- Arlindo (José) VEIGA DOS SANTOS
N.B. -- Há muito não uso o "José".

Filiação -- Josão Benedito dos Santos e Josefina da Veiga Cabral dos Santos.

Nacionalidade -- Brasileira.

Nascido em -- I t u (S.Paulo).

Nascido a -- 12 de fevereiro de 1902.

Diplomas e número de registro -- Diploma de Filosófia e Letras pela Faculdade de Filosofia e Letras de S.Paulo (actual S.Bento da Pont. Univ. Católica), agregada a Lovaina, registr. sob nº 87/4260 a 17.10.1938 no DNE. -- Registro Gimnasial e Colegial, nº 11.843.

Trabalhos (Actividades exercidas) :- Antigo director e redactor de vários jornais e revistas. Colaborador. Professor nos cursos secundário e superior. Fundador de Pátria-Nova, acção cultural política. Membro do Instituto de Direito Social. Escritor e poeta com muitas obras publicadas, etc.

(E.T.-- Nos cursos secundário, superior e técnico).

Títulos -- Ex-Professor da Faculdade de Filosofia de Campinas. Professor actual (já há dez anos) da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Pontif. Univ. Catól. de S.Paulo. Obras publicadas de vária espécie, Etc.

Trinta e três anos (33) de magistério, iniciado em 1917.

Professor da Faculdade de Estudos Económicos do Liceu Coração de Jesus, da Pontif. Univ. Cat. de S.P.

ARLINDO VEIGA DOS SANTOS	FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS "S. BENTO", Univ. Cat. de São-Paulo	SÃO-PAULO	SÃO-PAULO
Nome do Professor	Faculdade ou Escola e Universidade	Município	Estado ou Território

Modêlo

Presidência da República
COMISSÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR
Secretaria-Geral

REGISTRO DE PROFESSÔRES
Fôlha individual

Instruções para o preenchimento desta Fôlha

1. As fôlhas dêste "Registro" deverão ser preenchidas a máquina, com uma cópia, por todos os professôres da Faculdade ou Escola.
2. A 1ª via (o original) deverá ser encaminhado, com urgência, à Secretaria-Geral da COMISSÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR - Ministério da Educação e Saúde - 9º andar - D.F. - Brasil.
3. A cópia ficará na Secretaria da Faculdade ou Escola, que se encarregará da sua atualização, anotando todos os fatos, à mesma relacionados, à medida que forem ocorrendo.
4. Tôdas as alterações ou novas anotações introduzidas na "FÔLHA DE REGISTRO" em poder da Secretaria da Faculdade ou Escola, deverão ser comunicadas à Secretaria-Geral da Comissão, no endereço referido.

A - DADOS INDIVIDUAIS

1. Nome completo do Professor Arlindo (José da) Veiga dos Santos
2. Nacionalidade brasileira
3. Naturalidade Estado de Itu.
(Estado, Cidade e Lugar onde nasceu)
4. Data do nascimento 12 de fevereiro de 1902
5. Sexo masc. 6. Estado Civil casado
7. Línguas que fala Port., Franc., Inglês, Espanhol, Italiano...

Cole ou grampeie aqui uma fotografia recente.

8. Endereços Rua dos Capitães Generais, 121.
9. Afastamento definitivo do magistério: a) data ..... b) causa .....
10. Falecimento: a) data ..... b) causa .....

B - ESTUDOS E GRAUS

1. Estudos pré-universitários, indicando as respectivas datas Curso ginasial no Colégio São Luís, de Itu, S. Paulo, de 1914 a 1917 inclusive, e antigo Ginásio Nossa Senhora do Carmo, da mesma Cidade de Itu, de 1918 a 1919.
2. Estudos universitários (complementares, especializações etc.) Curso de Filosofia e Letras da Faculdade de Filosofia e Letras de S. Paulo (atual "de S. Bento"), agregada à Univ. de Lovânia (Bélgica). Especialização como professor de inglês, curso de férias da UCRGU.
3. Graus acadêmicos, títulos profissionais que possui e instituições que os outorgaram Bacharel em Filosofia e Letras (v. nº 2)
4. Especialidade científica ou profissional Ética e Fil. Política

C - CARGOS E FUNÇÕES

1. Cátedra(s) que professa nesta ou noutras Faculdades ou Escolas Universitárias e desde quando a(s) serve .....
.....
.....

2. Categoria que tem no quadro docente (catedrático, adjunto, assistente, instrutor, auxiliar, interno, livre-docente etc.) esclarecendo se é efetivo, interino, contratado ou comissionado .....
.....
.....

3. Outras funções universitárias que desempenha (como chefia de Departamento, Instituto, Cursos de férias etc.) .....
.....
.....

4. Funções ou cargos não universitários que exerce .....
.....

D - OBRAS E TRABALHOS PUBLICADOS

.....
.....
.....
.....

E - VIAGENS AO ESTRANGEIRO

1. Países visitados e data aproximada das visitas .....
.....
.....
.....

F - DISTINÇÕES OU HONRAS

.....
.....
.....

G - CONGRESSOS E CONFERÊNCIAS

.....
.....
.....

H - OBSERVAÇÕES COMPLEMENTARES

.....
.....
.....
.....

Lugar e data .....

.....
Assinatura do Professor

C -- CARGOS E FUNÇÕES

1. HISTÓRIA DA AMÉRICA (O primeiro a professá-la nesta Faculdade desde o início) e História do Brasil (ocasionalmente Sociologia), nesta Faculdade; Filosofia, na Faculdade de Ciências Económicas (cadeira suplementar) do Liceu Sagrado Coração de Jesus, nesta capital; Filosofia (Introdução e Lógica), na Faculdade de Filosofia de Campinas; Geografia Humana, na Faculdade de Filosofia de Lorena (catedrático).

2. -- Na primeira, professa desde 1942; na segunda, lecionou dois anos (1950-51); na terceira, actuou em 1942-43; na última, ainda não professou por não se ter iniciado a disciplina.

2. A não ser na Faculdade de Filosofia de Lorena, onde é CATEDRÁTICO, nas mais é contratado.

3. Nenhuma.

4. Nenhuns.

D -- OBRAS E TRABALHOS PUBLICADOS

1) Contra a corrente (política). 2) Para a ordem nova (sociologia e política). 3) Do govêrno dos príncipes (trad. e anotação, original latino; filosofia política). 4) As raízes históricas do Patrianovismo (história e política). 5) Evocando o passado (história; em colaboração). 6) Ecos do Redentor (religião, história e política). 7) Amar... e amar depois; 8) Satanás; 9) Incenso da minha miséria; 10) Brasileiros, às armas! (poesia). 11) A lírica de Luís Gama (história e crítica literária). 12) O esperador de bondes (novela social). 13) Orgânica Patrianovista--em colaboração-- (estudo filosófico, histórico-político e económico). -- 14) Artigos e conferências sôbre vária matéria. -- 15) Traduções diversas do latim, espanhol, italiano, francês e inglês. -- 16) Direcção de periódicos como Pátria-Nova (política, sociologia e história), O Bibliófilo (literatura), Mensageiro da Paz (religião), O Século (religião e política). Etc., etc..

E -- VIAGENS AO ESTRANJEIRO

Nenhuma.

F -- DISTINÇÕES OU HONRAS

A não serem conquistas do próprio esfôrço, nunca recebeu distinções ou honras notáveis da parte de ninguém, a não ser do CÍRCULO SUECO LUSO-BRASILEIRO DE ESTOCOLMO (Suécia), do qual é Sócio de Honra por decisão unânime da assembléia geral do mesmo.

G -- CONGRESSOS E CONFERÊNCIAS

Sòmente do ambiente católico: Congresso da Mocidade Católica, Congresso de Educação do Centro Dom Vital (secção de S.Paulo), Congresso Eucarístico, etc.

H -- OBSERVAÇÕES COMPLEMENTARES

Actividades sociais, culturais e políticas -- Fundador principal e orientador de Pátria-Nova (centro monarquista de cultura social e política), mais tarde também chamado "Acção Imperial Patrianovista Brasileira" (1928), que veio a publicar em todo o País revistas, boletins, jornais e obras de grande repercussão internacional entre 1929 e 1937, além de assás influir na marcha do pensamento político nacional. -- Antigo Presidente, digo -- Continua Chefe Geral dêsse movimento cultural-político, reiniciado em 1945. -- Antigo Presidente Geral, por aclamação, da "Frente Negra Brasileira", realizadora

eficiente de valiosa obra nacionabista e humanitária de levantamento cultural, social e económico da gente negra. -- Membro militante do antigo Centro Dom Vital, secção de S.Paulo. -- Membro do Instituto de Direito Social, da Sociedade Paulista de Escritores, da Sociedade de Estudos Filológicos, da Academia Brasileira de Ciências Sociais e Políticas. Antigo membro da API (Associação Paulista de Imprensa), Sócio de Honra do Círculo Sueco Luso-Brasileiro (Suécia), etc..

Cidade de São Paulo, 24 de julho de 1952

Arlindo VEIGA DOS SANTOS

SUGESTÕES FEITAS

Na minha cadeira HIST. DA AMÉRICA, creio apenas que conviria ser desdobrada em Latino-Hispânica e Anglo-Saxónica. A primeira permaneceria com o detentor da cadeira; a segunda seria confiada a um assistente. Isso, para conservar a unidade interna da disciplina e integridade de orientação. O assistente seria indicado pelo professor em actividade, "ad referendum" Do CTA.

Na cadeira de HISTÓRIA DO BRASIL, seriam longas demais as sugestões, e não interessam tanto à minha faculdade, como às faculdades tôdas de filosofia.

Remeto-o, pois, a outra oportunidade.

(4. Matéria que leciona. "Efectivamente" HIST. DA AM., de facto inaugurada por mim na Faculdade . Acidentalmente, também professo HIST. DO BRASIL e SOCIOLOGIA).

Informação à
Presidência da República
Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
sob a presidência do Ministro da Educação
Secretaria Geral

"Consulta sôbre as necessidades quantitativas do País em relação ao Corpo Docente das Escolas Superiores"

Julho de 1952

OUTRA SUGESTÃO FEITA

Na minha cadeira de HISTÓRIA DA AMÉRICA, creio que conviria, no mínimo, haver desdobração em Latino-Hispânica e Anglo-Saxónica. A primeira permaneceria com o detentor da cadeira; a segunda seria confiada a um assistente. Isso, para conservar a unidade interna da disciplina e integridade de orientação! O assistente seria indicado pelo professor em actividade, "ad referendum" do CTA.

Muito se poderia alegar a favor do dito desdobramento. A maior razão é o facto de não haver uma só América, a não ser no sentido geográfico. Diversas são as culturas e quádrupla a origem delas. Não pode haver um só pensamento histórico e muito menos um só pensamento político em face dessa realidade suprema que é a diversidade do passado. Ora, a história versa sôbre o passado e não sôbre ideais prègados no presente. Quanto à unidade interna e orientação de que acima falámos, é problema da Filosofia da História, dependente da cátedra.

No tocante à HISTÓRIA DO BRASIL, seriam longas demais as sugestões, e não interessam tanto a esta Faculdade, como às Faculdades tôdas de Filosofia.

Não me cabe alongar-me sôbre o assunto.

Arlindo VEIGA DOS SANTOS
Guarulhos, 14.7.54.

Chefia Geral Patrianovista

Imperial Cidade de S. Paulo de Piratininga

Império do Brasil

1972

PROGRAMA
DA
AÇÃO IMPERIAL PATRIANOVISTA BRASILEIRA

no sesquicentenário do Império Brasileiro e do Imperador Dom Pedro I

I. CREDO. — *Respeito às prerrogativas essenciais da Religião da Nação Brasileira.*

Com efeito, o Estado ateu, irreligioso, arreligioso ou agnóstico não tem padrão seguro para aquilatar os valores morais, para julgar sob o critério do justo e o injusto, do bem e do mal, desprezando por conseguinte a Lei de Deus (que ninguém pode ignorar como se não existisse),o que não se compadece com uma NAÇÃO que nasceu Católica e Monárquica à sombra da Cruz de Cristo e do Real Estandarte da Ordem de Cristo. Por desconhecê-lo é que a república tem sido (ainda abstraindo-se do caráter ânti-nacional da mesma) a fonte copiosa de tôdas as imoralidades públicas e privadas.

II. MONARQUIA. — *Imperador responsável que reine e governe, escolhendo livremente os seus ministros. Base MUNICIPAL SINDICALISTA (corporativa) da organização do Estado Imperial (Orgânico). Direitos majestáticos da Dinastia Nacional, aclamada pela Nação no fundador político da Pátria Imperial Brasileira, Dom Pedro I, e agora representado por Dom Pedro III, isto é, Dom Pedro Henrique de Bragança, descendente dos Reis e Imperadores que, juntamente com aquêles dignos homens de que somos também descendentes — os nossos bons Avós estadistas, fazendeiros, lavradores, trabalhadores, industriais, cabos-de-guerra, soldados, mercadores, marinheiros — fizeram a grandeza antiga, a felicidade e o prestígio do Brasil.*

(Explicação necessária — *PROCURADORES DO POVO. Serão representantes do povo e auxiliares do Imperador, nos Conselhos e nas Câmaras, os* verdadeiros *procuradores das classes produtoras e intelectuais (operários, técnicos, patrões, represen-*

tantes da Cultura), o que evita a exploração demagógica individualista dos politiqueiros irresponsáveis, inimigos do bem comum da multidão, fomentadores de desordens, dilapidadores da fortuna, perturbadores da paz e prosperidade pública, amiúde agentes do interêsse estrangeiro.

Muitas Sociedades, Associações, Ordens, Institutos, Sindicatos, FUTUROS BRAÇOS DESSA LEGÍTIMA REPRESENTAÇÃO «ORGÂNICA», já existem naturalmente *(máxime desde 1931). Isso sem nos referirmos às eternas instituições, Igreja e Milícia. A quem alegar ignorantemente ser isso «fascismo», convidamo-lo a estudar história, sociologia e política; replicamos-lhe, demais a mais, que pomos o Brasil acima dos chavões criados pela conspiração internacional dos traidores das pátrias. — ESTADO ORGÂNICO, REPRESENTAÇÃO PELA FAMÍLIA E O TRABALHO. Por meio das CORPORAÇÕES social-económicas e culturais (clero, magistério, fôrças armadas, artes liberais e mecânicas, agricultura, indústria, comércio, transportes, jornalismo, radialismo, etc.),* autónomas *dentro da Orgânica Imperial, por tanto não fascistas, estatistas ou socialistas — garantir-se-á todo o bem familiar, social económico e cultural da Nação, dos Produtores, tendo os Chefes de família a sua benéfica influência e representação nos Conselhos Municipais, pois êles, os Chefes de famílias são imagem do IMPERADOR que é Chefe da Família Dinástica, hieràrquicamente a primeira Família brasileira.*

Isso tudo impede a formação criminosa do capitalismo ladrão, de «trusts» e camorras agrícolas, comerciais e industriais, que saqueiam o Povo Brasileiro e lhe dificultam a vida; reprime a voracidade do fisco contra a PRODUÇÃO NACIONAL, bem como proscreve os conluios politiqueiros manejadores do voto individualista (que nada representa), os quais ardilosamente exploram o povo em nome do povo *ou em nome do que chamam de* democracia *(têrmo equívoco) para melhor engambelarem os incautos contentáveis com «palavras bonitas» a prazos certos — vésperas de eleições.*

III. PÁTRIA E RAÇA. — *Afirmação da Pátria Imperial Brasileira; sua valorização espiritual (religiosa, intelectual e moral), física e económica. Proteção e defesa da Família contra os males modernos. Afirmação da Raça em todos os seus elementos*

tradicionais e novos-integrados (filhos de estrangeiros). Solução séria e definitiva do problema negro-índio-sertanejo e de todos os marginais. Formação e valorização física, intelectual e religioso-moral nacionalista da Raça. Resolução dos problemas de migração, imigração e colonização. Definição da situação do estrangeiro no Império. Reação contra tôdas as formas do Imperialismo estrangeiro no Brasil.

IV. NOVA DIVISÃO ADMINISTRATIVA — CONCENTRAÇÃO POLÍTICA E DESCENTRALIZAÇÃO ADMINISTRATIVA. CAPITAL NO CENTRO DO IMPÉRIO. — *Divisão do País em províncias menores puramente administrativas. Educação contra o mau espírito regionalista e a favor do Município, célula do Estado Imperial. — Fundamentação em base sólida da Unidade Nacional sem prejuízo das legítimas liberdades provinciais, e, sobretudo, da Autonomia dos Municípios, células políticas do Estado Imperial, garantindo-lhes uma vida local forte e livre em união estreita política orgânica com o Centro (CÔRTE), colocado realmente no centro geo-económico do Império. Aí se concentrará tôda a nossa vida nacional orgânica política, económica e militar defensiva e ofensiva com irradiação para a periferia, por um sistema de circulação rápida e eficiente (rodovias, ferrovias, rios, canais, aerovias). Neste artigo* Pátria-Nova *firma o princípio de que* unidade não significa uniformidade, *ao contrário do monismo totalitário da democracia republicana.*

O Brasil é uma UNIDADE e não uma soma de «unidades federativas» como os Estados Unidos. Cumpre, portanto, continuar o processo histórico da cissiparidade territorial do Império, criando novas províncias (aspiração aliás de muitas regiões do País, obstada pelos preconceitos e princípios falsos e ânti-nacionais estrangeiristas-republicanos), segundo um justo e proveitoso critério geopolítico, económico e administrativo, para maior bem do Trabalho nacional e expansão demográfica. Nisto como em tudo, é a nossa História e não a dos outros povos que principalmente nos deve ensinar.

V. EDUCAÇÃO, DEFESA NACIONAL E POLÍCIA. — *Disciplina espiritual como base de tôdas as outras. Cultura filosófica cristã segundo os princípios do Estado Imperial Orgânico. Como princípio, o Estado Imperial terá no ensino mera função*

supletiva e fiscalizadora da idoneidade da educação ministrada pelos particulares (indivíduos, famílias ou institutos). — Elevação do nível cultural total das fôrças militares. Nobilitação *(Reação contra os desmoralizadores prêmios «monetários» ao mérito). Serviço militar obrigatório condicionado aos outros interêsses nacionais. — Promoção das indústrias básicas metalúrgicas e siderúrgicas (agora também desenvolvimento das atômicas). Previsão de indústrias mobilizáveis para a guerra. Planejamento de mobilização e defesa da frente interna. Eficiência técnica. — Desenvolvimento dos quadros do oficialado para enquadramento mobilizatório eficaz e rápido. Previsão da produção no tempo de beligerância. — Reaparelhamento da Armada à altura da vocação e missão internacional do Brasil. — Idem da Aeronáutica. — Polícia Militar nacionalizada e apropriada aos seus fins. — Restabelecimento da Polícia Municipal com o caráter de auxiliar.*

VI. JUSTIÇA. — *Reposição da Justiça nos princípios cristãos e rigor na sua observância. Unidade de Justiça e de Processo. Assistência judiciária. Elevação do nível moral da magistratura. Nôvo sistema penitenciário ou prisional.* Nobilitação.

VII. POLÍTICA INTERNACIONAL. ENTENDIMENTO ESPECIAL *LUSÍADA* (BRASIL-PORTUGAL), INTEGRAÇÃO DO MUNDO HISPÂNICO.

Realizados os itens anteriores, já se terão firmado perfeitamente a paz e prosperidade internas do Império. Cumprirá, todavia, no plano internacional, voltar à nossa antiga alta posição diplomática e de prestígio mundial. Estabelecer uma política internacional altiva e cristã. Há-de-se começar por um sistema de alianças fundamentais *baseadas em nossas tradições «de família» lusitana ou LUSÍADA (Política Atlântica) e, mais extensamente, hispânicas e neo-hispânicas (sem desprêzo dos compromissos legítimos e tradicionais já existentes), o que contribuirá para a paz internacional e o bem da Cristandade restaurada, pondo-nos em situação de baluarte poderoso da defesa do Ocidente cristão e católico. Seremos então um aliado respeitável porque forte.*

N. B. — Êste programa é apenas síntese das bases da **Ação Imperial Patrianovista Brasileira**, fundada em 1928 e dissolvida por ocasião do **Estado Nôvo**. A obra **«Orgânica Patrianovista»** explica mais largamente a teoria de **Pátria-Nova**.

G.S.S.T.! Rio de Janeiro, 8 de Outubro de 193

Illm° Sr. Elias Domit
Chefia Provincial de S. Cathari
Porto - Uniao.

Viva o Imperador

Profundamente contrariada com a desmoral
narchismo em geral graças á indisciplina, tud
zer os responsaveis a uma comprehensao mais e
tes aos verdadeiros chefes, a Chefia do Rio d
ar-se por completo de todos os dissidios, com
companheiros todos quantos trabalharem com co
victoria da Causa commum. Em taes condiçoes,
mento de todas as lutas entre monarchistas,
e auxiliando na medida de suas forças a todos quantos se decidirem a deixar as palavras para entrar no terreno dos factos.

Sigo na semana proxima para o Norte, onde visitarei e inspeccionarei pessoalmente todos os Centros e Chefias, entendendo-me pessoalmente com os Chefes para o proximo Congresso Monarchista a realizar-se dos dias 2 a 5 de Dezembro em Petropolis e ao qual já adheriram quasi todos os chefes provinciaes activos. Substituir-me-á interinamente na Chefia o Sr. Miguel Alvim Filho, que aliás acaba de chegar de Bello Horizonte onde foi representar esta Chefia na solemnidade da inauguraçao da séde do Centro Visconde de Ouro Preto, da capital mineira. Amanha segue para Minas o nosso thezoureiro sr. Sergio de Mello e Alvim, em viagem de inspecçao aos nucleos do interior. Tudo isto custa dinheiro, mas os resultados estao compensando. Nao me queixo de estar dando para o movimento mais de 500$000 mensaes, eu que sou pobre e nao tenho de onde tirar senao do meu trabalho.

Sobre a questao das camisas, já expliquei-lhe sufficientemente as razoes pelas quaes nao é possivel a sua adopçao geral. A camisa azul nao só é o uniforme dos fascistas inglezes, como da "legiao autonomista", partido do ex-prefeito Pedro Ernesto desta capital. Junto envio-lhe um recorte do "Globo" de 6 do corrente, pelo qual verá como seria desmoralizada a camisa-azul no Rio de Janeiro. Isto nao impediria que esse uniforme fosse usado pelos trabalhadores de S. Catharina, uma vez que a branca suja muito facilmente. Varias vezes o sr. Pedro Ernesto fez desfilar nesta capital os seus "camisas azues", recrutados entre a peor gente do Rio de Janeiro... Esta Chefia nunca deixa de attender ás suggestoes dos bons correligionarios senao quando fortes razoes se oppoem a isso.

Relativamente á obediencia ao Principe, se o amigo me enviar uma copia da carta de D. Pedro Henrique approvando a "camisa azul" ou outra qualquer providencia, comprometto-me sob palavra de honra a acatal-a immediatamente. Obedecemos tanto a Sua Alteza, que se amanha elle nomear chefe geral o Auler ou o Pagano, nós nos submetteremos sem discussoes, mostrando assim que nao nos movem interesses subalternos, mas os altos e respeitaveis interesses da Causa monarchista.

A Chefia do Rio de Janeiro nao deseja obrigar nenhum companheiro a submetter-se pela violencia ou pela prepotencia, nem nos utilizamos de processos menos recommendaveis fallando em nome do Principe D. Pedro Henrique para impressionar os incautos. Os nossos methodos

...proprio de administração.

ERAM MESMO AZUES AS DUAS MIL CAMISAS...

O que ouvimos do secretario das Finanças da Prefeitura

Noticiámos, ha poucos dias, a descoberta, na Prefeitura, de um processo relativo á compra, com o dinheiro da Municipalidade de duas mil camisas pela importancia de vinte contos de réis. Esse processo, uma vez que se presume irregularidades a seu respeito, foi encaminhado pelo secretario das Finanças ao prefeito interino, que o remetteria á Commissão de Inquerito.

Ignorava-se, até então, de que especie seriam essas camisas. Agora, de accôrdo com a informação que nos prestou o proprio Sr. Mario Piragibe, confirmando as nossas suspeitas, sabe-se que ellas eram azues e destinadas á famosa legião do Sr. Pedro Ernesto.

G.S.S.T.! Rio de Janeiro, 8 de Outubro de 1936

Illm° Sr. Elias Domit
Chefia Provincial de S. Catharina
Porto - Uniao.

Viva o Imperador!

Profundamente contrariada com a desmoralização crescente do monarchismo em geral graças á indisciplina, tudo tendo feito para trazer os responsaveis a uma comprehensao mais alta dos deveres inherentes aos verdadeiros chefes, a Chefia do Rio de Janeiro decidiu alhear-se por completo de todos os dissidios, considerando como irmaos e companheiros todos quantos trabalharem com convicçao e decencia pela victoria da Causa commum. Em taes condiçoes, deixa de tomar conhecimento de todas as lutas entre monarchistas, acatando fraternalmente e auxiliando na medida de suas forças a todos quantos se decidirem a deixar as palavras para entrar no terreno dos factos.

Sigo na semana proxima para o Norte, onde visitarei e inspeccionarei pessoalmente todos os Centros e Chefias, entendendo-me pessoalmente com os Chefes para o proximo Congresso Monarchista a realizar-se dos dias 2 a 5 de Dezembro em Petropolis e ao qual já adherîram quasi todos os chefes provinciaes activos. Substituir-me-á interinamente na Chefia o Sr. Miguel Alvim Filho, que aliás acaba de chegar de Bello Horizonte onde foi representar esta Chefia na solemnidade da inauguraçao da séde do Centro Visconde de Ouro Preto, da capital mineira. Amanha segue para Minas o nosso thezoureiro sr. Sergio de Mello e Alvim, em viagem de inspecçao aos nucleos do interior. Tudo isto custa dinheiro, mas os resultados estao compensando. Nao me queixo de estar dando para o movimento mais de 500$000 mensaes, eu que sou pobre e nao tenho de onde tirar senao do meu trabalho.

Sobre a questao das camisas, já expliquei-lhe sufficientemente as razoes pelas quaes nao é possivel a sua adopçao geral. A camisa azul nao só é o uniforme dos fascistas inglezes, como da "legiao autonomista", partido do ex-prefeito Pedro Ernesto desta capital. Junto envio-lhe um recorte do "Globo" de 6 do corrente, pelo qual verá como seria desmoralizada a camisa-azul no Rio de Janeiro. Isto nao impediria que esse uniforme fosse usado pelos trabalhadores de S. Catharina, uma vez que a branca suja muito facilmente. Varias vezes o sr. Pedro Ernesto fez desfilar nesta capital os seus "camisas azues", recrutados entre a peor gente do Rio de Janeiro... Esta Chefia nunca deixa de attender ás suggestoes dos bons correligionarios senao quando fortes razoes se oppoem a isso.

Relativamente á obediencia ao Principe, se o amigo me enviar uma copia da carta de D. Pedro Henrique approvando a "camisa azul" ou outra qualquer providencia, comprometto-me sob palavra de honra a acatal-a immediatamente. Obedecemos tanto a Sua Alteza, que se amanha elle nomear chefe geral o Auler ou o Pagano, nós nos submetteremos sem discussoes, mostrando assim que nao nos movem interesses subalternos, mas os altos e respeitaveis interesses da Causa monarchista.

A Chefia do Rio de Janeiro nao deseja obrigar nenhum companheiro a submetter-se pela violencia ou pela prepotencia, nem nos utilizamos de processos menos recommendaveis fallando em nome do Principe D. Pedro Henrique para impressionar os incautos. Os nossos methodos

são de absoluta lisura e honestidade, pois para fazermos politicalha de deslealdades, intrigas e despistamentos, nada melhor do que ficarmos republicanos. Os nossos archivos aqui estao ao dispor de todos quantos desejem consultal-os e muitos companheiros do interior teem-se convencido da verdade lendo esses archivos. Quanto aos sacrificios, nao nos queixamos delles, porque ninguem nos obrigou a fazel-os. Pelo contrario, quando entra um novo patrianovista, nós sempre lhe dizemos que pense bem antes de entrar, pois o nosso movimento é todo feito de sacrificios e de renuncias expontaneas.

Estamos conseguindo optimos resultados com a nossa POLITICA de harmonia, pois muitos Centros de Pernambuco, da Parahyba e de Alagoas, que ficaram com a Acçao Monarchista Brasileira (Auler), estao nos escrevendo para hypothecar irrestricta solidariedade na campanha de pacificaçao e moralizaçao do monarchismo brasileiro. Aos Centros que nada possuem senao no papel, temos recusado o nosso reconhecimento, pois a condiçao "sine qua" para ter o nosso auxilio e solidariedade, é possuir séde propria, organizaçao effectiva, orçamento, fichario e correspondencia semanal. Para esta Chefia, os Centros que nao possuem isso nao existem e portanto nao podemos nem devemos contar com elles.

Communico ao prezado amigo que por occasião das perseguições feitas aos nossos correligionarios de S. Catharina e Paraná, esta Chefia telegraphou aos governadores desses estados RESPONSABILISANDO-SE PELOS ACTOS DA CHEFIA DE S. CATHARINA. Caso o amigo insista na intençao de romper todos os laços com a Chefia do Rio de Janeiro, queira communicar-nos formalmente, com a assignatura de todos os membros do Conselho, para que telegraphemos a esses governadores resalvando a nossa responsabilidade do que vier a occorrer nessa provincia. Nao brigaremos com o amigo por causa disso, pois estamos certos de quese faz isso, é porque pensa em consciencia que assim poderá fazer mais pela Causa de Deus e do Imperador. Sendo soldados da mesma Cruzada, só podemos desejar-lhe todo o successo, pois o que todos queremos é o Imperio.

Quanto a "Monarchia", communico-lhe que estando a receber innumeros pedidos nao só de Florianopolis como de todo o interior dessa provincia, somos obrigados pela nossa consciencia a envial-as a todos, assim como o material de propaganda tambem pedido por diversos nucleos do interior. Em Curityba, continúa a agir com pleno exito o Coordenador sr. A. F. de Miranda Rosa, que me tem escripto fazendo as melhores referencias ao trabalho desenvolvido pelo prezado amigo em todo o Sul. Penso que o amigo deve manter-se em contacto com elle, pois os dois trabalhando juntos poderao fazer muito mais pela Causa.

Apoz o Congresso de Dezembro, do qual sahirá una e cohesa e disciplinada a Causa, realizaremos uma excursao de varios companheiros pelo Sul do Brasil, percorrendo as provincias de S. Paulo, Paraná, S. Catharina e Rio Grande do Sul. Sao cousas que nunca forsm feitas, e que só começam agora a realizar-se graças aos esforços da Chefia do Rio de Janeiro.

Aguardando a sua ultima palavra, para ulteriores deliberaçoes, subscrevo-me, attenciosamente, o correligionario,

Por Deus, pelo Brasil e pelo Imperador!

L. NOBRE DE ALMEIDA
Chefe.

NÃO DEIXE ESTA CARTA SEM RESPOSTA. CUSTOU TEMPO E DINHEIRO!

AV
recorte

AIPB

"Diário de SP", 6-10-35

in totum

"Estão sendo organizados centros em Joinville, Florianópolis, Tubarão, S. Francisco, Curitiba e Viadutos, nos Estados de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul, pelo chefe provincial, sr. Elias Adamit, de Santa Catarina. Em Porto União, oito proristas se candidataram a vereador e um a prefeito".

SC

atuação política

SP - 23/7/26

A V
cópia

De A. Veiga a Nobre de Almeida

Caríssimo Nobre.

Glória à SS. Trindade!

Havida a consulta "eficiente" segundo mandam os estatutos de Pátria-Nova (que não são, em espírito, rígidos como constituição liberal e portanto podem ser desobedecidos pelo Chefe-Geral quando a VIDA, que vale mais que a letra, aconselhar...), opinaram os conselheiros supremos presentes (tendo sido todos convocados pelo dr. P. Lutra e faltando alguns), opinaram, digo, que, no caso de renúncia do Ch.G., desejavam a minha volta para o antigo cargo, e, no caso de impedimento eventual do Ch.G., indicaram para substituição o dr. Joaquim Lutra. O dr. Paulo renunciou e, fora dos estatutos, não nomeou ninguém. Para evitar manobras e ouvindo os palpites dos que não estavam trabalhando, tomei o poder. NÃO DISCUTO A MINHA AUTORIDADE, pois não sou democrático. Sou, e pronto.

A carta a que V. se refere em que se desobriga da obediência veio sòmente há uns dias com data de maio...

Que V. não rompe nem faz cisão, bem sei eu. Já o conheço bastante, na lealdade e fidelidade. Apesar de que V. está errado no julgar os meus atos.

Sendo Chefe-Geral como sou com o título embora de Chefe-Fundador, devo, pelo que está nas bases sagradas dos Estatutos (a parte inviolável!), defender a Doutrina Patrianovista, a EXISTÊNCIA e a INDEPENDÊNCIA de Pátria-Nova contra qualquer ingerência exterior (seja de quem for), e a economia interna de Pátria-Nova só obedece a uma direção: a dos Chefes no movimento (chefes efetivos), a começar do chefe geral até os distritais.

Quanto ao caso Dr. Correia, não foi possível estabelecer nada, apesar da minha boa-vontade. E eu faço questão de que não tenham a minha atitude como tolice de amor-próprio, vaidade, orgulhos, "megalomania" (como aliás v. sugeriu numa carta ao Lutra!), mas coerência com o espírito do movimento. O dr. Correia acabou exigindo demais, inclusive pôr de parte a Doutrina Patrianovista. Ora, nem Sto. Tomás de Aquino, nem a Igreja, fazem Patrianovismo, fruto de observação e sabedoria histórico-natural da Nação Brasileira. Defendeu, no dia em que fui ter com êle junto do Rezende, o Estado com Partidos... de modo que o tal movimento seria uma coisa completamente outra e em parte contra o que penso ou, melhor, pensamos patrianovisticamente. Não tenho o feiticismo das fórmulas rígidas, mas tenho o das substâncias intangíveis. Cedo em tudo quanto é acidental. Compreendo tática e sou muito mais realista e político do que muita gente (inclusive o Pagano) que, com partes de atender à realidade, quasi "foram" pondo a perder o Ideal.

nomes
cisão - Lutra
doutrina
D. Pedro Henrique
Pagano

Com a cessação das atividades da ação anti-monarquista brasileira cuja história foi um processo de calúnias e vilanias, aqui em S. Paulo Pátria-Nova está só no campo. Pretendo conversar com o dr. Ariovaldo do Amaral que era o tudo na a.m.b. e financiava o movimento. Soube que êle expulsou o Pagano da sua ação. Não sei, agora, o que faz o Aulgr.

Creia, pois, Nobre, que se não faço o que você acredita bom, ótimo até para nós ou, antes, para a nossa Causa, não é por intolerância descabida, mas por conciência e observação retas. Psicològicamente o dr. Correia não é chefe e, por feitio pessoal, não custa a largar a gente na mão, com as mais justas razões lógicas ou sei lá o que sejam. Não vai isto em diminuição da sua altíssima mentalidade, não! Mas é até alta demais. Êle é essencialmente, gloriosamente, um intelectual e especulativo. Não vê conveniências quando quer tomar uma atitude "tranchante". Foi o que fez ainda há pouco, deixando a presidência do Centro Dom Vital. Veja O. Dom V.! Imagine só o que se dará na vida política...!

Não está, pois, dêsse lado agora a solução! Aliás, acho que a solução é trabalharmos mais!!! Todos pedem à gente abnegação! mas os abnegados somos nós, a meia-dúzia que vai trabalhando a despeito de tudo: V., o Rosendo, o Domit, o Rafael, o Silva Cardoso, eu e alguns mais.

Escreva-me o que acha com esta explicação. Por. Deus, pelo Brasil e pelo Imperador.

S. Paulo, 19 de janeiro de 1936.

Ilmo. Sr. Dr. L. Nobre de Almeida
M. D. Chefe Provincial do Rio de Janeiro
Glória à SS. Trindade

Tomando esta Chefia Geral conhecimento dos termos da resposta que V.S. (sem entrar em maiores apreciações acerca dos méritos dos juízos nela exarados) às instruções por ela baixadas em perfeita consonância com o Supremo Conselho para que fosse sustada por essa Chefia a publicidade aí do MANIFESTO de S.A., ela lamenta vivamente o irremediável impasse que defrontamos em uma questão de alta relevância aos interesses de Pátria-Nova e cuja responsabilidade cabe a essa Chefia.

Realmente, a situação atual é a consequência necessária de um ato de indisciplina dessa chefia que agiu arbitrariamente ordenando a publicidade do documento sem estar previamente munido dos poderes competentes.

O conteúdo do MANIFESTO, por sua natureza e sua publicação, interessava, antes de mais ninguém, à alta DIREÇÃO DE PATRIA-NOVA que pelo seu Supremo Conselho é a entidade legítima para prover sobre o assunto.

Para apreciar e decidir o valor intrínseco das idéias, no campo da doutrina patrianovista, o Supremo Conselho é a autoridade suprema.

Como essa Chefia não desconhece, os PROGRAMAS não passam de postulados que decorrem de PRINCÍPIOS filosóficos que em sua UNIVERSALIDADE compreendem a DOUTRINA, como define muito bem, na exatidão de suas fórmulas, a precisão ESCOLASTICA; pretender desarticular essas partes é esquartejar um todo UNO e INDIVISIVEL.

Fique uma vez por todas definitivamente definido este ponto FUNDAMENTAL para a existência de PATRIA NOVA: falece a essa autoridade Provincial, dentro dos quadros das competências patrianovistas, qualidade categórica para opor-se ou discutir atos legítimos de autoridade Superior, e a fortiori aqueles que atingem o âmago da DOUTRINA EM SUA PUREZA CONCEPCIONAL QUE SUPÕE, por parte dos adeptos, adesão anterior absoluta e incondicional. Pensar e agir de modo contrário é erigir em PRINCIPIO a anarquia intelectual e a demagogia que combatemos nos revolucionários de 1789.

Esta Chefia Geral julga necessário encarecer, em maior análise, o alcance e a importância básica dos pontos aqui objetivados e espera que, a bem do Ideal comum, de futuro estejamos a coberto de iniciativas que contrariando os quadros da hierarquia da Ação estabeleçam dualidade de atos contraditórios que quebram sua necessária UNIDADE .

Por Deus, pelo Brasil e pelo Imperador

Chefe Geral.

De A. Veiga Santos a Plínio de Almeida

A.V. cópia datil.

SP, 1-4-36

Acusa recibo de carta da Secretaria Provincial do RJ, junto com carta a Paim e Abreu, enviada a 27-3-36.

Diz que responderá mais tarde mas que impugna o tópico II da carta "pois a Causa não se dividiu em SPaulo. Dissolvi o SCIP como inoperante e, mais, atravancador da Obra. Podem discutir, no resto do Brasil, pela fraqueza da anterior Chefia ~~Ger~~ Geral, a autoridade desta. Aqui em SP, porém, só há, agora, Chefe-Fundador e gente que trabalha e quer trabalhar. Estou com a plenitude do poder pr Aqui na Província, qto aos centros que estão em ato.

Discutiremos o resto eu como Chefe-Fundador, V. como Chefe-Regional, por amor de PN, que ponos acima de tudo."

A carta mencionada não está neste arquivo. Ao menos não foi encontrada ainda.

Tentar descobri-la.

RJ/Visão-Plínio

S ão Paulo, I9-X-934. Glória á SS. Trindade!

Senhor Chefe Geral De Patria Nova.

Senhores Supremos Conselheiros.

Longa e acidentada tem sido a vida de Patria Nova, penosamente arrastada nestes dois ultimos anos de sua existencia.

Ela nasceu, cresceu e viveu até então, por entre a harmonia fraterna de seus componentes e a eurítmia de idéas e sentimentos de seus adeptos responsaveis; de lá para cá tem tido uma vida de inquietações oriundas de questões pessoais de mando, de politicagem de grupos, processos até então ignorados entre nós, onde a murmuração á surdina, prenhe de recriminações mordentes e reciprocas, tornou-se um lugar comum.

A erva daninha vai frondejando pouco a pouco e sufocando, em sua feracidade maligna, o tronco fecundo de Patria Nova, cujos frutos opimos têm enriquecido o bem comum e precipuamente, o patrimonio cultural da nacionalidade, o que já nos tem valido a honrosa arguição da feição intelectualista de nossa obra.

Inegavelmente já possuimos um acervo cultural entesoirado, é verdade, a custa de magnos esforços, de abnegações heroicas que não podemos nem queremos que se dissipem pelas paixões do homem inferior que equivalem ao surto do individualismo cégo e anárquico.

Dir-se-ia, meus ilustrados confrades de apostolado civico, a aspide do mal inoculára, em nosso seio, o veneno mortal da discordia, da disputa, essas genetrizes da indisciplina que vem pertubando profundamente a vitalidade e o desdobramento natural da nossa obra tão patriotica e que nos impuzemos para a edificação de uma grande Pátria, cercada do respeito dos povos por suas edificantes virtudes cristãs e civicas; aliás a propria Providência está imperativamente a exigil-o de nós, brasileiros, fazendo-nos depositários e responsaveis deste maravilhoso potencial de riquezas com que dotou nossa inexcedivel natureza; resta-nos mostrar, ao mundo, que não somos indignos de tão opulento patrimonio!

Paradoxalmente, a maçonaria, contra quem tanto declamamos, parece-nos, abateu, em revoada, sobre nossas cabeças altaneiras, seus possantes tentaculos, procurando destruir-nos apenas... com um sopro !

Eis a evidência inelutavel dos fatos, se não reagirmos com firmeza, erguendo na coesão de nossas vontades, uma muralha á onda de desagregação cujos efeitos nefastos se revelam em certas Provincias e até nos incipientes distritos deste nosso municipio.

Estamos, senhores supremos conselheiros, não nos iludamos, si é que somos homens realistas, objetivos, defrontando uma encruzilhada decisiva para Patria Nova de vida ou de mórte!

A morte, jamais a queremos, anciamos e queremos a vida, ela é um bem, mas, não qualquer vida, é evidente, pois, os vegetais, os animais tambem vivem; queremos a vida superior e dignificante da inteligência e da vontade guiadas e fixadas por seus objetos próprios e transcedentais: a Verdade - ser enquanto conhecido; o Bem- ser enquanto racionalmente apetecido e o Belo- ser harmoniosamente relacionado com o intelecto e vontade.

Dentro desta bela directriz de vida e vida substancial, nos propomos, senhores supremos conselheiros, esclarecer-vos sobre a verdade do comando de Patria Nova, afim de que possamos, uma vez por todas, retomar o ritimo de nossas atividades construtivas, como o exigem a elevada finalidade da obra e as imperativas necessidades do momento.

Eis o derradeiro apêlo, arrancado ao mais profundo recondito do nosso ser- da alma-, á vossa razão esclarecida, dispostos, como estamos, a todos os propositos conciliadores para lutarmos contra o principio de morte que insiste em destruir-nos, e, se a tanto formos levados, a todos os sacrificios, em pról da obra, que as graves circunstancias do momento nos exigirem, cairemos então, no preceito da justiça, em caso de direito de vida legitima defesa. Como vos dissemos, é um apêlo á razão e como tal precisaremos usar a linguagem própria da razão, e, a linguagem própria da razão é a linguagem do raciocinio e a linguagem do raciocinio é a linguagem da logica e a linguagem da logica é a linguagem da ciência e a linguagem da ciência é a linguagem da ordem e a linguagem da ordem é a disposição das cousas dissemelhantes em seus lugares convenientes.

Fieis a esta norma, procuraremos, sempre que oportuno, definir as cousas de que tratarmos, porque, pela definição fixaremos, com mais precisão, o sentido dos termos, seu conceito, esclarecendo as ideas.

Por impossibilidade inerente á razão humana,de abraçar a verdade total,i.é.,de vez,como diz S. Thomaz," o espirito tem que remontar á verdade,multiplicando ideas de mais a mais claras,acumulando juizos de mais a mais precisos e unificando os raciocinios que se succedem."(S.Thomaz de Aquino, Edgar de Bruyne,p.II7).

Para esta ascenção,ás vezes,penosa ao espirito,no dominio da abstração,pedimos nos seguir com vossa bondosa atenção,a bem da verdade.

Ia Parte.
Da Fundação de Patria Nova.e da Chefia Geral.
: Sua situação de Fato e de Direito.

Ninguem, antes de Veiga dos Santos,havia gerado Patria Nova.Ele a ideou e ato continuo passou á concretisação do seu ideal,formando um programa conciso e substancioso,como não houve igual no Brasil,nestes quarenta e quatro anos,pelo menos.

O programa,conhecido de todos,compreende sete artigos em que são especificadas com profundeza intelectual,a realidade nacional em seus vários aspectos sociais e politicos.

Verdade seja dita,este programa se apresenta em sintese,mas este metodo em nada diminui seu valor intrinseco e nem desmerece ao seu autor, muito ao contrário,vem realçar o vigor do seu intelecto,sabido como é,que a sintese exige maior poder de penetraçãointelectual,porque obrigando a atingir,de golpe,os aspectos dominantes do assunto trátado para pôr em relevo suas partes essenciais,exige,do intelecto agente,maior esforço de abstração.Exatamente o que se dá com o programa-bandeira da nova sociedade que êle,numa feliz inspiração,denominou Patria Nova.

Ora,sendo êle o creador da nova organisação,com um programa doutrinário perfeitamente defenido,só pelo fato de o ser, adquiriu naturalmente uma excelência,sobre os demais componentes,impossivel de contestar-lhe,sem violar os direitos da justiça distribuitiva e o proprio direito, como iniciador e creador da obra.

Portanto,ha uma verdadeira superioridade de fato de direito, que implica numa verdadeira autoridade de direito.

Chamo vossa atenção para este ponto vital da questão, deque, Veiga dos Santos quando saiu a cata dos apostolos de Patria Nova,já levava: o programa doutrinário acabado,o nome da nova organisação e o seu regulamento.

O modo pelo qual Patria Nova se constituiu é bem diverso do que geralmente em casos analogos as sociedades que se fundam. A regra é a seguinte: a idéa parte geralmente de um individuo que a comunica a outros que julgando-a bôa se reunem para discutirem e concertarem a elaboração do programa,o nome da nova sociedade etc. Ha portanto,de inicio,uma colaboração intelectual coletiva,cujo produto pertence a todos ,mas, individualmente, a nenhum.Nestas condições,depois de terminada a elaboração nenhum dos membros sociais têm o direito de avocar- se a autoria exlusiva da obra, do programa,caso que não se dá com Veiga dos Santos,que tem o direito de avocar-se autor exclusivo da ideação e da sua concretisação no programa, inclusive o nome da nova entidade e seu regulamento.

É verdade que um programa doutrinário,um regulamento e o nome de uma entidade não constitue,ainda a plena realisação da obra em pleno curso;concordamos,mas é inegavelmente,a iniciação da em seus dois estados ainda que primarios:estatico e dinamico.

Posta a questão neste pé, quando Veiga procurou seus colaboradores,estes tiveram deante dos olhos o programa com os rumos traçados,que, evidentemente, já é bastante si bem que não tudo..

Ora, nessa ocasião,em que fomos consultados,eramos completamente livres em aceitar ou regeitar nossa adesão á Patria Nova; nada nos ligava á ela. Poderiamos recusar-lhe livremente o nosso consentimento,como aliás,muitos fizeram na ocasião. Uma vez,porem,aceita voluntária e livremente,portanto,com consciência,como homens de imputabilidade,já não eramos mais livres de aceitar ou de recusar a autoridade decorrente da natureza da associação,como de qualquer outra.Porque isto? Decorre da impossibilidade associativa,mesmo entre dois,sem uma autoridade para gerir o bem comum,de um novo ser,portanto,sem a aceitação necessária do dever de dependencia e de subordinação. Isto em virtude deste principio que,uma vez querido o fim,os meios se põem necessariamente, Que é o necessário?

segundo a sua consciencia p/ o fim.

Necessário é o que é impossivel não ser.

Assim, a autoridade, reside no direito de obrigar ás vontades livres e não no livre consentimento destas, outorgado voluntariamente á autoridade da associação. Os associados entrando em Patria Nova livre e voluntariamente abdicam necessariamente de uma parte de seus direitos individuais em beneficio do bem comum por que ao ingressarem nela divisaram uma vantagem de ordem geral- o bem do Brasil- e por ele de certo modo o bem mais particular e participado da familia, até o bem particularissimo-o proprio bem individual, ainda que em potencia todos eles, como sucede em Patria Nova.

Verdade é que quando vários individuos se associam procuram, naturalmente, colocar á frente da associação o mais capaz para que a obra colime o fim de um modo mais perfeito de que só o mais habil será mais capaz.

Portanto, dizem, a primeira exigência deve ser a da capacidade. Estamos de acordo que, geralmente, se coloque á frente do comando o mais capaz, não como principio absoluto, senão cairiamos no erro de que os mais capazes baseados na sua superioridade, se outorgariam o direito, que não têm, de recusar obdecer á autoridade, desde que nela vissem uma inferioridade. Aliás, é muito dificil estabelecer-se com precisão a determinação de um Chefe ideal porque se muitos predicados se realisam num mesmo sujeito, plenamente, haverá sempre uma omissão em relação a tal outro predicado tambem indispensavel a um chefe acabado. Um tal Chefe só existe em abstrato, porque "o individuo é um tecido inextricavel de contradições". Então, podereis responder, segundo essa teoria, os santos seriam impossiveis. Ao que respondemos, aqui já não estamos no terreno natural e passamos ao dominio do sobrenatural em que ha intervenção da graça sobrenatural santificante.

Entretanto, nesse sentido do mais capaz, todos aceitam pelo menos que o autor de uma creação possui certamente uma superioridade real maior, pelo menos hic et nunc, sobre a cousa creada, do que os demais que aceitaram hic et nunc, essa creação.

Ora, se assim é, a Chefia Geral, concretisada na pessoa do sr. Veiga dos Santos, como Chefe natural de Patria Nova, é legitima e sendo legitima, todos atos por ele feitos no desempenho do cargo tambem o são a fortiore, inclusive a indicação do seu substituto; apenas, esta indicação não se revestiu rigorosamente de todas formalidades legais porque não foi precedida de consulta eficiente como mandam os Estatutos. Aqui surgem dificuldades sérias que, em boa fé, não se pode negar.

Eis aqui, senhores conselheiros, o ponto culminante da questão que teremos de resolver hoje, definitivamente, em face da justiça e do direito.

Passemos pois, a examinar este ponto da controvérsia; dado de barato para argumentar, que, a indicação do nome do sr, conselheiro Paulo Dutra fosse ilegal, por não ter preenchido as formalidades estatutárias, mesmo nesta hipotese éla é legal, como passaremos a provar.

Realmente, lógo que foi levantada no seio do S.C. a incriminação da ilegalidade do ato do Chefe Geral, em face dos Estatutos, o proprio indicado declarou incisivamente" que fazia tabula rasa da indicação do seu nome, pelo chefe Geral, e só aceitaria a Chefia de Patria Nova, si seu nome acolhesse a aceitação unanime dos senhores supremos conselheiros.

Para o efeito desta nova consulta marcou-se nova reunião do S. C. realisada nesta séde.

Estavamos portanto, num momento decisivo, em que cada senhor supremo conselheiro ia dar, absolutamente conciente do seu ato, porque absolutamente livre e voluntário, seu veredictum, se queriam ou não o nome do sr. Paulo Dutra para Chefe Geral de Patria Nova. A questão, portanto, foi posta de modo claro; em ultima analise o sr. Paulo Dutra depoz nas mãos dos senhores conselheiros supremos o destino da Chefia Geral. Feita a consulta, todos aceitaram a indicação do seu nome; alguma restição que não afetava substancialmente o consenso unanime da aceitação, porque, o conselheiro sr. Ruy Barbosa não aceitando em principio a indicação, aceitava entretanto, o fato concreto da pessoa do sr. Dutra. Nestas condições todas as considerações feitas a posteriori, pelos senhores conselheiros, em tom de reserva, após seu voto favoravel ao nome do sr. Paulo Dutra para a Chefia Geral, são extemporanias e sem efeito.

Conclusão

Ora, meus senhores, tendo sido, o nome do sr. Paulo Dutra, aceito por todos e não havendo até aqui um motivo grave que autorise nova consulta, sou pela manutenção do mesmo sr. na Chefia, que julgo legitima e legal para todos efeitos. Assim: "que cada um cumpra o seu dever, em seu lugar e Jerusalem será salva." (Evangelho dos Chefes, p. 113).

PÁTRIA — NOVA
Associação Cultural-Política
Fundada em 3-5-1928
Caixa Postal, 8.503
São Paulo

Santíssima Trindade.

Por intermédio de Nossa Senhora Aparecida do Brasil e Portugal nós Vos pedimos que nos deis todos os meios espirituais, humanos e materiais para realizarmos tôdas as nossas obras e que nos livreis de todos os nossos inimigos sobrenaturais e naturais. Amém.

São Miguel Arcanjo, defendei-nos no combate, sêde nosso refúgio contra a maldade e as ciladas do demônio. Ordene-lhe Deus, instantemente o pedimos; e vós, príncipe da milícia celeste, pela virtude divina, precipitai no inferno a Satanás e a todos os espíritos malignos que andam pelo mundo para perder as almas. Amém.

Sagrado Coração de Jesus, tende piedade de nós.
Imaculado Coração de Maria, rogai por nós.

Acção Imperial Patrianovista Brasileira

A todos os Patrianovistas do Brasil

Varios são os emblemas que symbolisam a Acção Imperial Patrianovista Brasileira.

Cumpre destacar, primeiramente o *escudo* com a *corôa do Imperio*, que exprime a tradição imperial brasileira. Derivados deste vem: a *Cruz de Christo* com a *esphera armilar* sobre um *triangulo branco;* e por abreviação a *Cruz de Christo simples* ou *junta á esphera armilar*.

Reunindo todos esses symbolos num só que represente o passado que os referidos emblemas exprimem e tambem o grande momento de renovação que vivemos, o Supremo Conselho Imperial Patrianovista Brasileiro, unanimemente, adoptou a

CRUZ SETTADA OU IRRADIANTE,

que reproduzimos na gravura ao alto; e constitue o *signo por excellencia* de Patria-Nova, e como tal deve ser largamente usado e diffundido por todos os seus adeptos e apostolos.

E' a cruz IBÊRO-AMERICANA, pois nella se congraçam as linhas da *Cruz* de *Christo* (de que é um desenvolvimento) evocando a tradição e as pontas aspeadas das settas que suggerem o elemento indigena, exprimindo ainda a força expansiva dos altos ideaes patrianovistas. Alem dos triangulos, que rematam a cruz, e que para Patria-Nova significam o seu poderoso patrono.

E' essa a cruz do novo e christianissimo sicio americano: de espansão, de força, de justiça, de energia, de heroismo, de apostolado, de nacionalismo são, que DEVERÁ, RECORTADA EM FELTRO VERMELHO, DO TAMANHO EXACTO DO MODELO QUE OFFERECEMOS, SER COLOCADA AO LADO ESQUERDO, NO PEITO DAS CAMISAS BRANCAS DA LEGIÃO PATRIANOVISTA.

O traje consiste em camisa de algodão grosso e cinto brancos, calça e gravata azues marinho e chapeu de panno da mesma côr. Sapatos escuros e, nas festas, polainas brancas.

NOTA: Na 3.ª linha a contar de baixo: Onde se lê «PEITO» leia-se «BRAÇO»

Imperial Cidade de São Paulo de Piratininga, aos 19 de Maio 1.954.

Ilmo.Snr.Chefe Geral da A.I.P.B.

Prof.Dr.A.Veiga dos Santos.

Glória à S.S.Trindade!

I. Consoante ao nosso verbal entendimento devo ir a Porto Alegre, em princípios do mês vindouro, desde que as condições climatéricas o permitam, afim de tentar restaurar o nosso Núcleo Provincial e promover as bases da restruturação da Chefia local.

II. Isto posto, devo comunicar-lhe que fazei as despesas até um montante de Cr.$2.000,oo (dois mil cruzeiros), que debitarei na conta de Pátria-Nova.

III. Em complemento ao Relatório e Balancete da "Resistência" nº2, que lhe apresentei em 13 de abril último, devo esclarecer que, para cobrir o "deficit" de Cr.$2.085,4o (dois mil e oitenta e cinco cruzeiros e quarenta centavos), apliquei em pagamentos aqueles - Cr.$1.000,oo (um mil cruzeiros) ~~sssssstados~~ pelo snr.Francisco Regos Netto importância esta que deverá ser restituida por Pátria-Nova, conforme foi prometido em reunião de 15/5/54.

IV. Isto posto, ha ainda que abater no "déficit" a importância de Cr.$170,oo (cento e setenta cruzeiros) doados por V.S. em 17/4/54 e mais Cr.$500,oo (quinhentos cruzeiros) doados em 22/4/54 pelo Prof.Arlindo B.Pereira, ficando ainda assim, um saldo de "déficit" de Cr.$465,oo (quatrocentos e sessenta e cinco cruzeiros) pesando sôbre meu orçamento privado.

V. Como sei que V.S. já deu ampla divulgação daquele balancete, satisfazendo assim o meu veemente pedido, agora peço dar conhecimento aos interessados do conteúdo desta prestação complementar de contas e, depois, guardar esta como documentação de Pátria-Nova, em lugar seguro e habitual.

VI. Junto faço-lhe entrega de duas letras de Cr.$2.500,oo (dois mil e quinhentos cruzeiros) cada uma, ambas com vencimento para 15/8/54, sendo uma aceita por mim e a ser endossada por V.S. e a outra aceita por V.S. e endossada por mim, a favor do Snr.José de Oliveira Pinho, a quem deverão ser entregues.

VI. No dia aprazado para o pagamento eu resgatarei uma de Cr.$ 2.500,oo (dois mil e quinhentos cruzeiros) e a outra de igual valor será resgatada por Pátria-Nova, importando êste compromisso:

Ajuda de custo ao Ten.Jeronymo para ir a Porto Alegre,2.035.oo
Saldo do "deficit" do jornal "Resistência" Nº2,.....465.oo
Importando em.....2.500.oo

Certo de que V.S.aprovará tôda esta minha exposição de contas (aliás já prèviamente combinada), reitero-lhe os protestos de minha mais dedicada amizade.

Por Deus, pela Pátria e pelo Imperador,

Jeronymo Ricardo de Mattos
2ºSub-Secretário Geral.

BALANCETE
"Déficit" anterior.....2.085,4o
Empréstimo Regos Neto.....1.000,oo
Contribuição A.Baptista Pereira.....500,oo
" A.Veiga dos Santos.....120,oo
"Déficit" atual (coberto com a dívida de Pátria-Nova ao Pinho).....465,4o
2.085,4o 2.085,4o

Cidade de São Paulo, 22 de novembro de 1962.

Prezado Correligionário:

Na iminência de gravíssimos acontecimentos para a nossa querida Pátria atraiçoada por nacionais e estranhos, temos o dever de colaborar, para que o pior não venha a acontecer.

Como naquela guerra-símbolo, a holandesa, que galvanizou os corações dos homens, das mulheres e até das crianças de Brasil todo, em defesa dos altares e dos lares, impõe-se-nos apoiar a ação dessas sombrada de militares de escol que se vêm tenazmente opondo à entrega do nosso País ao comunismo internacional.

Para isso precisamos da sua ajuda e até sacrifício, fazendo correr a lista que anexamos, angariando assinaturas acrescidas da qualificação profissional, que levem ao Sr. Almirante Sílvio Heck e seus briosos companheiros das três Armas o apôio moral dos civis, do qual tanto necessita para o prosseguimento da sua e da nossa luta.

Tão logo consiga essas assinaturas, queira enviar-nos a lista anexa, para a Caixa Postal 1304, São Paulo (Capital), a fim de as encaminharmos ao bravo militar.

Se houver necessidade, poderá anexar outras folhas com assinaturas, datando-as, sempre, dessa cidade ou de outras vizinhas.

Gratos e no aguardo das suas URGENTISSIMAS providências, subscrevemo-nos

Por Deus, pela Pátria e pelo Imperador,

AÇÃO IMPERIAL PATRIANOVISTA BRASILEIRA

S.Paulo, 6/9/947.

Meu caro Dr.Mattos Pimental

Saudações cordiais.

Lembrando ao presado amigo a minha vasta correspondência anterior enviando artigos para o nosso apreciado "Jornal de Debates", cujas publicações teem sido bastante proteladas, reafirmo o que já alhures dissera: a oportunidade e a necessidade de uma revisão dos mesmos artigos, atualisando-os, sem modificar-lhes profundamente o texto e o assunto.

Hoje, vai mais um. Julgo-o interessante (sem vaidade pessoal), eis que tece comentarios a uma carta que recebi do meu muito presado amigo Cel.Ignacio José Veríssimo, filho do grande escritor José Veríssimo. O Cel.Ignacio, como o snr. não ignora é, tambem, grande escritor, historiador, militar de fina estirpe, um intelectual que por todos os títulos honra a quem com o mesmo mantem cordiais relações de amizade ou de intercâmbio de agradavel polêmica nacionalista.

A resposta que vai abaixo, não é pròpriamente minha; é de um amigo, o Dr.Arlindo Veiga dos Santos, meu correligionario de ideais que, tomando em mãos a interessante carta do Cel.Veríssimo, respondeu-a por mim, cujos dizeres ora me apodero para dar-lhe publicidade, pela magnífica oportunidade e elevados conceitos que ela encerra.

Desta forma, espero que o Dr.Mattos Pimenta mais uma vez acolha esta minha carta, dando publicidade pelo "Jornal de Debates" ao artigo que vai a seguir.

Patrício e admirador,

Tenente
JERONYMO RICARDO DE MATTOS
Rua Frederico Steidel,271
Jardim Sta.Cecília, Casa 6.
São Paulo

P.S. - O Endereço do Cel.Ignácio José Veríssimo é:Diretor da Escola de Artilharia de Costa Escola do Estado Maior do Exercito - Praia Vermelha (ou Forte de S.João) - Urca - Rio.

SER NOBRE, É O OPOSTO AO SER VILÃO...

- Réplica do Monarquista Jeronymo Ricardo de Mattos ao ilustre militar e homem de letras Coronel Ignacio José Veríssimo.

A sua amisade é para mim grande honra e a resposta à minha carta um atestado da sua proverbial bondade e, como ela encerra conceitos palpitantes, bem merece um debate; eis porque vim a publico.

Sendo a Monarquia uma fórma de governo, foge das rasteiras questiúnculas partidarias e se sobrepõe ao prosaismo dos "partidos balangandans", caçadores de votos atraves de falsas promessas.

Mas... a Monarquia gera castas sociais... A Monarquia dá nobresa àqueles que, por seus gestos, palavras e atos, pela sua inteligência ou valor pessoal, são realmente nobres. A Monarquia não é a improvisação e não tem uma côrte de mentecaptos endinheirados, cujo unico valor é a propaganda estupida feita assim como a de um artista de cinema, um jogador de futebol ou campeão de luta livre...

E o Patrianovismo é a cultura da Monarquia Brasileira. O Patrianovismo não é só Monarquia, mas é, antes de tudo, Monarquia, para poder resolver todos problemas da vida nacional brasileira. Com efeito, a conclusão Patrianovista é esta: "A republica não só não poderá resolver os problemas da Nacionalidade e do Estado, mas tambem é dissolvente, anti-nacional e separatista."

Confundir a Monarquia Brasileira Patrianovista e generalisá-la com as milhares de monarquias que tem havido pelo mundo, é grosseiro êrro. A nossa Patrianovista é nossa, pelo nosso feitio social, pela nossa tradição e consoante a nossa cultura estabelecida ha 140 anos.

Nada de comum tem a Monarquia Patrianovista Brasileira com a "British Commonwealt" (monarquia imperialista) ou com a dinastia divina dos imperadores nipônicos.

Ha várias formas de monarquias: absolutistas, parlamentares, liberais, tirânicas, despoticas, imperialistas, etc..

É tão banal este assunto como se fôssemos discutir a uniformidade das constituições republicanas. Não existem republicas unitarias, federalistas, confederalistas (U.R.R.S.), e ate militares?

Pretende o Patrianovismo Brasileiro pôr em termos tradicionais as relações entre a Igreja e o Estado (problema espiritual a um tempo nacional universal); restabelecer a Monarquia tradicional (orgânica, pre-liberal e anti-liberal) atualisando-a; estabelecer a representação sindical-corporativa (corporação livre e não repartição -publica totalitarista); redividir as provincias do Imperio para equilibrio geopolitico e facilidade administrativa; transferir a Côrte (Capital) para o interior do Imperio; fundar o entendimento especial diplomatico Luso-Brasileiro e, com essa base, de todos os hispânicos do mundo. Este, o nosso programa de 1 926.

Dada a explicação prévia, vou aos argumentos especiais da sua missiva. Podem resumir-se no seguinte:

1) "Não sou monarquista porque não concordo em princípio com privilégio de castas, de grupos, de classes, nem de títulos, cujo valor politico não aceito nem em tese, sendo apenas desumano, apenas humilhante a diferença de privilegios."

R) Na Monarquia Orgânica Tradicional luso-brasileira, raiz e modêlo da Patrianovista, não ha castas, suposto que as entenda o nobre amigo - classes fechadas, exclusivistas, (como o é a Aristocracia Inglesa), pois a nossa Nobreza tradicional foi sempre "aberta" para sair e para entrar; portanto, não ha tal odioso privilegio como entre indus e egipcios. Quando ao proprio pribilegio, ha-de-se distinguir: o legitimo e o ilegitimo. Só as classes dos medicos tem o privilegio legal de curar; só a dos engenheiros civis o privilegio legal de construir; só os farmacêuticos tem o privilegio legal de manipular remedios; só aos professôres cabe o privilegio legal de ensinar, etc.. E a muitas classes e grupos se déferem privilegios que vão bem com a sua função, tais os militares, os industriais, os comerciantes, etc.. E isso tudo, e quiça mais do que isso, sem monarquia mesmo. - Além dêsse sentido de privilegio, teremos outro (ilegitimo) sem base social e sem razão de serviço., p.ex., o que se confere aos "ricos" só por serem-no. E isso sucede mais nas republicas que nas monarquias, até mesmo falsas. A virtude que faz o Nobre (instituto "aberto") consegue-se muito mais facilmente do que a riqueza geradora de comuns e prosaicos privilegios injustos da plutocracia (principal agente, p.ex., das vitorias eleitorais republicanas ou liberais em geral). - Quanto ao titulo, se individual, pode ser conferido por um serviço meritorio (senhores que libertavam escravos, p.ex.), ou por grandes serviços a Patria (Duque de Caxias, Visconde de Porto-Seguro, Marquês de Herval, Visc.de Ouro Preto, Barão da Passagem); se familiar, meritorio no 1º titular e obrigando a imitação nos herdeiros (noblesse oblige e é aberta para entrar e sair!) - em todos os casos é mais um BEM SOCIAL do que particular em suas conseqüências. - Se o meu Amigo nega valor politico a êsses grupos e classes e tambem ao grupo natural primario, a Familia torna-se individualista no mau sentido, como a republica-liberal e a monarquia-liberal (não Patrianovista) e contra todo estado orgânico ou que falsamente o pretenda ser como os ditos estados-novos modernos (português de Salazar, etc.). - Negando os títulos, que são honrarias baratas para serviços as vezes vultosos, preciosissimos, reduz-se a pagar tudo com dinheiro e suspeitas propinas, ou não pagar, caindo na ânti-natural falta de prêmio a virtude (ainda mesmo "falsa" ou interesseira, mas de valor social) e favorece a plutocracia. Aliás, a mingua de prêmios a virtude e a carencia de castigos ao crime, são culpadas de imensa porcentagem dos males da sociedade republicana.

Mas a MONARQUIA ORGÂNICA (Patrianovista), que é social e realista, encarando os homens como êles são e não como deveriam ser, da valor aos grupos sociais e bascia nêles a verdadeira representação nacional, sem o artificio nefasto dos partidos.

Deduz-se, conseguintemente, que o privilégio legítimo é humano (não desumano), não é humilhante, pois premeia meritos e serviços ao individuo aos grupos (família e outras coletividades) que prestam serviços ocasionais ou permanentes como as corporações militares ou profissionais.

não parece-me mesmo nunca [illegible] simplício como pretende Jackson de Figueiredo aristocratas

NUCLEO PATRIANOVISTA
DE VICENTE CARVALHO
Rua Alecrim, 901
V. Kosmos - Rio - GB.

CHEFE GERAL:
PATRIANOVISTA
Prof. A. Veiga dos Santos
CHEFE DO NUCLEO
Ten. Izidoro N. Junior

BOLETIM - MONARQUIA

15 de Novembro de 1965, Dedicado ao dia dos mortos Patrianovistas e demais brasileiros vivos...

I^{a} PARTE

Aos Snrs. Adeministradores das Repùblicas dos EX- PARTIDOS:-POLITICOS:-NO-: BRASIL, desde 15 de Novembro de 1889, sobre e sob todas as suas EQUEMÀTICAS - PLATONICA-PAGANISTA-MATERIALISTA-ATEISTA-REPÙBLICANA-DEMOCRATICA-REVOLUCIONARIA-DITATORIAIS:-Ciceristà, ...Leninistas...Marxistas...Etc. Etc. Etc.....

Todos os militares e Civis Brasileiros, fielmente Cristãos, estamos OBESERVANDO-ATENTAMENTE, a maneira pela qual," OS FUTUROS PARTIDOS POLITICOS"" Sinceramente Cristãos, conseguirão SUAS INDEPENDENCIA COMPLETA, de todos os MEIOS que tem justificado os FINS dos deuses paganistas de Platão e seus seguidores, sob e sobre todas as suas miscelaneas de pontos de vista-republicanos-democraticos e revolucionarios.....

II^{a} PARTE

Aos Snrs. Presidente, Governadores, Ministros, Senadores,Prefeitos,Deputados, Vereadores,Magistrados e Demais Adeministradores, VERDADEIRAMENTE-CRISTÃOS... Tambem aguardamos ATENTAMENTE, a maneira pela qual, conseguirão SUAS INDEPENDENCIA COMPLETA, dos futuros PARTIDOS POLITICOS SEGUIDORES DOS deuses Platonicos, vivos ou mortos, vencidos ou vitoriosos, embalsamados ou em formas de estatuas imaginaveis sob e sobre todas as suas formas- democraticas-republicanas-revolucionarias.....

III^{a} PARTE

Aos Snrs. Sacerdotes, Pastores, Rabinos, e Demais seguidores de Deus Nosso - Senhor Jesùs Cristo Rei dos Reis...TAMBEM AGUARDAMOS OS DEVIDOS EXCLARECIMENTOS SEGUINTES :- Platão o inventor do regimem repùblicano ou democratico, ERA OU NÃO PAGÃO-MATERIALISTA-ATEU ?...O REGIMEM REPÙBLICANO-DEMOCRATICO, È OU NÃO MATERIALISTA-ATEU-PAGÃO ?... OS SEGUIDORES CONSCIENTES DE PLATÃO SÃO OU NÃO MATERIALISTAS-ATEU ?...MESMO BATISADOS EM QUAIQUER RELIGIÃO DE DEUS ? ..... TODOS OS DEMAIS INVENTORES DE QUAIQUER OUTRA ESPECIE DE IDEOLOGIAS OBEDECIAM - OU NÃO OS MESMOS FINS DE PLATÃO ?... Porque o malôgro de todos aqueles que tem se deichado fascinar por toda a especie de lideres que se dizem Catòlicos,Protestantes, Espiritas Etc.Etc;Etc. MAS QUE DEPENDEM DIABOLICAMENTE AS SUAS REPÙBLICAS-DEMOCRATICAS OU NÃO ?.....

IV^{a} PARTE

PORQUE DEVEMOS INSTAURAR URGENTEMENTE A NOSSA REAL FORMA DE GOVERNO IMPERIAL, atualmente Representada no Brasil, por um dos Netos da nossa Inesquecivel Princesa Izabel, Sua Altesa Imperial o Principe D.Pedro Henrique de Orleans e Bragança, de ACORDO com as SUAS PROPRIAS DECLARAÇÕES, concedida a revista de "O Cruzeiro " de 06 de outubro de 1962, em sua residencia na Fazenda Santa Maria-Jacarèzinho-Parana- Brasil ?... Por Representar Realmente UM GOVERNO CRISTÃO - IRREVERSSIVEL, Hereditario e consanguineo de todos os Reis de todas as Raças de todas as linguas, onde REPRESENTAM EM TODAS AS NAÇÕES OS GOVERNOS DE TODAS AS NACIONALIDADES,de todos os povos de todas as raças de todas as linguas, que se multiplicaram em todas as direções do nosso Planeta Terra.....

Izidoro do Nascimento Junior-1ºTen.Ref. F.A.B.

Izidoro do Nascimento Junior

C O N T O S

ARLINDO VEIGA DOS SANTOS

I

J U S T I Ç A N A C A A T I N G A

Nos sertões nordestinos, e especialmente nas caatingas de Pernambuco, corria, sob as mais fervorosas bênçãos dos pequenos, a fama da justiça patriarcal expedita, ditada pelo capitão moreno, o chefe respeitado e simples das fôrças volantes da polícia.

Não tinham garantia alguma os infelizes trabalhadores da maioria das lavouras e engenhos, antes de haver aparecido, no capitanêio dos volantes, aquêle cearense sem letras, rústico e infenso a subornos, cuja alma cristã de verdadeiro sertanejo patrício jamais compreenderia a insolação dos direitos humanos dos pequenos à sanha maldita dos potentados do dinheiro ou da autoridade civil perventida para fins privados.

Por sistemas que se diriam draconianos, empíricos e primitivos, mas eficazes os únicos que sortiam efeito, inaugurou o capitão Moreno a justiça para os humildes <u>por conta própria</u>, forçando os patrões desonestos e rêus de usura a pagar os salários aos obreiros e respeitar-lhes a dignidade humana e cristã que andava, amiúde, onde ainda, até hoje, as usança por essa religiosidade superficial e raramente cristã devoradas, a qual se apega, como praga de tiriricas, no coração de muita "gente boa".

E é nesse capítulo de dignidade humana dos pequenos, que se enquadra a nossa singela narrativa, baseada em fato autêntico, mudados apenas os nomes dos personagens.

x x x x

Estava em descanso, certa tardinha, o bravo capitão dos volantes, quando lhe surgiu no pouso uma pobre mulata viúva, debulhada em lágrimas.

Foi prontamente atendida pelo militar disciplinador que se chamava, a mesmo, "justiça dos pobres".

-- Que é que deseja a senhora? -- perguntou à pobre lavradeira.

Meio perturbada e hesitante, procurando conter as lágrimas que, a despeito do esfôrço, lhe escapavam, murmurou:

--Ah, seu capitão! O caso é sério demais! Eu acho que a sua vontade de fazer bem não pode com êle. Quando esta injustiça é contra pequeno mas branco, há vêzes é mais fácil de resolver. Mas, se é pequeno e, por cima, de côr -- então sim a dificuldade!

-- Pois eu não estou de acôrdo com a senhora, não! Se fôr realmente um caso de justiça, não haverá nada, não haverá estôrvo que o capitão Moreno não leve de vencida. Só a fama de nome dêle e a notícia da sua próxima passagem fazem com que, pelo sertão, pela agreste e ásse caatinga afora, os maus patrões vão tratando de pagar os salários dos jornaleiros, antes encalacrados de dívidas fantásticas, roubados pelos fazendeiros e donos de engenhos e, até, não raro, mortos pelos espangas, nada podendo com os grandes a justiça

de dívidas fantásticas, roubados pelos fazendeiros e donos de engenhos e, até, não raro, mortos pelos capangas, nada podendo com os grandes a justiça, que é dos partidos e não da Nação. Pois, pois, com confiança. O que fôr de justiça há-de ser feito, contra quem fôr.

Dizendo isso, o cearense de pele tostada, num gôzo íntimo de que estivera de si mesmo com razão, fixava simpàticamente os olhos úmidos da sertaneja.

Alentada pelo auto-elogio do capitão, a operária desatou-se:

— "Apois", diga, seu capitão. É o caso que o dr. Joãozinho, filho do coronel dr. Antônio, dono do engenho-grande, fêz mal à minha menina e, indo-me queixar do velho, êle me disse que fica por isso mesmo, porque o filho dêle, formado e homem destinado at ter uma alta posição, não vai agora casar com uma negrinha qualquer, estragando um esperançoso futuro.

— Ahi é assim?!

Nada mais disse o capitão. Franziu os cenhos indignado, dessa indignação roedora que vai matando aos poucos muita gente atacada daquela sêde de justiça, constante das bem-aventuranças evangélicas, e não pode dar remédio às sem-razões a que assiste, todos os dias, na sociedade moderna não-pagã.

Perveu, inato nessas almas bravias do sertão, o instinto de justiça.

— Sossegue, má dona. Vá para sua casa. Vamos ver o que se faz...

x x x x

Noite alta e escura.

Era o engenho-grande verdadeira praça forte, como as fazendas antigas dos tempos portuguêses e mormente do bandeirismo.

Noite alta. Por tôdas as cercanias do engenho, onde serviam inúmeros operários das plantações e da usina, sempre prontos para tomar armas em defesa do senhor-de-engenho, figura gloriosa da nossa história, percebiam-se estranhos caminhar de vultos armados, que sorrateiramente iam tomando posição de combate. Pareciam ressurreição fantasmagórica e majestosa dos peões da guerra holandesa — heróis de todos os recantos da multicontinental lusitanidade e até hispanidade — que surgiam do silêncio tumular dessas mesmas terras gloriosas, onde a raça tríplice escreveu, a ferro frio quase sempre, uma das maiores epopéias mais soberbas da história guerreira da humanidade.

Noite alta. E os grandes do engenho-grande dormem. E, em silêncio d'alma e dentro do silêncio da noite, age a "justiça dos pobres". Sem prévio silêncio, não se realiza coisa alguma de vulto no mundo.

Mas...quebra-se a mudez de tudo. Soa violentamente a campana da casa-grande, moradia do proprietário do engenho.

Entra sòzinho, no vestíbulo da moradia, o capitão Moreno e ordena imperativo, ao doméstico que atende as ordens àquela hora, chame à sala de visita o coronel Antônio, o orgulhoso potentado, senhor do engenho central, ligado aos importantíssimos interêsses políticos republicanos, poderoso pela fôrça da capangagem e dos votos dos analfabetos encurralados nos partidos, todos um só.

Foi com inexprimível susto que o ilustre industrial atendeu ao chamado

"atrevido" do capitão Moreno, que na sala o aguardava impassível.

Não era mau o coronel pernambucano, como o não eram aliás os nossos velhos Coronéis, substitutos meio desengonçados dos antigos barões, condes e outros titulares de tradição ou nomeação, derrubados por uma desastrada mas vitoriosa bernarda militar.

Não era mau o coronel. Tinha, até, as suas boas qualidades, seus rasgos generosos, unidos aos costumes rústicos da civilização deformada em que vivíamos, cheia de preconceitos tolos, em contraste com as "duras" realidades da Terra e do Sangue.

x x x x

— Tôda a sua propriedade está cercada pela minha tropa, Sr. Coronel! Ninguém sai nem entra nestes domínios, enquanto o capitão Moreno não resolver, para sempre e para exemplo de todos, o grave caso de direito e de honra que aqui me trouxe! — foi dizendo, sem mais preâmbulo, o rude servidor da Nação. — Todos os caminhos estão tomados! De modo que não adianta vossa senhoria querer gritar pelos seus homens. Qualquer movimento, que seja tentado para romper o cêrco, me obrigará a atacar de rijo o pessoal do engenho.

—O sr. está louco, capitão? Não entendo nada do que acontece. Que maluquice lhe sobe à cabeça?

— Não me venha com bobagens, coronel. Então tôda gente que defende a verdade e quer fazer justiça é louca, é desiquilibrada?

— Mas, que foi? Que é que houve para tamanha demonstração? Não sabe que eu sou...?

— Sei! E por isso mesmo tomei as minhas precauções! O bom exemplo deve vir de cima... Devia vir de cima!... Também eu sou (e vossa senhoria bem sabe!) a chamada "justiça do sertão"! O grave caso talvez não signifique nem valha nada para vossa senhoria... Tanto assim, que se esquece ou finge esquecer-se do sucedido. Ora bem! Para Deus e para mim, o caso significa e vale tudo quanto estou fazendo. Vim para fazer justiça a uma pobre escarnecida que recorreu a mim... contra seu filho.

— Meu filho, Joãozinho?!

— Sim! Seu filho, o doutor Joãozinho. Peço-lhe, portanto, que o mande comparecer aqui imediatamente.

O coronel pertencia à BRIOSA, à Guarda Nacional, milícia auxiliar das tropas regulares, criada pelo espartano Regente Feijó na trágica república regencial, modêlo do que seria a posterior...

Era de valentia calma, solerte. Percebeu que não adiantava resistir. Aliás, lia no rosto do capitão Moreno uma decisão terrível, apaixonada, que chegaria aos mais violentos extremos, se alguém se lhe opusesse naquela emergência.

Dada a ordem, logo depois aparecia, seguida da mãe e outros membros da família ilustre, todos super-ofendidos, o sr. dr. João. O capitão deu uma ordem para fora e entraram uns soldados de arma em punho, acompanhando uma moreninha muito simples na sua pobreza, mas um belo tipo de brasileira e de mulher nordestina, dêsses que há tantos por aí, frutos opimos da

Raça.

A mocinha adiantou-se envergonhada perante

A mocinha adiantou-se envergonhada perante tantos estranhos. Percebeu-se que o sr. dr. Joãozinho estremeceu comprometedoramente.

— Foi êsse, não, Mariquinha? — perguntou severo o capitão.

Acanhada, deu a entender positivamente.

— E prometeu que ia casar com você, não é?

— Sim, senhor, murmurou com os olhos baixos.

— Veja, seu doutor coronel Antônio, o seu filho que é doutor, que é letrado, que é ou crê é "branco" (a maior qualidade que acredita ter!); seu filho doutor, que tem quantas qualidades vossa senhoria quiser, "roubou a flor"aa esta menina sob promessa de casamento! Vossa senhoria conhece o coração dos cabras cá da nossa heroica terra de Pernambuco. E sabe perfeitamente o que aconteceria se o pai da Mariquinha estivesse vivo...

Com essas últimas palavras, silenciou correndo os olhos para todos os circunstantes. Depois, apontando para as moças, filhas do coronel, ali presentes em camisolas-de-dormir e espantadas com a cena imprevista, perorou:

— Se acontecesse o mesmo com uma dessas, que faria vossa senhoria? Que faria?

Em seguida, sem esperar resposta:

— A promessa é coisa sagrada que tem de ser cumprida. Tem de casar com ela, tem de casar com a Mariquinha. Ela pode ser mulata, pode ser ihnorante das letras de seu filho, conhecer sòmente serviços caseiros e letras primárias. Mas era honrada, era virgem, de família humilde, porém limpa e decentee. Seu filho, branco e letrado, esqueceu tudo isso e maculou-a perversamente. Tem que casar! Para isso, para fazer justiça foi que o govêrno me fêz capitão da polícia volante. Foi assim, pelo menos, que me explicaram a missão e, por ser assim, aceitei. Se não é isso, não entendo mais n da neste mundo. Será que me mandam fazer, porém não querem que eu faça?! Mas é aquilo mesmo mesmo: tenho que fazer justiça... e seu filho vai casar já com ela!

— Impossível! Impossível!

E, no segrêdo da mente, fantasiou o coronel a inqualificável "desgraça" que seria para a sua família "limpa" a união do filho com o sangue vermelho da raparigUinha mestiça.

— Vai casar, eu já disse! O que não pode é ficar por isso mesmo!

O capitão Moreno pensa para falar e não se desdiz. Precisamos acabar com êsse pouco caso no tratar os pobres! Seu filho, quando a violentou com promessas, não sabia quem ela era? Todos são gente de bem! Todos brasileiros! Todos filhos de Deus!

Os soldados presentes, caboclos de olhar inteligente, queimados dos calores do Norte, aprovaram, com a cabeça e com leve sorriso compreensivo e entusiástico, as palavras cálidas do chefe, de quem mmmm eram sobremodo orgulhosos, ao qual mmmm serviam com paixão missionária e a quem seguiriam

"até o inferno", conforme diziam, se preciso fôsse. Já fizera outras proezas

proes s na presença dêles. Era mais uma das boas que produzia no momento.

x x x x

Eis que entra, todo trêmulo, precedendo-o uma praça, o padre da reguesia vizinha (chamado com urgência "para confessar um moribundo"), e a quem se dirige o capitão diante do coronel António, dr. João e nobre família, estatelados pelo intempestivo acontecimento dessa noite de juízo e pesadelo.

— Mandei buscar a Vossa Reverendíssima, para celebrar já o casamento desta pobre e honesta Mariquinha com o sr. dr. João que a desrespeitou e a queria deixar desonrada. As duas partes são católicas e reconhecem o casamento perante Deus. Cumpra, então, V. Reverência a justiça de Deus como eu estou fazendo pelo govêrno do estado. Pela parte dêste, respondo eu; pela divina, V.R..

Ambos os noivos da madrugada deram o sim. Acabado o casamento, entregou o nobilíssimo soldado da justiça duzentos milréis ao capelão e despediu-o, em companhia da praça que o fôra buscar. Voltava Sua Reverendíssima meio incerto a respeito do matrimónio expresso em que fôra levado a oficiar. Findou, porém, concordando que fêz muito bem. Aliás, meditava, êle mesmo, e mais do que ninguém, fôra testemunha, no ministério sacerdotal, de tantos fatos que debalde o revoltavam e eram uma pouca vergonha para um povo cristão e não podia fazer nada, por falta de cooperação do "braço secular"...

"Fêz muito bem'" resmungava depois de passado o susto que lhe pregaram.

Quanto aos soldados ordenanças, sorriam da sabedoria salomónica do seu valente comandante, dotado da melhor eloqüência dos filhos da terra de Iracema. Os membros da opulenta família do engenho-grande, entre as tenazes da consciência em turbação e os velhos preconceitos burguêses que, no Brasil, superaram em tantas almas, a própria cristandade, pareciam julgar-se apanhados por ingrato e estúpido pesadelo.

Uma coisa dos diabos aquela: aparecer ali, em pleno senhorio omnipotente do coronelado, uma fôrça de armas "do govêrno" a impor obediência à ordem moral (desordem para êles!), sob ameaça de guerra!

Isso, só mesmo um Carlos Magno na Idade Média.

Agora, aquêle desgraçado do capitão Moreno que nunca leu, sem dúvida, a história da Civilisação e não era branco nem magno, fazendo o mesmo ali, na zona agreste de Pernambuco aqui em nosso Brasil republicano, sem rei nem roque! Era, já se viu! O mundo está perdido!

x x x x

Acordou-o dêsse estado lunático o capitão, dizendo serenamente:

— Terminou a minha missão: estão casados, com o mútuo consentimento... A justiça está feita. Eu sou a JUSTIÇA DOS POBRES. Mas não faço injustiça aos ricos. Espero que o dr. João e a bonita e honesta Mariquinha, possuidora de tantas prendas domésticas e atrativos femininos que reduziram tão distinto cavalheiro, formem uma família de bem. De cada tanto, passarei por aqui, com minha fiel tropa, para visitá-los.

Que tenham muitos filhos, como o Brasil precisa, muita saúde, muita riqueza e um "copiar" sempre farto. Passarei cá muitas vêzes na minha missão.

Que tenham muitos filhos, como o Brasil precisa, muita saúde, muita riqueza e um "copiar" sempre farto. Passarei cá muitas vêzes na minha missão.

x x x x

Soou festivo um clarim no meio da noite alta, dando ordens à soldadesca para recolher. Respeva cheio de júbilo como por um ato de reintegração do Brasil em si mesmo.

No dia seguinte, começava a soar, por todo o sertão, a justiça violenta que, na véspera, o Moreno fizera com estrondo e atrevimento, no teatro rude das caatingas.

Alguns mais "civilizados", com o superficial espírito do Brasil do litoral por vêzes estranjeirado, achavam desprositado e até "desafôro" o ato bravio do policiador sertanejo.

O sertão, contudo, "compreendeu", aprovou, gostou e até parecia pedir mais.

Cresceu a fama do chefe das tropas volantes, e a gente dos Cariris se creu garantida, mais do que nunca, no seu trabalho, propriedades e honra, contra os maus costumes que vem do lado do mar, contra a mentalidade estranjeirista de exploração que de lá também procede.

Quanto ao casal mixto (que assim foi o Brasil desde o princípio...), viveu muito bem, realizando com usura os votos capitanescos da movimentada noite matrimonial.

x x x x

Tornou-se dona Mariquinha uma esplêndida dona de casa, o dr. João extremoso pai de uma turma lúzida de morenos fortes, sãos e, hoje, distintos patrícios que brilham fùlgidamente na melhor sociedade nordestina.

Já agora, nem todos conhecem a origem dramática de tão colenda exemplar família.

Procuremos imaginar o que se haveria dado, sem a violência selvática e providencial do gesto dum herói desconhecido, dêsses que pululam ignotos Brasil adentro... Mais uma vítima da prostituição, com tôdas as suas incalculáveis conseqüências temporais e espirituais, provindas de uma injustiça remota tão comum. E é o que, o mais das vêzes, sucede.

x x x x

Anos mais tarde, infelizmente, fêz o brioso oficial dos volantes, no mesmo terreno dos volantes, uma outra façanha atrevida que magoou interêsses mais graves de altos mandões da terra. Viu-se forçado, desta vez, a abandonar a sua espinhosa missão e espinhoso cargo e retirar-se para distantes paragens onde o não atingissem as iras incontíveis de novos inimigos.

Aí foi que lhe ouvi a inspiradora história.

Parece-me entretanto que, em todos os campos, está o Brasil moderno reclamando, ansiosamente, capitães morenos, para a disciplina, a defesa, o desenvolvimento, a grandeza e preservação da unidade moral e nacional das novas gerações, garantia do nosso futuro promissoramente grandioso entre os mais ou grandiosos.

Revestia-se, entretanto, dos caraçteres da saudade individual, familiar quando muito, aquela do dia da chegada.

Êle chegou da estação ferroviária. Vagou silente e a passos compassados por tôda a cidade; parou aqui e ali como meditando, mirando tudo com olhares distantes. Parecia que quanto contemplava mudava de aspecto para êle, qual se foram os seus olhos raios-xis a ver dentro e através para além das coisas presentes. Depois, afastou-se para as cercanias da urbe, espraiou a vista profunda para as planícies verdes, as montanhas arrastadas, perdidas no azul do céu; derivou pelas ribanceiras caladas dos córregos buliçosos e do grande rio.

Quem é êle? Ninguém o conhecia na cidade! Mas quem é êle?

Louco? Maníaco? Mudo?

Nada dizia. Ninguém o ouvira falar.

Ninguém sabia patavina e ninguém perguntava.

Por que despertar aquêle sonâmbulo misterioso? Por que desencantar o mistério do desconhecido calado? Deixá-lo passear, por tôda parte, inocentemente, a taciturnidade da sua perambulação.

À noitinha, surgiu dentro da cidade a silhueta plácida do viajante ignoto.

Rumou para o hotel onde se aboletou, ceou, dormiu, não se sabe se na beatitude calma dos felizes e despreocupados, ou na agitação dos desditosos e cheios de torturas.

x x x x

No dia seguinte, pela madrugada silenciosa como êle, ergueu-se, saiu para a rua e continuou a peregrinação citadina. Não havia,ainda, senão, de longe em longe, os rumores de alguém que, por engano, se adiantara muito ao sol ou, já mais tarde, dos obreiros madrugadores, das carrocinhas dos padeiros e leiteiros, dos que iam à missa e o apito dos guardas e inspetores de quarteirão, os quais, a cavalo ou a pé, policiavam a cidade sonolenta e, de tempos a tempos, respondiam aos sinais de raros soldados da polícia.

Queria, porcerto, assistir ao dilúculo fascinante do sol para os lados das serras, anunciado pelo cantar multivariado dos galos domésticos em coros cada vez mais distanciados.

E, rúbida, alçou-se, no milagre permanente da vida, a fonte de luz, inundando tudo de fogo purpúreo ainda.

E começaram a aparecer uns poucos semblantes de mulheres pelas janelas da cidade provinciana; porque ali madrugam as operosas mães e filhas de família, antes dos homens, nesse esbôço de classe-média que indefinidamente possuímos, aberta para as ascensões da arraia-miúda. São elas que tratam de fazer o lume e preparar o café sumaríssimo tomado no Brasil, ao revés do suculento café-almôsso dos europeus.

E o desconhecido a vagar, a passos cadenciados, ôpido a dentro.

Quem será? Engraçado: nem os guardas, ciosos de saber tudo, lho perguntaram! Nem os guardas! E na cidade todos se conhecem. E o desconhecido continua a sê-lo.

Quando se fêz mais tarde, parou o nosso homem diante de uma das mais velhas casas locais, na rua central, e, com olhares curiosos de amor, conforme pareceu.

pareceu, de lanço branco na mão direita, mirava e remirava o edifício. Afigurava-se muito comovido.

Nesse momento, saiu um senhor de dentro da residência namorada e, notando o interêsse manifesto do estranho pela sua moradia, chegou-se-lhe amável porém meio desconfiado e receoso, perguntando-lhe quase sem esperança de receber resposta:

— O sr. deseja alguma coisa?

— Ótimo! — exclamou como saindo dum sono. — Desejava sim, senhor, que me deixasse visitar essa casa. Foi minha há muitos anos! Quero dizer — da minha família. Quereria revê-la; matar as saudades! Queria, sim, visitar a sua casa. Dá-me licença? — rematou como em dúvida. E ficou contente como uma criança ao ganhar uma gulodice.

— Compreendi! Mas volte daqui a pouco, que está tudo desarrumado por enquanto. Volte, que me dará muito prazer.

— Obrigado. Voltarei mais tarde.

Retirou-se para o jardim da praça da Matriz.

Pois tôdas as nossas cidades-antigas ostentam uma igreja-matriz, geralmente mais ricas do que as modernas, e mais espaçosas, cuja praça é, por via de regra, obrigada a jardim e coreto para as célebres tocatas das bandas de música locais.

Notava-se algum movimento dos que entravam e saíam da ugreha. E êle também entrou meio abstratamente, autômato impelido por motos estranhos. Esqueceu-se, a princípio, de terpentetrado em casa de oração: ficou sòmente espiando tudo, e parece que não gostou. Ter-se-ia perpetrado certamente alguma sanática mudança, com que muitas vêzes o presente quer corrigir o passado, subgerando, de obras velhas preciosas, um hibridismo que as não deixa velhas nem torna novas e, sôbre isso, ainda lhes rouba o valor de antigalhas. Devia ter-lhe acordado sentimentos prístinos a visão de tudo aquilo, pois caiu de joelhos perante o altar do Santíssimo.

x x x x

Duas horas após, lá estava o homem para a visita aprazada.

Entrou, acompanhado do dono da casa, olhando tudo, tácito como se ingressasse num templo, com mais recolhimento e compenetração do que no templo de verdade, pouco antes! Percorreu mudo todos os quartos e, em tôda parte, via mais do que o companheiro, parecia [illegible] acordarem-se-lhe recordações diletas, de alegrias e dores, pois não largava o lenço, o qual lhe ia matando as lágrimas que indiscretas surdiam do vaso amargo dos olhos.

Depois dos quartos, a sala. Nesta, uma menina da casa tocava diante da estante, ao violino, a "Serenata de Braga". E êle se lembrou da sua irmãzinha, Cecília, ou Cilinha que, nos tristes tempos doutrora, fôra obrigada a desfazer-se do adorado instrumento, para que o pai arruinado, com a venda dêle saldasse uma dívida premente. Ia ela, então, de casa em casa, dos poucos amigos violinistas ou estudantes de música, a fim de, usando-lhes o instrumento, não lhe esquecer o que com tanto esfôrço aprendera e talvez adquirir mais técnica na difícil arte paganiniana. Uma saudade imensa!

Revestia-se, entretanto, dos caraçteres da saudade individual, familia quando muito, aquela do dia da chegada.

Êle chegou da estação ferroviária. Vagou silente e a passos compassado por tôda a cidade; parou aqui e ali como meditando, mirando tudo com olhares distantes. Parecia que quanto contemplava mudava de aspecto para êle, qual se foram os seus olhos raios-xis a ver dentro e através para além das coisas presentes. Depois, afastou-se para as cercanias da urbe, espraiou a vista profunda para as planícies verdes, as montanhas arastadas, perdidas no azul do céu; derivou pelas ribanceiras caladas dos córregos buliçosos e do grande rio.

Quem é êle? Ninguém o conhecia na cidade! Mas quem é êle?

Louco? Maníaco? Mudo?

Nada dizia. Ninguém o ouvira falar.

Ninguém sabia patavina e ninguém perguntava.

Por que despertar aquêle sonâmbulo misterioso? Por que desencantar o mistério do desconhecido calado? Deixá-lo passear, por tôda parte, inocentemente a taciturnidade da sua perambulação.

À noitinha, surgiu dentro da cidade a silhueta plácida do viajante ignoto.

Rumou para o hotel onde se aboletou, ceou, dormiu, não se sabe se na beatitude calma dos felizes e despreocupados, ou na agitação dos desditosos e cheio de torturas.

x x x x

No dia seguinte, pela madrugada silenciosa como êle, ergueu-se, saiu para a rua e continuou a peregrinação citadina. Não havia, ainda, senão, de longe em longe, os rumores de alguém que, por engano, se adiantara muito ao sol ou, já mais tarde, dos obreiros madrugadores, das carrocinhas dos padeiros e leiteiros, dos que iam à missa e o apito dos guardas e inspetores de quarteirão, os quais, a cavalo ou a pé, policiavam a cidade sonolenta e, de tempos a tempos, respondiam aos sinais de raros soldados da polícia.

Queria, porcerto, assistir ao dilúculo fascinante do sol para os lados das serras, anunciado pelo cantar multivariado dos galos domésticos em coros cada vez mais distanciados.

E, rúbida, alçou-se, no milagre permanente da vida, a fonte de luz, inundando tudo de fogo purpúreo ainda.

E começaram a aparecer uns poucos semblantes de mulheres pelas janelas da cidade provinciana; porque ali madrugam as operosas mães e filhas de família, antes dos homens, nesse esbôço de classe-média que indefinidamente possuímos, aberta para as ascensões da arraia-miúda. São elas que tratam de fazer o lume e preparar o café sumaríssimo tomado no Brasil, ao revés do suculento café-almôsso dos europeus.

E o desconhecido a vagar, a passos cadenciados, ópido a dentro.

Quem será? Engraçado: nem os guardas, ciosos de saber tudo, lho perguntaram! Nem os guardas! E na cidade todos se conhecem. E o desconhecido continua a sê-lo.

Quando se fêz mais tarde, parou o nosso homem diante de uma das mais velhas casas locais, na rua central, e, com olhares curiosos de amor, conform[illegible]

pareceu, de lanço branco na mão direita, mirava e remirava o edifício. Afigurava-se muito comovido.

Nesse momento, saiu um senhor de dentro da residência namorada e, notando o interêsse manifesto do estranho pela sua moradia, chegou-se-lhe amável porém meio desconfiado e receoso, perguntando-lhe quase sem esperança de receber resposta:

— O sr. deseja alguma coisa?

— Ótimo! — exclamou como saindo dum sono. — Desejava sim, senhor, que me deixasse visitar essa casa. Foi minha há muitos anos! Quero dizer — da minha família. Quereria revê-la; matar as saudades! Queria, sim, visitar a sua casa. Dá-me licença? — rematou como em dúvida. E ficou contente como uma criança ao ganhar uma gulodice.

— Compreendi! Mas volte daqui a pouco, que está tudo desarrumado por enquanto. Volte, que me dará muito prazer.

— Obrigado. Voltarei mais tarde.

Retirou-se para o jardim da praça da Matriz.

Pois tôdas as nossas cidades-antigas ostentam uma igreja-matriz, geralmente mais ricas do que as modernas, e mais espaçosas, cuja praça é, por via de regra, obrigada a jardim e coreto para as célebres tocatas das bandas de música locais.

Notava-se algum movimento dos que entravam e saíam da ugreha. E êle também entrou meio abstratamente, autómato impelido por motos estranhos. Esqueceu-se, a princípio, de terpentetrado em casa de oração: ficou sòmente espiando tudo, e parece que não gostou. Ter-se-ia perpetrado certamente alguma asnática mudança, com que muitas vêzes o presente quer corrigir o passado, subgerando, de obras velhas preciosas, um hibridismo que as não deixa velhas nem torna novas e, sôbre isso, ainda lhes rouba o valor de antigalhas. Devia ter-lhe acordado sentimentos prístinos a visão de tudo aquilo, pois caiu de joelhos perante o altar do Santíssimo.

x x x x

Duas horas após, lá estava o homem para a visita aprazada.

Entrou, acompanhado do dono da casa, olhando tudo, tácito como se ingressasse num templo, com mais recolhimento e compenetração do que no templo de verdade, pouco antes! Percorreu mudo todos os quartos e, em tôda parte, via mais do que o companheiro, parecia ~~[illegible]~~ acordaram-se-lhe recordações diletas, de alegrias e dores, pois não largava o lenço, o qual lhe ia matando as lágrimas que indiscretas surdiam do vaso amargo dos olhos.

Depois dos quartos, a sala. Nesta, uma menina da casa tocava diante da estante, ao violino, a "Serenata de Graga". E êle se lembrou da sua irmãzinha, Cecília, ou Cilinha que, nos tristes tempos doutrora, fôra obrigada a desfazer-se do adorado instrumento, para que o pai arruinado, com a venda dêle saldasse uma dívida premente. Ia ela, então, de casa em casa, dos poucos amigos violinistas ou estudantes de música, a fim de, usando-lhes o instrumento, não lhe esquecer o que com tanto esfôrço aprendera e talvez adquirir mais técnica na difícil arte paganiniana. Uma saudade imensa!

Boletim n.o 17

Acção Imperial Patrianovista Brasileira

PÁTRIA - NOVA

A AIPB em face dos Partidos políticos

A **Acção Imperial Patrianovista Brasileira,** associação cultural politica do Brasil, luta pela continuidade da tradição de honra, da familia e da Patria.

Progressivamente, restaurando antigas tradições, tem levado o evangelho dos magnificos exemplos da probidade administrativa e do patriotismo de grandes vultos nacionais que a garantia e a continuidade do **Império** legou à actual geração.

O Brasil é a única nação americana que possui **tradição monárquica**, pelo que é monarquista a sua cultura. Da mesma forma deve ser a sua Constituição de Estado.

——o-o——

A AIPB, por não pretender subverter o regime republicano, não admite em seu programa nenhuma pregação revolucionária, espanágio êsse que pertence ao plano dos partidos republicanos, que nós outros vemos como exércitos anti-nacionais em permanentes lutas e cujas objectividades se resumem, a mor das vezes, - em agremiações improvizadas para disputa do poder.

Isto pôsto, a AIPB não é partido politico; é uma corrente de ideal na concepção da forma de Estado Monárquico. Da sua doutrinação, divulgação, através dos tempos, resultará uma nova consciência nacional, sem choques violentos, sem revoluções.

Mas, para dizermos da nossa doutrina, no terreno das batalhas ideológicas, sòmente os partidos republicanamente organizados podem nos apresentar legalmente, porque com a república a Nação é obrigada a tolerar intermediários artificiais entre ela, soberana, e o Estado espúrio.

Vivendo da iniciativa espontânea de milhares de idealistas por uma PATRIA NOVA, nosso movimento doutrinário foi iniciado pelo Chefe-Geral Dr. Arlindo Veiga dos Santos, e tem, actualmente, sua sede provisória instalada à **Rua Silveira Martins, 152, sala 29 - 3.o and. - Fone 3-3681.**

De sua doutrina - como teoria de Estado - afirma os seguintes postulados:

A) A NAÇÃO é uma grande familia e ela não pode se prestar a balcão de negócios de comerciantes aventureiros.

B) A FAMILIA é a razão social da Nação e da mesma forma o Estado não pode viver sem mistica, a menos que arruine seu organismo pelas enfermidades extremistas.

C) OS MUNICIPIOS são as células do Estado e os únicos verdadeiros órgãos políticos da Nação.

D) A tese monárquica não concebe sub-divisões em "estados", o que seria admitir legalmente conflitos permanentes de "estados" dentro de outro "estado". Outrossim: - Uma só Pátria, uma só cultura, uma só constituição, uma só bandeira uma só lingua, uma só história, um só exército, um só govêrno.

E) - A AIPB preconiza redivisão geo-econômica da Nação, para exclusiva acção administrativa, em bases lógicas e centralizadoras, estabelecendo-se a Côrte (capital) no centro do País.

F) - Pugnará pela reforma radical do sistema tributário, de maneira a constituir o MUNICIPIO (autônomo) a única célula ou unidade arrecadadora fiscal, donde as Provincias ou Territórios administrativos colheriam tributos percentualmente, para o Erário Nacional.

G) - A Representação Popular teria raizes no Municipio, de onde partiriam, ascensionalmente, os valores da Produção Nacional para as grandes assembléias, donde, por sua vez, o Monarca escolheria os melhores valores para constituir seu Conselho de Estado (exclusivo) e, ainda, dentro dêste, o seu "lider", ou "premier" (primeiro ministro) - que seria, constitucionalmente, o Condestável da Nação".

H) - O Estado é **apartidário**, neutro, sem intermediários, a representação é directa da Nação pelos órgãos naturais da Produção Nacional sindicalizados; Espiritual, Intelectual, Industrial, Profissional, Agrário, Cultural, etc...

I) - PATRIA-NOVA reconhece a necessidade imperiosa e urgente de a Nação constituir seus monopólios económicos, para sua própria sobrevivência económica, como sejam as indústrias extrativas em geral (carvão de pedra, minérios metálicos, quedas de água, energia eléctrica, faixas de fronteiras, alfândegas e portos, correios e telégrafos e até radiodifusão, e, notadamente, o petróleo), podendo delegar poderes, constituir órgãos paraestatais para sua exploração ou arrendamento de direitos do Estado, concorrendo gradativamente para a extinção do tributo directamente cobrado.

J - PATRIA-NOVA prega a necessidade da transformação em carácter absolutamente técnico, dos órgãos administrativos do Govêrno - os **Ministérios**, que perderiam, assim, o seu feitio exclusivamente politico e sem nenhuma expressão utilitária.

Em suma: A AIPB não é agremiação política reconhecida pela Constituição Republicana. Sendo profundamente nacional e nacionalista, é um movimento cultural baseado na segurança da tradição. Seus idealistas podem pertencer a qualquer partido de afirmação cristã. Sendo profundamente nacional e nacionalista, é um movimento cultural baseado na segurança e tradição.

Porisso, os Patrianovistas filiam-se aos partidos que ofereçam guarida à sua ideologia filosófica de forma de Estado, constituindo um sector que se denominaria "Ala Monarquista" do partido.

——ooo——

JERÓNYMO RICARDO DE MATTOS
(Da APHELB - Academia Patrianovista de História e Economia Luso-Brasileiras)

BOLETIM N.o 11

ACÇÃO IMPERIAL PATRIANOVISTA BRASILEIRA
(PÁTRIA-NOVA)

Para Governador de São Paulo

Patrianovistas de São Paulo

Glória!

Estamos apenas a duas semanas das eleições.

Os Imperiais Patrianovistas têm dois candidatos à deputação provincial (estadual): os

drs. Joaquim P. Dutra da Silva e Benjamin António Salles Arcúri,

donos de honrosa fé de ofício, sob a legenda do "Partido Democrata Cristão".

Nêles haveis de votar, cientes porém de que a suprema salvação do Brasil, salvação DEFINITIVA, está na Monarquia Orgânica (Patrianovista). Os nossos deputados monárquicos representarão únicamente uma gota dágua no oceano vasto da confusão republicana; mas constituirão fermento precioso daquele ideal sublime.

Lembrai-vos, não obstante, de que pouco antes de 15 de Novembro de 1889, com tôda a liberdade da democracia Imperial, os vociferadores republicanos, apesar das calúnias e infâmias cuspidas contra Dom Pedro II e sua Imperial Familia, com balelas estrangeiristas ântiimperiais, não tinham conseguido eleger UM SÓ REPRESENTANTE do seu desmoralizado regimen de promessas sem base real. E fez-se república no Brasil!...

Ânimo, pois, Patrianovistas!

Votai orgulhosos e confiantes, luzida minoria de lidadores do Brasil, nos

Candidatos Imperiais!

Mais do que em todo o País, somos em São Paulo vitimas da ladroeira desenfreada de industriais usurários, atacadistas insaciáveis, importadores sem entranhas, "atravessadores" cúpidos e negociantes vorazes e atrevidos, que, IMPUNES, sacrificam de todos os modos o nosso Povo Paulista. Isso, sem relatar outras agruras que, ALÉM DA FOME, torturam as nossas populações da Capital e do Interior.

Precisamos, em vista disso, votar CONSCIENTEMENTE para Governador no candidato **nacional** (não aliado a quinta-coluna estrangeira), o qual possa, dentro da nova ordem constitucional (que não discutimos), resolver o problema da penúria e exploração infame sob a qual padece o nosso povo, **o mais roubado do Brasil,** assim como na república o Brasileiro é **O POVO MAIS ROUBADO DO MUNDO,** na linguagem rude mas verdadeira do sr. dr. Pontes de Miranda. Queremos um Governador **que governe,** pois (diz a Sagrada Escritura no livro da Sabedoria) **"onde não há quem governe perecerá o povo".**

Certos estamos de que, sob a inspiração da Virgem Padroeira do Brasil, sabereis escolher (pôsto á margem todo o sentimento individualista) êsse GOVERNADOR para o grave momento que passa.

Se assim fizerdes (como certamente fareis), a nossa sempre gloriosa e laboriosa provincia de São Paulo - coração do IMPÉRIO BRASILEIRO — vos agradecerá o voto.

Viva o Imperador!

A. Veiga Dos Santos, (Chefe Geral)

Imperial Cidade de São Paulo, 3 de Janeiro de 1947, 18.º da AIPB.

121 - Rua dos Capitães-Generais - 121

PRIMEIRO, O BRASIL. DEPOIS, A CONSTITUIÇÃO.

No bem lançado editorial "Incongruências e erros", mostra-nos "A Gazeta" de 22.8.49 (S. Paulo) o ror de asneiras praticadas no Brasil económico, durante a república, sob o regimen de partidos explícitos ou implícitos.

O MAL É DO REGIMEN. Os produtores, as Fôrças Vivas da Nação, a Inteligência, a Cultura (geralmente extrapartidários) não são ouvidos. Constituem uns pobres mendigos indesejáveis a implorar leis ou actos "realistas", objectivos e justos, aos banqueteiros da politicagem partidária e economisticamente ignorante ou (amiúde) presa a interêsses espúrios e inconfessáveis.

Serão porventura irremissìvelmente maus todos êsses actuais "maus ricos" da política brasileira? Não. Não lhes faremos essa injúria. Êles "se defendem" como podem... num regimen mau!

Ao proclamarem-se estas verdades à face da Nação ludibriada (como o fêz o aludido vespertino), zurram certos partidários, os realmente perversos, que nos estamos insurgindo contra a "democracia" e contra a constituição (que êles mesmos, êles "políticos", fizeram!!!), constituição essa consignadora da democracia "pluripartidarista", excluindo porém um possível partido "monarquista", aliás indesejável para os patrianovistas, os únicos realistas militantes no Brasil.

Ora, tal exclusão, exarada que fôsse em Carta de nações por infelicidade tradicionalmente republicanas, já seria ânti-democrática (na própria opinião dêles) e criminosa; mas, em Nação como a nossa formada e engrandecida por inesquecíveis Reis e Imperadores, Nação tradicionalmente, essencialmente, CONGÊNITAMENTE monárquica e em que república **até em sonhos** foi sempre desgraça, morte, separatismo — é

INOMINÁVEL, é INFAME.

É como se em uma família se excluissem da herança os filhos legítimos (no caso os monárquicos), para benificiar sòmente os adulterinos (republicanos).

* * *

Se alegamos, contra os grupos artificiais, a necessidade da representação directa dos grupos naturais das fôrças vivas da Produção e Cultura nacionais, incluída a Escola, isto é — as Universidades, a Igreja, a Imprensa, o Rádio, as Fôrças Armadas e a Família — obtemperam serem **contra** a Constituição as nossas reivindicações corporativo-municipalistas. Quer isso apenas dizer que a "nossa" Constituição está **errada** e não nós nem o passado brasileiro, que é vida e não fantasia.

Mas **quem** fêz a Constituição? **Quantos** os brasileiros que a fizeram? Que fôrça viva **nacional** (não "partidaria") representavam os constituintes enquanto tais, para pretenderem **pear** as ciências sociais e, com elas, a melhor evolução do Brasil reintegrado em sua Cultura perdida **parcialmente** em 25.3.1824 e **totalmente** em 24.2.1891?

Também fomos às urnas eu e os milhares, quiçá milhões, que **em todo o Brasil** seguem as minhas idéias, digo idéias TRADICIONALISTAS, verdadeiramente **nacionais**, que crearam o Brasil, por nós **actualizadas.**

Acaso é lícito à Lei positiva contrariar, sufocar o Direito Histórico Nacional impondo-nos cultura e civilização estranjeiras?

Todavia, para o liberalismo explorador da palavra "democracia", constitui **verdade** qualquer **absurdo** ou paranoia votados por "metade mais um" dos legisladores. E então, aos que possuem a verdade verdadeira, objectiva — lição da História política nacional — só lhes cabe calar a bôca e engolir em sêco e alegremente a heresia politicante, não é?

* * *

Por que chegámos a esta situação calamitosa de **charlatanismo governativo**, qual o espelha ao de leve o citado editorial? Seria culpa apenas dos homens, ou sobretudo, do sistema de **representação-chantagem**, da imprestabilidade do **regimen** que havemos de tolerar como um mal irremediável?

Ora, em nosso sistema tradicional **os homens poderiam até ser os mesmos que aí estão**, pois saíram êles de várias profissões para militar em partidos fundados artificialmente PELA LEI para a exploração do poder. Seriam, porém, nos novos quadros, efectivamente RESPONSÁVEIS, livres do satânico espírito de partido e das suas maléficas injunções, que se infiltram nos sindicatos, uniões estudantis e outras, transformados em grupos de pressão de marxistas e outros malfeitores.

* * *

E seremos, apesar de tudo, NÓS PATRIANOVISTAS, que tudo isso vemos e lastimamos como PATRIOTAS, seremos **totalitàriamente** obrigados a dizer **amén** a tôdas as asneiras, a bater palmas ao sistema estranjeiro e inepto que nos impõem sem saída para o que é **nosso** (pois de comêço já nos barram "constitucionalmente" a porta), quando a ciência política, a sociologia implacável, a História sem intromissão de falsários, a REALIDADE de tantos anos catastróficos, o fracasso das experiências utópicas à custa das desgraças e miséria do povo brasileiro nos levaram a fundar **Pátria-Nova** em 1928, sem que nada até agora desenganasse as nossas intuições, as nossas observações, os nossos estudos e a nossa CONCLUSÃO sociològico-política?

* * *

Não, srs. republicanos! Não pode ser! Em meio a tôdas as contínuas CRISES, malária inevitável da República, continuaremos com mais fôrça de razão "sine ira ac invidia" a afirmar que

— O BRASIL É UMA PÁTRIA IMPERIAL, UMA PÁTRIA MONÁRQUICA, QUE NÃO PODE SER REPÚBLICA DE MANEIRA ALGUMA. A república não poderá resolver (não o pôde até agora!) os problemas da Nacionalidade e do Estado Brasileiros. É ânti-nacional, dissolvente, desorganizadora, separatista; anarquizadora, empobrecedora, enfraquecedora, humilhadora e retardadora da Pátria Brasileira.

* * *

Se a República não pode, como realmente não pode (e o tem provado em mais do que os 67 anos do Império), tornar o Brasil novamente uma grande Nação (a não ser "vegetativamente"), fazê-lo potência mundial, soberana, feliz internamente, respeitável e respeitada externamente pelo carácter, pela economia, pela dignidade e pela fôrça, cumpre ao menos que não arruíne tão profundamente o antigo poderoso Império (que o era nos quadros do seu tempo), a ponto de não possibilitar mais a instauração de um outro Estado sério e digno.

E importa acabar no Brasil a mania de fazer leis contra os maus atingindo simultâneamente os bons... pois os maus sempre se esgueiram defensivamente continuando pérfidos as suas manobras, enquanto os bons ficam prejudicados, segundo a experiência que já desfrutámos durante o Estado Novo, depois do qual se alçou mais temerosa e abjecta a vaza da estupidez política anteriormente derrotada e recolhida à ignara insignificância.

O BRASIL ESTÁ ACIMA DA CONSTITUIÇÃO: da do Império e de tôdas e cada uma das quatro várias e avariadas repúblicas que já se foram sucedendo.

"Salus populi Brasiliensis suprema lex"!

Se a Constituição não salva o Brasil, MUDE-SE OU ANULE-SE A CONSTITUIÇÃO. Mas não se perpetrem leis adjectivas contra todos... Não se persiga e emudeça com leis draconianas, a quem afirma como maior condão da sua emprêsa a fidelidade à Pátria, ao Brasil e às suas Tradições católicas e monárquicas — a única herança límpa, que nacional, social e politicamente nos resta.

Não se repitam erros já castigados pela História.

Emudeçam, sim, os grupos de pressão internacionais e falsamente nacionalistas, que atendem a senhas secretas.

O BRASIL ESTÁ ACIMA DA ACTUAL CONSTITUIÇÃO E DE **QUALQUER** CONSTITUIÇÃO ESCRITA. Temos uma verdadeira constituição vital em nossa História. Só essa defenderá cabalmente o Brasil.

Quem o pretenda negar está contra a Pátria Brasileira!

Arlindo VEIGA DOS SANTOS
Chefe Geral Patrianovista

SEM REI NÃO HÁ

UNIÃO NACIONAL.

CRISTO E O REI

Quando um povo renega a Cristo e seu legítimo representante na terra, recebe uma porção de falsos Cristos creadores de seitas disparatadas.

Quando um povo renega o seu Rei, seu Chefe Dinástico Nacional trazido pela sacralidade de uma Família proveniente do fundo dos séculos da sua formação, recebe legião de falsos chefes manifestos ou ocultos que lhe torcem o destino e arruínam os ideais, as aspirações, a felicidade e a vida. Cai na anarquia, na desordem, na cegueira, sem atinar mais com os seus verdadeiros e nacionais caminhos.

Perde um Senhor ligado ao seu Sangue, ao seu Espírito, à sua Vida, à sua Vocação e Destino, para padecer o desamor, o crime, a exploração, a morte, pela mão dos déspotas eleitos ou usurpadores armados, proclamadores de mentidas liberdades, igualdades e fraternidades que terminam em escravidão, desigualdades iníquas e ânti-hierárquicas, mergulhando afinal nas lutas intestinas que destróem as famílias, as nações e a sua paz, a sua honra, prosperidade e independência.

A Solução da actual Crise é a

Monarquia Orgânica

Sem Rei não há União Nacional

A Sua Alteza Imperial e Real

Sr. DOM PEDRO HENRIQUE DE BRAGANÇA

Glória à SS. Trindade!

ALTEZA

Antes de mais nada, faço votos de saúde e paz em Cristo para V.A. e tôda a Imperial Família.

Gostaria imenso de saber se tem V.A. recebido regularmente as nossas publicações, pois é especialmente por meio delas que pretendemos ir dando ciência do que se passa no único movimento monárquico de âmbito nacional e que, com a graça de Deus e protecção dos nossos Santos Padroeiros, cada vez mais avulta pelo país.

O sr. Euclides Bordignon, que V.A. conheceu por ocasião do nosso infelizmente já remoto encontro em S.Paulo, informa-me ter enviado para Jacarèzinho, conforme prometera, o livro de Manoilesco sôbre o Corporativismo. Ignora se V.A. o recebeu ou não.

Tenho igualmente de apresentar a V.A. as homenagens do sr. Tenente João Rosa de Caravelas (descendentes dos Barões de Camunducaia em Minas). Trata-se de um dos novos militantes patrianovistas, árdego e valente, Delegado Militar (do Exército) em Cristina, deq quem a nossa Causa espera muito.

Agora, Alteza, uma insistência a que sou irremediàvelmente obrigado. Em todo o decurso da nossa tenaz propaganda, topamos com o desconhecimento que o povo tem do seu futuro Imperador. Desejamos ardentemente que nos forneça uma fotografia actual para o próximo número de "Monarquia". Já prestámos a homenagem aos seus antepassados Dom Pedro I e Dom Pedro II. Cumpre, todavia, que apareça o mais que possível fôr a efígie de DOM PEDRO III, porquanto é êste um dos meios de construirmos o Império que estará chegando talvez muito mais depressa

do que muita gente crê.

Vão òptimamente as nossas actividades. Certamente já sabe A. I. do Inquérito que levamos a efeito, encargo êsse lançado sôbre os dedicados ombros do Tenente Jerónymo. São consoladores os resultados a favor da penetração patrianovista, quer dizer da idéia do Império Orgânico e Integral, do Império Missionário, do Império Protector e Defensor da Santa Madre Igreja, afinal do Império que Vossa Alteza deseja, como já lhe ouvi.

O Prof. Dr. J.P. Galvão de Sousa empresou um belo seminário da da sua cadeira na Faculdade e lá estão, entre outros luminares, doutrinando os Alexandre Correia e Van Acker, sem esquecer o nosso caríssimo Plínio. Creio que muito bem há de resultar disso.

No dia 4 p.p. fiz uma conferência no Instituto Histórico com êste título escandaloso: "El-Rei Dom João VI em 1956", sequência lógica de duas outras ditas antes: "Brasil, Província dEl-Rei" e "El-Rei Dom João III, Estadista do Século XX".

Por êstes dias receberá V.A. os meus livros: "FILOSOFIA POLÍTICA DE SANTO TOMÁS DE AQUINO" e "ORGANIZAÇÃO MONÁRQUICA DO ESTADO", tradução. O primeiro é adoptado pelo Dr. Ataliba Nogueira na Faculdade de Direito oficial e pelo Dr. Galvão na Católica. Fazemos votos por que favoreça a Causa de V.A., que é a de pátria-Nova, que é a do Brasil.

Outras muitas coisas poderíamos relatar a V.A., mas é demais o que já lhe tomei de precioso tempo. Queira desculpar-me o abuso.

Deus guarde a V.A.I.R. e a tôda a Família Imperial.

Arlindo VEIGA DOS SANTOS
Chefe Geral Patrianovista

Imperial S.Paulo de Pirapininga
6 de maio de 1956.
Caixa Postal 8503.
Novo endereço da Sede Central: Av.Ipiranga,1248,16º,1604.

Foram propagandas da "Fil.". do Beunes.

1958

Meu caro Dr. Manuel

1. Gostei do seu último artigo nA Gazeta a respeito de urbanismo em tempos do Brasil-português. Faz parte indispensável da nossa luta para estabelecer a continuidade histórica inconsútil do Brasil do passado com o Brasil do presente para podermos criar o Brasil do futuro, que a má História vai impossibilitando já há tanto tempo, com impor complexos de inferioridade raciais e culturais ao nosso povo e, especialmente, à nossa mocidade.

Colaborando nesse aspecto "urbanístico" a que V. se referiu, estou enviando-lhe um trecho do "Regimento de Tomé de Sousa" (1548), confirmador da sua afirmação. Certamente, já foi lido por V., mas nem sempre temos as coisas à mão. Aí vai:

2. -- "E assim sou informado que o lugar em que está a dita cêrca (isto é, o circuito da ~~antiga~~ vila Velha, fundada por Francisco Pereira Coutinho, donatário de Todos os Santos) não é conveniente para se aí fazer e estar a fortaleza e povoação que ora ordeno que se faça e que será necessário fazer-se em outra parte mais para dentro da dita Baía. E portanto vos encomendo e mando que como tiverdes pacífica a terra vejais com pessoas que o bem entendam o lugar que será mais aparelhado (grifo meu) para se fazer a dita fortaleza forte e que se possa bem defender e que tenha disposição e qualidade para aí ali por o tempo adiante se ir fazendo uma povoação grande e tal qual convém que seja para dela se proverem as outras capitanias como com a ajuda de Nosso Senhor espero que esta seja e deve de ser em sítio sadio e de bons ares e que tenha abastança de águas e pôrto em que ~~nos~~ bem possam amarrar os navios (grifo meu) e vararem se quando cumprir ~~necessidade~~ porque tôdas estas qualidades ou as mais delas que puderem ser cumpre que tenha a dita fortaleza e povoação por assim ter assentado que dela se favoreçam e provejam tôdas as terras do Brasil e no sítio que vos melhor parecer ordenareis que se faça uma ~~fortaleza~~ fortaleza da grandura e feição que a requerer o lugar (grifo meu) em que a fizerdes conformando-vos com AS TRAÇAS E AMOSTRAS QUE LEVAIS (grifo meu) praticando com os oficiais que para isso lá mando e com quaisquer outras pessoas que o bem entendam e para esta obra vão em vossa companhia alguns oficiais assim pedreiros e carpinteiros como outros que poderão servir de fazer cal, telhas, tijolos e para se poder começar a dita fortaleza vão nos navios desta armada algumas achêgas (isto é instruções) e não achando na terra aparelhos para se a dita fortaleza fazer de pedra e cal far-se-á de pedra e barro ou taipas ou madeira como melhor puder ser de maneira que seja forte e como na dita fortaleza fôr feita tanta obra que vos pareça que seguramente vós podereis nela recolher e agasalhar com a gente que levais vos passareis a ela deixando porém na dita cêrca que está feita alguma gente que baste para a povoar e defender.

3. "Porque minha tenção é que a dita provoação seja tal como atrás fica declarado hei por bem que ela tenha de têrmo e limite seis léguas para cada parte (grifo meu) e sendo caso que para alguma parte não haja as ditas seis léguas por não haver tanta terra chegará o dito têrmo até onde chegarem as terras das ditas capitanias o qual têrmo mandareis demarcar de maneira que em todo o tempo se possa saber por onde parte.

4. "Tanto que tiverdes assentada a terra para seguramente se poder aproveitar dareis de sesmaria as terras que estiverem dentro no dito têrmo (grifo meu) às pessoas que vo-las pedêrem, não sendo já dadas a outras pessoas que as queiram ir povoar e aproveitar (grifo meu) no tempo que lhe para isso há de ser notificado, as quais terras dareis livremente sem fôro ~~nenhum~~ algum (g.m.), sòmente pagarão o dízimo à ordem de Nosso Senhor Jesus Cri-

to e com a condições e obrigações do foral dado às ditas terras e de minha ordenação no quarto livro título das sesmarias com condição que resida na povoação da dita Baía ou das terras que lhe assim forem dadas três anos dentro do qual tempo as não poderá vender nem enlear e não dareis a cada pessoa mais terra que aquela que bosamente e segundo sua possibilidade vos parecer que poderá aproveitar (g.m.) e se as pessoas que já tiverem terras dentro do dito têrmo assim aquelas que se acharem presentes na dita Baía, como as que depois forem a ela dentro no tempo que lhes há de ser notificado quiserem aproveitar as ditas terras que já tinham, vós lhas tornareis a dar de novo para as aproveitarem com a obrigação acima dita (g.m.) e não indo alguns dos ausentes dentro no dito tempo que lhe assim há de ser notificado aproveitar as terras que dantes tinham, vós as dareis pela dita maneira a quem as aproveite e êste capítulo se trasladará nas cartas das ditas sesmarias.

5. "As águas das ribeiras que estiverem dentro no dito têrmo em que houver disposição para se poderem fazer engenho de açúcares ou de outras quaisquer coisas dareis de sesmarias livremente sem fôro algum (g.m. Isto se entende como estímulo à indústria dos povoadores) e as que deres para engenho de açúcares será às pessoas que tenham possibilidade para os poderem fazer dentro no tempo que lhe limitardes e que será o que vos bem parecer e para serviço e manejo dos ditos engenhos de açúcares lhe dareis aquela terra que para isso fôr necessária e as ditas pessoas se obrigarão a fazer cada uma em sua terra uma tôrre ou casa forte (g.m.Providência a bem da defesa da terra pelos particulares) da feição e grandura que lhe declarardes nas cartas e será a que vos parecer segundo o lugar em que estiverem (g.m. Atenção à realidade ambiente só presencialmente reconhecível) que bastarão para segurança do dito engenho e povoadores de seu limite e assim se obrigarão de povoarem e aproveitarem as ditas terras e águas sem as poderem vender nem traspassar a outras pessoas por tempo de três anos (g.m. Estímulo à valorização e desestímulo às negociatas imobiliárias), e nas ditas cartas de sesmarias que lhe assim passardes se trasladará êste capítulo.

6. "Além da terra que a cada engenho haveis de dar para serviço e manejo dêle limitareis a terra que vos bem parecer (g.m. Estímulo à pequena propriedade) e o senhorio dela será obrigado de no dito engenho lavrar aos lavradores as canas (Contra o possível egoísmo do rico senhor de engenho) que no dito limite houverem de suas novidades ao menos seis meses do ano que o tal engenho lavrar e por lhas lavrar lavarão os senhorios dos ditos engenhos aquela parte que por informação que a tomareis vos parecer bem de maneira que fique o partido favorável aos lavradores (g.m. Atenção aos interêsses da pequena lavouragem) para êles com melhor vontade folgarem de aproveitar as terras e com esta obrigação e declaração do partido a que hão de lavrar as ditas canas se lhes passarão suas cartas de sesmaria.

7. "Se as pessoas a quem foram dadas algumas águas no dito têrmo antes de se despovoar a dita Baía (Trata-se da ruína causada pela guerra indígena contra Francisco Pereira Coutinho), assim presentes como ausentes, quiserem fazer obrigação de as tomar com as condições e de maneira que acima é declarado lhas dareis requerendo-lo a vós dentro no dito tempo que lhe fôr limitado e não vo-la requerendo no dito tempo as dareis com as ditas condições a pessoas que tenham possibilidade para fazer o-

os ditos engenhos pela maneira e condições sobreditas".

8. Trata-se aí, como vê, do concernente à "cêrca" da futura Cidade do Salvador. Constitui bela e convincente lição de urbanismo, quantum satis para aquela época e ainda utilíssimo até para a nossa época de exploração imobiliária e outras... de desvios,

O que se é segue a êsse texto, conquanto não verse a mesma questão do "alfoz" salvadorense, é tentador nesta missiva. Aí vai:

9. —"Quanto às terras e águas da dita capitania (de Todos os Santos) que estão fora do têrmo que ora ordeno à dita povoação até o Rio de São Francisco por onde parte a capitania de Duarte Coelho vos informareis que terras e águas há nelas e quantas e que disposição tem para se poderem fazer engenho de açúcares e outras benfeitorias e se vo-las pedem algumas pessoas e quanto a parte cada um pede e que benfeitorias se quer obrigar a fazer nelas e escrever meios tudo muito declaradamente com vosso parecer da maneira que a mim será meu serviço darem-se as ditas terras para se melhor povoar e aproveitar e quanto a parte se deve de dar a cada pessoa e com que obrigação e jurisdição para vós eu nisso mandar o que houver bem que façais".

A linguagem não é lá muito "inteligível" para neófitos, mas dá para perceber um bocadinho. Terminando, vou copiar um trechinho de ouro contra o perigo de megalópoles e contra a macrocefalia citadina:

10. "Hei por bem que por tempo de cinco anos se não possa dar novamente na dita capitania da Baía terras nem águas de sesmaria a pessoa alguma dos que ora são moradores nas outras capitanias nem as tais pessoas se possam dentro no dito tempo vir delas povoar a dita capitania da Baía salvo as pessoas que nela tiverem já terras tomadas de sesmaria (As que haviam fugido à fúria dos tupinambás) porque essas poderão vir das outras capitanias onde estiverem aproveitar as ditas terras".

Não é interessante tudo isso. Não nos oferece muita coisa para aprender? inclusive para aplicação em Brasília?

11. Quem nos dera tivéssemos EDITADOS todos os Regimentos, Cartas régias, Avisos, etc., etc., dos nossos Reis. São opulentíssimos repositórios de sabedoria governativa e administrativa. Nós, todavia, insensatos, sob torrentes e esplendores de sol da formação portuguêsa e, mormente, régia, da formação da nossa Nacionalidade, teimamos em aninar sòmente para os desvãos sombrios que não podiam ter criado o grande Império que somos. Só vemos sombras que não existem sem sol, sem luz.

E copiamos sabedoria governativa e administrativa de outros países, ignaros do nosso passado.

Desculpe, caro Manuel, o desalinhavado desta carta. Foi um desabafo de lidador. (x)

A. VEIGA DOS SANTOS

Guarulhos, 13.1.1958.

(x) Numerei em Xópicos para facilitar comentários seus sobretudo às passagens sublinhadas.

MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

DIRECÇÃO-GERAL
DOS
NEGÓCIOS POLÍTICOS E DA ADMINISTRAÇÃO INTERNA

Proc. XM-1
NU 2

Lisboa, 11 de Maio de 1961

Exmª. Senhor Professor Dr. Arlindo Veiga dos Santos
Caixa Postal 1.304
S. PAULO - BRASIL

Tenho a honra de acusar a cópia da carta que V. Exª. dirigiu, em 25 de Março de 1961, ao Representante Permanente de Portugal nas Nações Unidas, a qual foi lida com muito interesse e apreço nesta Secretaria de Estado, pelos sentimentos que nela V. Exª. expressa na qualidade de brasileiro descendente de portugueses, que se orgulha desse facto, e pela afirmação de solidariedade à causa da Nação Portuguesa atacada na Organização das Nações Unidas.

A Bem da Nação
O DIRECTOR GERAL

4.º

MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

NECESSIDADES 12.5.61 LISBOA

MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

CORREIO DE PORTUGAL 0460 II 036

Exmo. Senhor Professor Dr. Arlindo Veiga dos Santos

Caixa Postal 1.304

SÃO PAULO

BRASIL

POR AVIÃO
PAR AVION
BY AIR MAIL

2

São Paulo, 19 de julho de 1.961

Exmo.Snr.
Dr. CESAR AUGUSTO GIGENA LAMAS
Casa de Ejercícios
Independencia, 1194
Capital Federal - ARGENTINA

Prezado Senhor.

Da parte do nosso Chefe Geral, Prof. Dr. Arlindo Veiga dos Santos, temos o grato prazer de responder a sua primeira carta, em que nos comunica o propósito de fundar um movimento monarquista portenho.

Esta notícia é para nós sumamente grata. Só temos palavras de estímulo, pois, apesar do tabú democrático e da falta de ambiente, não faltarão inteligências, espíritos de alta visão a colaborarem com V.S. que de pronto compreenderão o alcance da sua iniciativa e com facilidade chegarão a compreender que é êste o único caminho da salvação política nacional. Tem V.S. aí mesmo perto de si o Revmº Pe. Le Lay, cujo trabalho, no setor religioso, é convergente à sua obra política a iniciar-se. Semelhantes grupos ultramontanos existem em tôdas as partes do mundo e são como que a bússula a apontar às suas respectivas nações, o caminho certo da sua identidade com o seu destino histórico.

O movimento monarquista tende, em primeiro lugar, à conquista das inteligências, das elites intelectuais, políticas e sociais e econômicas e daí à massa popular que só depende de ser educada, ou, reeducada. Não é, portanto, um movimento propriamente de opinião pública, mas de convicção, de alma.

Fazemos ardentes votos para que a nossa querida Nação irmã, a Argentina herdeira de "Castilla y Aragón", abrace de coração, com toda a sua alma, o novo movimento monárquico que lhe revelará a sua originalidade e a fará ver que a Hispanidade é uma só.

Por via marítima, e aos poucos, já começamos a enviar-lhe o material doutrinário que fomos encontrando, da edição do Movimento Patrianovista Brasileiro --- Ação Imperial Patrianovista Brasileira (PÁTRIA_NOVA), bem como as edições de RECONQUISTA, o mesmo Movimento, porém, no setor Hispânico e internacional. Já seguiram: volantes, panfletos, boletins, etc. Orgânica Patrianovista; Filosofia Política de Santo Tomás de Aquino; Organisação Monárquica do Estado; diversos opúsculos e separatas da Universidade, de autoria de nosso confrade e Membro do Supremo Conselho Imperial - Prof. Dr. José Pedro Galvão de Souza, Catedrático de Teoria Geral do Estado, da Faculdade Paulista de Direito (Pontifícia Universidade Católica); Coleção completa da revista RECONQUISTA. Esta revista, transformou-se, posteriormente, em Jornal, do mesmo nome, porém, no âmbito nacional.

Dirigir-lhe-á pessoalmente, uma mensagem, o nosso Chefe Geral, que é o fundador de Pátria-Nova (Ação Imperial Patrianovista Brasileira) e renovador do pensamento monárquico no Brasil.

Em nome dos monarquistas do Brasil, saudamos calorosamente os nossos irmãos argentinos e lhes auguramos a mais propícia jornada do futuro.

Por Deus, pela Pátria e pelo Imperador.

HERMES DI CIERO - Secretário do D.C.A.

ETAT DU KATANGA

Cabinet du Président

S.R. N° 2179/MDH.

Elisabethville, le 9 mars 1961.

Prof.Dr. A. VEIGA DOS SANTOS
Caixa Postal I.304
SAO PAULO (Brésil).

Cher Monsieur,

J'ai bien reçu votre lettre du 14 février dernier, qui a retenu toute mon attention.

Je vous remercie vivement de l'intérêt que vous portez à notre cause et suis très sensible aux marques de sympathie et d'encouragement que vous me témoignez.

Je vous prie d'agréer, Cher Monsieur, l'expression de mes sentiments les meilleurs.

Moïse TSHOMBE,
Président du Katanga.

ETAT DU KATANGA
CABINET DU PRESIDENT
B.P. 748
ELISABETHVILLE

n° 2179

S.P.
ETAT DU KATANGA
CABINET DU PRESIDENT

Prof. Dr. A. VEIGA DOS SANTOS
Caixa Postal 1304

SAO PAULO
Brésil

Amérique du Sud

AVION.

CENTRO PATRIANOVISTA "TENENTE ANTONIO JOÃO"
RUA SOUZA BARROS, 308 - (VILA STO. ANTONIO)
SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

São José do Rio Preto, 26/10/1956
Exmo. Snr Com. Dr. Arlindo Veiga dos Santos
D.D. Chefe Nacional Patrianovista,
São Paulo

Glória!

É muito, que não obtenho noticias vossas, do movimento, dos companheiros, e dos diléctos amigos; motivados pelos aumento das tarifas postaes, que nos obrigou a mantermos em campos isolados sufocando a nossa palavra "Imperial".

Somente hontem tivemos a sórte de receber uma carta da chefia provincial de propaganda, contendo uma ficha de inscrição e um exemplar de monarquia nº 10. Outrossim solicito a remessa ao menos de um exemplar nº 9 (pois não recebi esse numero talvez tenha extraviado) e mais uns do nº 10, que ficarei muito grato. ...para "manarquia"

Talves V. Excia recebeu 100,00 crs em um registrado contendo 3 livrinhos "Saber para Prever" remetidos em 2/7/1956?

Aguardo pois Monarquia nºs 9 e 10, envio nossas saudações e lembranças aos nossos companheiros.

Paschoal Decrescenzo

Revista "Realidade" - novembro 1969 ano IV, nº 44 Editora Abril, SP.

VIVA DOM PEDRO III

Texto de Luís Edgar de Andrade
Fotos de Maureen Bisilliat

Oitenta anos após a proclamação da República, ainda existe gente sonhando com o dia da sagração do imperador do Brasil.

Quando o Marechal Costa e Silva adoeceu e os três ministros militares assumiram o Govêrno, provisòriamente, em nome do presidente, um homem de sessenta anos, que mora num sítio de 2 alqueires, em Vassouras, Estado do Rio, anunciou ao País:

— Se o Brasil precisar de mim, estou pronto para atender a seu chamado.

O homem de Vassouras é Sua Alteza o Príncipe Dom Pedro Henrique de Orleans e Bragança, neto da Princesa Isabel e do Conde d'Eu, ex-fazendeiro no Paraná e pai de doze filhos. Êle é o chefe da Casa Imperial Brasileira destronada em 1889 com a proclamação da República.

Se a monarquia fôsse restaurada no Brasil, Dom Pedro Henrique seria investido do título de imperador, passando a ser chamado Dom Pedro III. Sua mulher, uma princesa alemã da Baviera, seria a Imperatriz Maria Isabel de Wittelsbach e Bragança. Dom Luís, o filho mais velho do casal, seria o príncipe herdeiro. Hoje, com 31 anos, êle trabalha em São Paulo. Profissão: engenheiro químico.

O primeiro-ministro do gabinete imperial seria talvez o Professor Arlindo Veiga dos Santos. Na Rua Esperança, em Guarulhos, na periferia de São Paulo, todos conhecem êsse mulato de 67 anos, que ali mora com a irmã e o cunhado — o professor é solteiro — numa casa cheia de livros e papéis antigos.

Desde 1928, Arlindo Veiga dos Santos dirige a Ação Imperial Patrianovista Brasileira — o mais ativo movimento monarquista do País. Arlindo, que tem o hábito de se reunir aos sábados com os correligionários num pequeno escritório no centro de São Paulo, considera-se um príncipe africano da dinastia nigeriana. Diz descender do Rei Kam, cujo neto, Ikaba, foi prêso por inimigos e vendido aos portuguêses, como escravo, no século XVII.

O professar editava um jornal, **Monarquia**, cujo lema era "Sem rei não há união nacional" e cujos editoriais terminavam com muitos pontos de exclamação:

"Glória à Santíssima Trindade! Viva o Brasil Eterno e Imperial! Vivam as Gloriosas e Imperiais Fôrças Armadas do Brasil! Viva Dom Pedro III! Viva a Monarquia! Morra brevemente a Ré-pública (sic) para sossêgo, glória e honra da desgraçada e sofredora Nação brasileira!"

O professor, um homem bem-humorado e jovial, sabe fazer um licor de chico-magro (fruta também chamada uva-japonêsa, que êle planta no pomar nos fundos da casa) e conhece em detalhe — e em latim — a obra de Santo Tomás de Aquino. Costuma dizer:

— Quem não tem coragem para morrer por uma grande causa não possui valor para viver por ela e para ela.

A causa por que luta o professor — a volta do regime monárquico — será vitoriosa na década de 70. Êle está convencido disso:

— Mais cedo ou mais tarde, nosso príncipe receberá o chamado da Nação.

Entretanto, os patrianovistas como Arlindo não têm um plano para a tomada do poder. Acham que a mudança de regime poderá ocorrer mediante um plebiscito ou mesmo graças a um ato institucional, "caso as Fôrças Armadas concluam que a monarquia é melhor para a Nação e resolvam chamar Dom Pedro III para ocupar o cargo que lhe pertence por direito e tradição".

Há quem conteste o direito de Dom Pedro Henrique e o atribua a seu primo e rival, Dom Pedro Gastão de Orleans e Bragança, de 56 anos, que vive em Petrópolis, onde dirige uma companhia imobiliária.

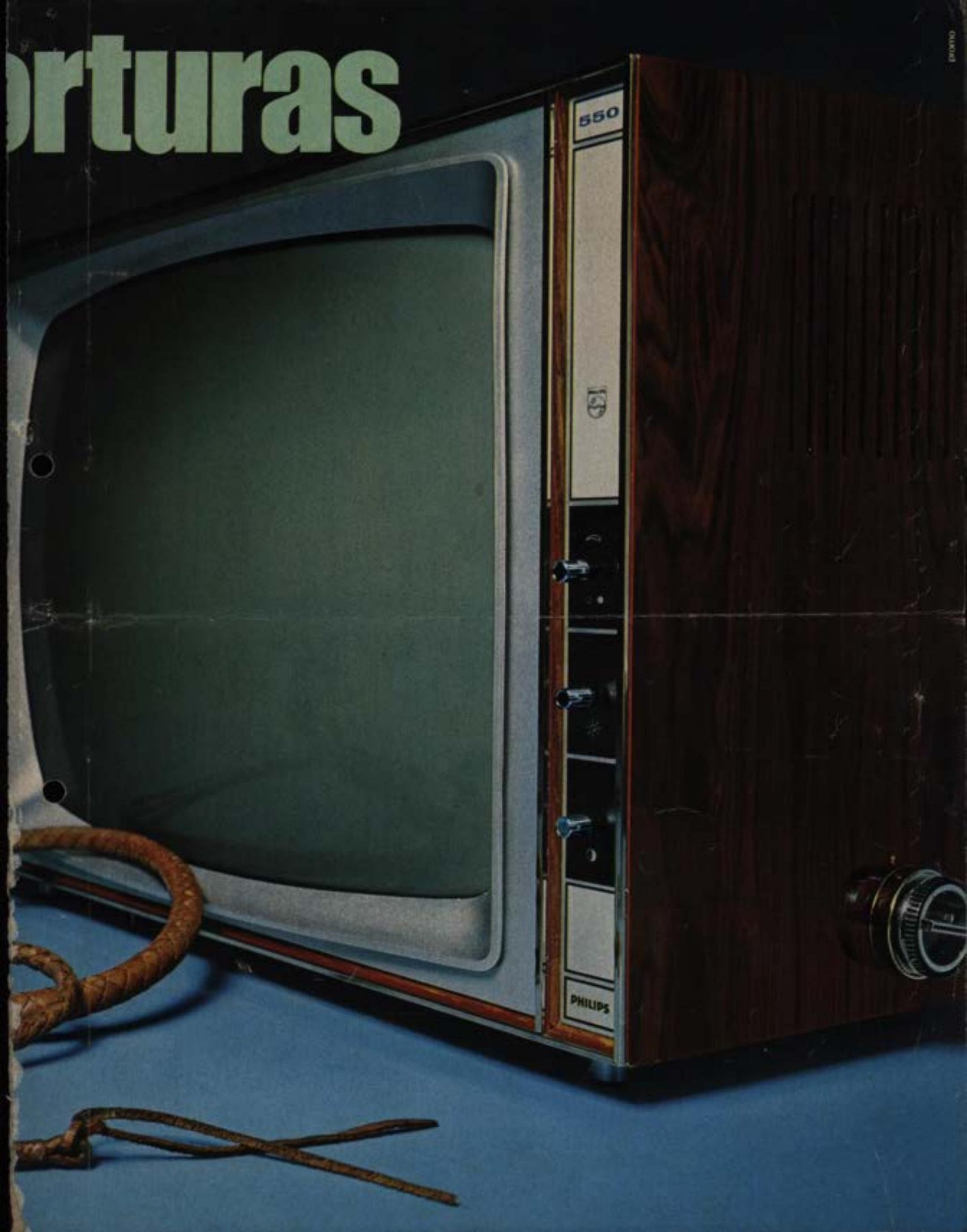
A 30 de outubro de 1908, em Cannes, na França, Dom Pedro de Alcântara, pai de Dom Pedro Gastão, assinava êste documento:

"Eu, o Príncipe Dom Pedro de Alcântara Luís Filipe Maria Gastão Miguel Gabriel Rafael Gonzaga de Orleans e Bragança, tendo maduramente refletido, resolvi renunciar ao direito que, pela Constituição do Brasil, promulgada a 25 de março de 1824, me compete à Coroa do mesmo País. Declaro, pois, que por minha muito livre e espontânea vontade dêle

SEGUE

NOSSO HOMEM SABE DE TUDO
ÊLE ESTÁ EM TÔDAS
ÊLE ESTÁ EM TÔDA PARTE
VEJA FRANCO NETTO
TODOS OS DIAS ÀS
7 e meia da noite
NO
JORNAL DO 13
A NOTÍCIA BEM DITA
TV BANDEIRANTES SÃO PAULO
artes RTB

orturas



Estão seguros de que a monarquia voltará: são os patrianovistas

MONARQUISTA
CONTINUAÇÃO

desisto pelo presente e renuncio, não só por mim, como por todos e cada um dos meus descendentes, a todo e qualquer direito que a dita Constituição nos confere à coroação e trono brasileiros, o qual passará às linhas que se seguirem à minha, conforme a ordem de sucessão estabelecida pelo artigo 117. Perante Deus prometo por mim e meus descendentes manter a presente declaração".

Como Eduardo VIII, da Inglaterra, atual Duque de Windsor, faria trinta anos depois, Dom Pedro de Alcântara renunciava por amor: sua mãe, a Princesa Isabel, achava que êle deveria desposar uma princesa do mesmo nível de linhagem. Mas o filho preferiu casar com Maria Elizabeth Adelaide, Condêssa Dobrzensky de Dobrzenicz, da nobreza tcheca — e para tanto assinou aquêle documento.

Com a renúncia, a linha de sucessão passou para o irmão imediatamente mais môço de Dom Pedro, Dom Luís, o chamado Príncipe Perfeito. Morto Dom Luís, seu primogênito, Dom Pedro Henrique, tornou-se chefe da Casa Imperial.

No Palácio do Grão-Pará, em Petrópolis, Dom Pedro Gastão serve, êle mesmo, o cafèzinho às visitas. Sentado na mesma poltrona que Dom Pedro II e a Princesa Isabel usaram, êle expõe com tranqüilidade seu ponto de vista:

— Uma coisa é ser pretendente. Outra, ser herdeiro. Não sou aspirante nem pretendente ao trono. Mas, como filho mais velho do filho mais velho da Princesa Isabel, herdei grandes responsabilidades. Minha única aspiração é servir minha pátria. Tanto poderei servi-la ocupando um pôsto pequeno como um pôsto elevado.

Êle nega, entretanto, que o casamento de seu pai constitua um impedimento:

— Um velho provérbio português dizia: "O rei faz a pastôra rainha". Em Portugal e no Brasil, o imperador e os príncipes podiam casar com quem quisessem, ao contrário do que acontecia na França, na Áustria e na Espanha.

A primazia de Dom Pedro Henrique é reconhecida pelos chefes das casas reais européias. Em 1956, para a trasladação dos restos mortais da Princesa Isabel para o Brasil, nosso Govêrno dirigiu-se ao Conde de Paris, chefe da Casa Real Francesa, porque os ossos da Redentora estavam sob custódia no panteão da família, na França. O Conde de Paris — cunhado de Dom Pedro Gastão — respondeu que autorizaria a trasladação se o chefe da Casa Imperial do Brasil, Dom Pedro Henrique, concordasse.

Dom Pedro Henrique e Dom Pedro Gastão, um em Vassouras, outro em Petrópolis, raramente se vêem. A última vez foi no ano passado, quando ambos compareceram a uma recepção oferecida pela Rainha Elizabeth, da Inglaterra, então em visita ao Brasil.

Apesar da disputa que os separa, os dois primos entraram juntos com uma ação na Fazenda Federal: reclamam a propriedade do Palácio Guanabara, sede do Govêrno carioca. Alegam que o palácio pertencia à família do Conde d'Eu, adquirido com recursos próprios, e que o decreto de confisco do Govêrno republicano só incorporou ao patrimônio nacional os bens públicos da Coroa.

Tanto Dom Pedro Henrique como Dom Pedro Gastão, nascidos na França devido à lei que baniu a família imperial do Brasil, falam português com sotaque. Em Petrópolis, Dom Pedro Gastão cria abelhas e pombos-correio. De manhã passeia de charrete com os filhos. Os conhecidos o saúdam: "Bom dia, seu príncipe". À tarde, após o trabalho na imobiliária, dá carona a seus três funcionários no Volkswagen cinzento, que êle próprio dirige.

SEGUE

Arlindo Veiga dos Santos, professor, está convencido de que só a monarquia nos livra do caos.

D. Pedro Henrique cria galinhas. Nas horas vagas pinta paisagens.

Sebastião Pagano, conde, é um monarquista paciente: "Os reis não se oferecem, esperam".

MONARQUISTA
CONTINUAÇÃO

Em Vassouras, Dom Pedro Henrique cria galinhas. Chegou a vender 3 mil frangos por mês. Últimamente, o negócio se tornou antieconômico devido à alta do preço das rações. Nas horas vagas pinta aquarelas: paisagens fluminenses, em estilo bem acadêmico. Expôs êste ano em São Paulo e no Rio: vendeu tudo. Aos domingos, dia em que a família se reúne, êle põe os doze filhos na Kombi e vai à missa na Capela do Madruga, uma igrejinha recém-construída, em estilo alemão.

Dom Pedro Henrique e Dom Pedro Gastão são católicos fervorosos, mas divergem em matéria social. Dom Pedro Henrique combate a reforma agrária:

— Considero o retalhamento compulsório das propriedades privadas uma medida socialista e anticristã que preparará o advento do comunismo.

Dom Pedro Gastão ataca a Sociedade de Defesa da Tradição, Família e Propriedade:

— É uma organização retrógrada, formada de reacionários com chavões obsoletos.

Quando Dom Pedro Henrique se estabeleceu no Paraná como fazendeiro, em 1950, o jornal monarquista **O Cetro,** de São Paulo, noticiou: "O Augusto Senhor Dom Pedro Henrique de Orleans e Bragança, herdeiro da Coroa do Brasil, dando um grande exemplo de trabalho, transferiu sua residência do Rio de Janeiro para o solar que mandou construir em Jacarèzinho, no Estado do Paraná, levando tôda a sua excelsa família. Seguindo o exemplo de Dom Dinis, o Rei Lavrador, seu antepassado, Dom Pedro Henrique de Bragança poderá ser denominado o Príncipe Lavrador e indicar o rumo da descentralização urbana a nossos patrícios".

Em 1922, a lei do banimento foi revogada, para que a família imperial pudesse assistir às comemorações do centenário da Independência. Nessa ocasião, Dom Pedro Henrique, com treze anos, veio pela primeira vez ao Brasil, em companhia do avô Conde d'Eu, e da mãe, Princesa Maria Pia de Bourbon, das Duas Sicílias. (Um ano antes, morrera seu pai, Dom Luís.) O Conde d'Eu não chegou a desembarcar: faleceu a bordo do **Marsília,** nas costas do Brasil.

Dom Pedro Henrique nasceu em Boulogne-sur-Seine, nos arredores de Paris. Como todos os membros da família imperial nascidos no exílio, foi registrado no Consulado do Brasil e batizado com água do rio Carioca. Estudou ciências econômicas em Paris. Em 1938 casou-se com Dona Maria Isabel. Sete anos depois, com o fim da II Guerra Mundial, mudou-se para o Brasil, trazendo quatro filhos nascidos na França.

Como fazendeiro, lutou com dificuldades financeiras para educar a família numerosa, primeiro em Jacarèzinho, depois em Jundiaí do Sul, Paraná. Há cinco anos mudou-se para Vassouras, a fim de ficar mais perto dos filhos, que estudavam no Rio e em São Paulo. Dom Luís, o primogênito, usa o título de Príncipe do Grão-Pará, seguindo uma tradição do império. Dom Eudes é tenente da Marinha. Dom Beltrão advoga em São Paulo. Dona Isabel trabalha em Paris, na UNESCO. Dom Pedro de Alcântara estuda direito no Rio. Dom Fernando Dinis é bancário. Os demais estão ainda no colégio.

Dom Pedro Gastão, o primo de Petrópolis, tem menos filhos: seis. O mais velho, Dom Pedro Carlos, de 24 anos, foi o primeiro membro da família imperial a nascer no Brasil, após a revogação do exílio.

No Palácio do Grão-Pará, Dom Pedro Gastão lembra:

— O que me comove na vida que levo nesta casa é pensar que o terreno onde vivemos foi comprado por Dom Pedro I e o prédio foi edificado por Dom Pedro II. Minha avó, a Princesa Isabel, muito se ocupou da casa. Meu pai faleceu aqui. Aqui, minha mulher e eu criamos os nossos filhos. São seis gerações na mesma casa.

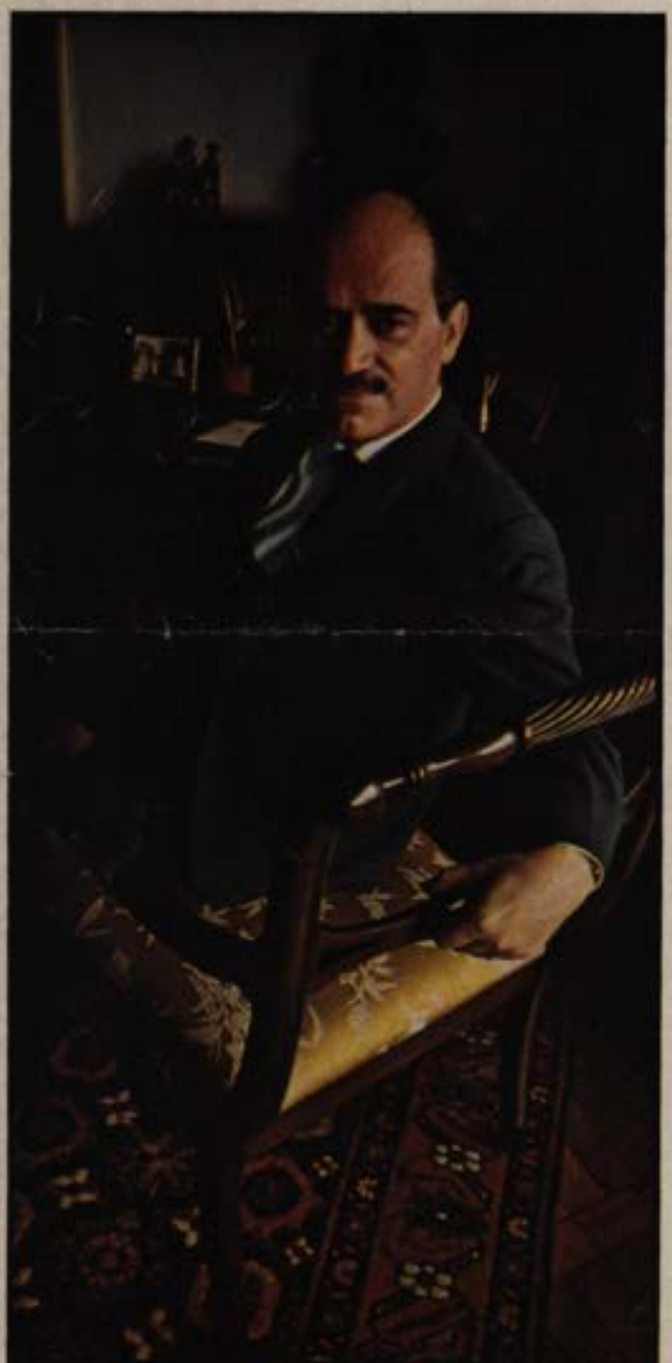
SIGUE

O Dodge Dart é o carro de luxo mais seguro.

(0,84 cm^2 de área de frenagem por kg).

não se entusiasme por êsse detalhe*

Um Ato Adicional seria o suficiente para restaurar a monarquia



João de Scantimburgo, jornalista, acha que o Poder Moderador faz muita falta ao Brasil.

MONARQUISTA
CONTINUAÇÃO

Se a monarquia fôsse restaurada na Europa, Dom Pedro Gastão — tio de Dom João Carlos, rei da Espanha — seria cunhado do rei da França, o Conde de Paris, e do rei de Portugal, Dom Duarte.

Em que consiste o pensamento político de Dom Pedro Henrique? Para o herdeiro presuntivo da Coroa, a monarquia não é um partido, mas uma idéia. Êle se considera o representante dessa idéia.

— Um monarca não precisa ser bacharel ou economista. Precisa apenas de bom senso para a escolha de seus assessôres. Orientei a educação de meu filho Luís nesse sentido. O sistema monárquico é um sistema patriarcal. O rei é o pai de todos os seus súditos.

Dom Pedro Henrique baseia-se no princípio da subsidiaridade, exposto na encíclica **Mater et Magistra**, do Papa João XXIII:

— O indivíduo deve fazer por si tudo quanto pode, a família deve fazer por êle o que êle próprio não pode. O mesmo se deve dizer do grupo social em relação à família, do município em relação aos grupos sociais, das regiões em relação aos municípios e do país em relação às regiões. Era êsse o princípio vivido pela monarquia orgânica de São Luís da França, São Fernando de Castela e Dom Dinis de Portugal.

Por que Dom Pedro Henrique é monarquista?

— A monarquia seria a solução normal para os problemas brasileiros. A imensidade do território nacional e as legítimas diversidades que nêle devem florescer pedem, para que se mantenha a unidade, um poder central contínuo através das gerações e pôsto pela própria natureza das coisas num plano transcendente às rivalidades regionais e às paixões políticas.

Êle se considera investido de um mandato:

— Não vejo na restauração monárquica uma esperança no sentido pessoal da palavra, isto é, a ambição de um cargo público capaz de conferir vantagens individuais. Vejo na perspectiva de uma restauração para mim e para os meus uma missão perene a cumprir, para a qual estamos, meus filhos e eu, sempre prontos para o bem do Brasil.

Como herdeiro, o príncipe se interessa pela política brasileira:

— Tenho a impressão de que a nossa situação no momento não é pior e talvez seja melhor que a de muitos países. Observa-se atualmente no mundo um movimento geral de desintegração das nacionalidades. O Brasil me parece bem armado para fazer face a êsse movimento e para manter a unidade da pátria. Quando Arlindo Veiga dos Santos, com um punhado de estudantes, fundou em 1928 a Ação Imperial Patrianovista Brasileira, numa grande manifestação ao pé do monumento do Ipiranga, em São Paulo, os velhos monarquistas, que cultivavam a saudade do Império, acolheram o movimento com grande desconfiança. Mas um jovem crítico literário, Tristão de Athayde, registrou o fato com entusiasmo em seu rodapé de **O Jornal**, no Rio de Janeiro:

"É qualquer coisa de inteiramente nôvo que nasce depois da proclamação da República. É o monarquismo-realista que surge das cinzas do monarquismo-romântico, que era o último remanescente da grande e gloriosa tradição imperial da nossa história. É o monarquismo que nasce da observação da República em ação e provindo de homens inteiramente desligados do Império por laços sentimentais de qualquer espécie".

Os patrianovistas não pretendiam pura e simplesmente a restauração do Império de Dom Pedro II, mas a instauração de uma monarquia nova, "orgânica e municipalista". A di-

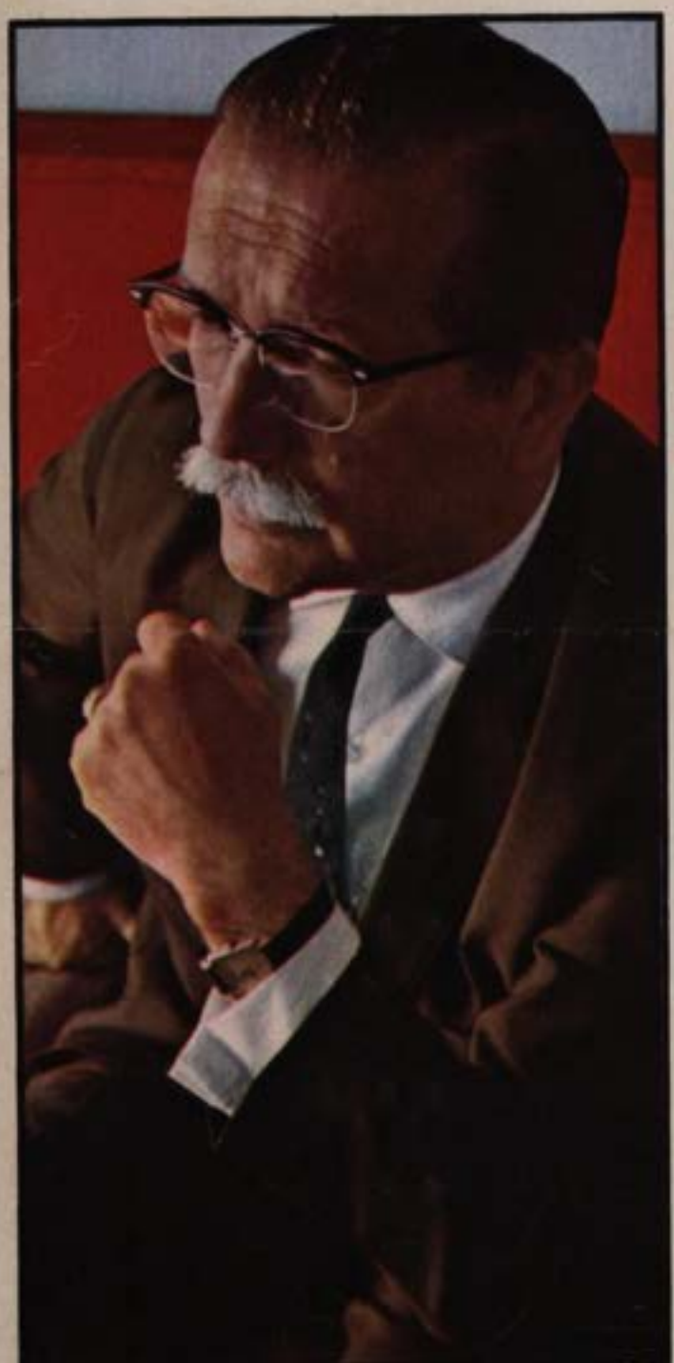
SEGUE

O Dodge Dart é o carro de luxo de maior aceleração.

(atinge 100 km/h em 12")

não se entusiasme por êsse detalhe*

Acham que a República é o pior regime. E contra nossas tradições.



José de Oliveira Pinho, advogado, crê que a monarquia poderia voltar em apenas 24 horas.

ferença é que a monarquia velha admitia a existência de partidos — o Liberal e o Conservador —, enquanto que o Terceiro Império, com Dom Pedro III, se basearia na representação orgânica do povo, através das corporações (sindicatos de tipo nôvo). O Professor Arlindo Veiga dos Santos defendia "os direitos majestáticos da Dinastia Nacional, aclamada pela Nação no fundador político da Pátria Imperial Brasileira, Dom Pedro I, e agora representada pelo Senhor Dom Pedro III, isto é, Dom Pedro Henrique de Orleans e Bragança, descendente dos Reis e Imperadores que juntamente com aquêles homens de que somos descendentes — os nossos bons avós, estadistas, fazendeiros, lavradores, trabalhadores industriais, cabos-de-guerra, soldados, mercadores, marinheiros — fizeram a grandeza antiga, a felicidade e o prestígio mundial do Brasil".

O patrianovismo floresceu de norte a sul na década de 30, mas foi fechado como todos os movimentos políticos, em 1937, pela ditadura do Estado Nôvo. Reaberto em 1945, nunca mais teve o entusiasmo antigo. Seu jornal, **Monarquia,** "órgão da Chefia Geral Patrianovista", não circula desde 1967. Mas o fundador do patrianovismo, hoje professor aposentado da Universidade Católica de São Paulo, com 35 obras publicadas, vai ao Rio todo ano, no dia 13 de setembro, assistir à missa de ação de graças que os monarquistas mandam celebrar pelo aniversário de seu Dom Pedro III.

— A República é uma máquina de pentear macacos — diz o Professor Arlindo —, pois o Brasil é, por natureza, uma pátria imperial. A República é antinacional, dissolvente, separatista. Ademais, é negadora e traidora da identidade e da originalidade brasileira na América, bem como prejudicial à felicidade e grandeza da Nação e do Estado brasileiros.

Arlindo Veiga dos Santos nasceu na cidade paulista de Itu (onde se realizou a célebre Convenção Republicana). O pai era pedreiro. A mãe, doceira. Fêz os estudos secundários graças a uma bôlsa oferecida pelos padres jesuítas. Aos dezesseis anos começou a lecionar. Só haveria de parar aos 65.

Tudo no patrianovismo foi idéia sua. Do uniforme — camisa branca — à saudação — "Glória à Santíssima Trindade!", mais tarde abreviada para "Glória!" A cruz setada do emblema figura na capa de todos os livros do professor. "É a união da cruz de Cristo às setas dos índios."

Os patrianovistas têm um calendário com dezoito datas especiais, do 9 de janeiro — "Dia da Dinastia Nacional" — até o 17 de dezembro — "Dia da Unidade Imperial do Brasil" —, passando, entre outros, pelo 20 de julho — "Dia da Fôrça Aérea Imperial" —, 7 de setembro — "Dia da Fundação do Império" — e 15 de novembro — "Dia dos Mortos Patrianovistas".

Além da Ação Imperial Patrianovista, funcionam, espalhados pelo País, outros pequenos movimentos monárquicos. Exemplo: o Comitê de Estudos do Problema Monárquico, dirigido pelo Professor Sebastião Pagano e pelo jornalista João de Scantimburgo. Pagano, que é conde, mora sòzinho numa casa imensa, no Alto da Lapa, em São Paulo, cercado de objetos de arte. Scantimburgo, autor de livros de filosofia, psicologia social e ciência política, dirige o **Diário do Comércio,** de São Paulo.

No campo oposto ao patrianovismo está o Professor João Camilo de Oliveira Tôrres, de Belo Horizonte. Enquanto se discutia a reforma da Constituição de 1967, o autor de **A Democracia Coroada** lembrava, a sério, que a Constituição de 1824, outorgada por Dom Pedro I, continua em vigor:

— As Fôrças Armadas, como se lê no artigo 1.º do Decre-

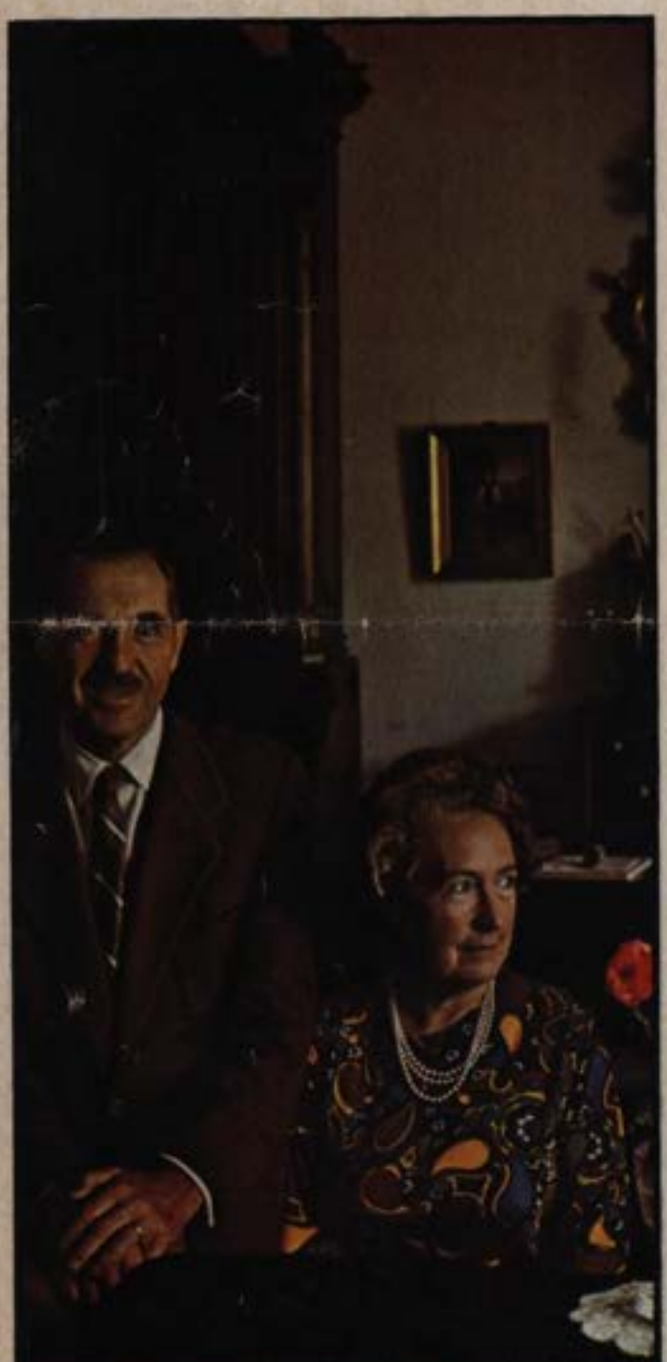
SEGUE

O Dodge Dart é o carro de luxo mais econômico.

(até 8,1 km por litro)

não se entusiasme por êsse detalhe*

D. Pedro Gastão vive em Petrópolis, na casa que foi de D. Pedro II



Dom Pedro Gastão, príncipe (com a mulher, Dona Esperança), nega que seja pretendente ao trono.

to n.º 1 de 1889, suspenderam "provisòriamente" a Constituição do Império. O "provisòriamente" está no texto assinado por Deodoro. Assim, por motivos históricos, o Govêrno legítimo do Brasil é o da Constituição do Império. No momento, temos apenas um Govêrno legal.

Assim, para a restauração da monarquia entre nós, segundo o professor mineiro, bastaria um ato adicional adaptando a Constituição imperial às exigências do nosso tempo.

— Depois de ter sido patrianovista, aos poucos me convenci de que o corporativismo é inaplicável. Não se pode organizar uma representação de classe. Salazar passou quase cinqüenta anos tentando estabelecer um Estado corporativo e nada conseguiu. Por isso me tornei partidário de uma monarquia constitucional, do tipo inglês ou sueco.

O Professor João Camilo de Oliveira Tôrres toma como ponto de partida nossa atual situação:

— A monarquia seria a melhor saída para os militares. O que os preocupa, hoje, é uma garantia de segurança nacional. A monarquia garantiria essa segurança, sem que êles precisassem ficar definitivamente no poder. O comando supremo das Fôrças Armadas seria entregue a uma autoridade apolítica, o imperador, que escolheria um primeiro-ministro político. Essa fórmula eliminaria o risco de uma eleição levar ao poder um elemento perigoso à segurança nacional. E os militares poderiam voltar a suas atividades normais.

Pesquisa do **Jornal do Brasil** feita no Rio às vésperas da visita da Rainha Elizabeth concluiu que 30 por cento da população carioca veria com simpatia a restauração do Império. Entretanto, não pode existir um partido monarquista: de 1891 para cá, tôdas as Constituições proíbem sua criação.

— Nesse sentido, nós somos subversivos — diz, irônico, Dom Pedro Henrique.

O Professor Arlindo Veiga dos Santos calcula que hoje há muito mais monarquistas no Brasil do que republicanos em 15 de novembro de 1889. E o Príncipe Dom Pedro Gastão lembra que naquela data havia proporcionalmente muito menos republicanos do que comunistas em 1964.

Apesar disso, tanto **Monarquia,** dos patrianovistas, como **O Cetro,** do Comitê de Estudos do Problema Monárquico, deixaram de circular há dois anos, por falta de recursos.

— Quando comecei a tirar o meu jornal, a impressão custava 5 contos — diz o Professor Veiga dos Santos. Da última vez custou 300.

Em todo caso, os monarquistas não perdem a esperança.

Advogado José de Oliveira Pinho:

— Se os homens que podem decidir estudassem o problema político nacional em face dos ensinamentos da história, em 24 horas teríamos a monarquia. Assim como ela caiu em 24 horas, voltaria em 24 horas.

Advogado Mário Sombra:

— Pode demorar dez, vinte, trinta anos, mas que a monarquia virá, virá, como a grande esperança dos povos.

Conde Sebastião Pagano:

— Os reis não se oferecem, êles esperam.

No último aniversário de Dom Pedro Henrique, vários oficiais compareceram, fardados, à missa celebrada na Igreja da Cruz dos Militares, no Rio. O Professor Arlindo Veiga dos Santos, chefe geral patrianovista, que assiste a essa cerimônia desde 1928, profetizou na saída:

— Vocês fiquem tranqüilos. Acredito que, na década de 70, um jovem príncipe porá a coroa na cabeça, para tirar o Brasil do caos. FIM

Boletim N. 15

AÇÃO IMPERIAL PATRIANOVISTA BRASILEIRA

(PÁTRIA-NOVA)

Parque D. Pedro II, 1092 - 12º and.

IMPREVIDÊNCIA

Arlindo VEIGA DOS SANTOS

Passámos pèssimamente o período árduo da 2.a Guerra Mundial.

Para a própria guerra, em que por circunstâncias terríveis, alhêias à nossa vontade como Pearl Harbour para os norte-americanos mas não incongruentes á nossa "possível" embora inexistente situação de maior nação da latinidade, fomos obrigados a entrar — não estávamos devidamente aparelhados. Aumentara-se a nossa falida Esquadra desde 1931 para diante. Pouco era, todavia.

A Nação que no século 17, com um Rei em Lisboa, era apta apenas na capitania de São Vicente, dotada de 130.000 habitantes, a empenhar-se em imediata acção bélica com 13.000 homens aguerridos (10 % da população da Capitania) usando as armas da época — essa Nação viu-se em 1939 reduzida a coisa nenhuma para o movimento militar dêstes novos tempos.

O Imperio que no século passado pôde, á primeira ordem superior, marchar com 20.000 homens de guerra estacionados na só provincia de Rio-Grande do Sul e mover acção fulminante contra o Uruguai de Oribe apoiado no ditador argentino Rosas e **imediatamente**, sob o glorioso e eficiente comando de Tamandaré, movimentar galhardamente uma divisão da esquadra imperial para bloquear os portos platinos — o Império Brasileiro, hoje ridícula república ânti-nacional, com uns 50 milhões de almas, era durante a 2.a Grande Guerra pouco mais "talvez" do que a pequena Confederação Suiça, para as lutas modernas.

Coitado do nosso Brasil! Não estava preparado, não fabricava os seus armamentos e munições, era inepto para sustentar **decentemente** uma exigua expedição sem ajuda estranha.

Um fraco regimen "faz fraca a forte gente"!

Regredimos sem dúvida.

Abastecimento Nacional

Sôbre o aspecto económico da Nação, longo seria discutirmos. Rememoremos entretanto sòmente a situação alimentar do País.

Nada demorou para que, entrados no conflito, e ainda antes, nos vissemos nos mesmos dolorosos apuros dos países torturados dantescamente pelo impacto directo da calamidade marciana dentro de casa: uma Polónia, uma Inglaterra ou uma Bélgica.

Perdemos pràticamente o uso livre do caminho marítimo da nossa cabotagem. Fraqueza naval! Imprevidência para um país que (mostra-o Artur Dias no seu prestante livro "O problema naval") depende 90 % do Oceano em sua vida! Imprevidência do regime eternamente provisório e eternamente "em começos" de tudo, que inventaram para nós (contra nós) ...substituindo o nosso sistema natural!

Multiplicou-se o valor antigo, o valor brasileiro, o arrôjo dos nossos bravos homens do mar e do ar. Embalde! Não se improvisa o que deve ser permanente. Começou a faltar no Sul a produção do Norte, e viceversa. Houve penúria, em cada parte, do que noutra havia. Deixaram-nos os nossos incomparáveis Avós um imenso caminho oceânico. Mas não pudemos guardá-lo, nem usá-lo como cumpria. Só faleceu á nossa desonra sermos impotentemente caçados em nossos portos.

E careciamos de suficientes meios de comunicação interior, ao menos aquela providencial "costa interna" dos planos do estadista imperial Couto de Magalhães nos meados do século passado.

As Vias de Comunicação

A Situação Antiga

Falta de atenção da república em aproveitar as vias andantes dos rios. Descuido em continuar o programa ferroviario lançado pelo império que o ia sàbiamente executando. E o Aragusia e o Tocantins, que entestam com as vertentes do Prata, já eram navegados **regularmente** nos ominosos tempos do "atrasado" Império. Foi ainda há uns quatro anos vendido como ferro-velho o ultimo barco, "encostado pela burocracia da república", da frota araguaiana.

Regredimos sem dúvida. Não foram as outras nações que se adiantaram a nós: fomos nós que parámos em 89, como a lebre da fábula em competição com a tartaruga, apesar de todo o "farol" cabotino e embusteiro que se há feito desde então. Não corresponde sequer ao nosso crescimento vegetativo o tal progresso republicano.

As Ferrovias. O eterno País "do Futuro"

Aumentavam de 200 % (duzentos por cento) decenalmente as nossas vias-férreas durante a Monarquia, na qual, dizem os sabidos e malandros, não havia progresso. Se a república de Benjamin Botelho & Cia. Limitadíssima mantivesse o surto daqueles tempos de atraso, possuiríamos hoje, descontados todos os óbices por ventura ou desventura ocorríveis, 300.000 (trezentos mil) kms. de estradas-de-ferro.

Ora, com êstes infelizes 58 anos de regimen presunçosamente progressista (até na bandeira!), trafegamos apenas uns magros 35.000 kms. de ferrovias. E, por falar em ferrovias, a E. F. Dom Pedro II (actual Central do Brasil) contava, em 15 de novembro de 1889, 5.000 funcionários; em 91, dois anos depois, "ostentava" 20.000 funcionários. "Progrediu"... mas o serviço peorou.

***

Não há ligação perfeita (Have-la-á imperfeita?) Norte-Sul, Leste-Oeste. Não fôra a aviação, em que aliás progredimos um pouco mais **imperialmente,** veríamos completamente ilhadas as nossas populações, sem embargo de tôdas as estupendas maravilhas mecânicas do século 20, o qual já devia ser **o nosso século.** Vamos ficando, graças a um regime estrangeiro e inadaptavel que nos impuseram, um País eternamente DO FUTURO, de um futuro que nunca mais chega, nem chegará, enquanto permanecer êsse sistema atravancador da nossa vida material e espiritual. E, quanto mais consideramos o nosso passado com as suas deficiencias e falhas de crescimento, achamos que, se aquele mesmo passado **neste dia mesmo, hoje mesmo** renascesse, seria maior do que o miserável presente com o qual nos brindaram os inimigos da Patria.

Paraiso de Gatúnos!

Pobre Brasil! Falto de tudo!

Filas, gatunagem desenfreada, mercado negro de gêneros, remédios, combustiveis e outras utilidades, subnutrição, doenças, exploração, tudo originado ou pretextado criminosamente nas reais deficiências de circulação livre e fácil das mercadorias.

Durante a beligerância, não circulavam (e circulam suficientemente agora?) os produtos das várias regiões e climas nacionais, em virtude do fechamento da via marítima de que dependemos, a certa luzes, **totalmente.** Seria a **unica** util, dado que se não encarniçasse contra ela a campanha submarina dos inimigos. Em plena paz prossegue a situação calamitosa da alta e do roubo, por falta de repressão implacável.

Porém, tornando ao assunto, parece que **já esquecemos** tudo aquilo, cedo demais.

Economia Çapenga

Não é só! Decaimos econòmicamente. E nem defendemos **por completo** a nossa débil Economia nos comicios internacionais. Entabolamos ajustes de loucos varridos, que nos lesam a geração presente e as futuras.

Produzimos menos do que ha 60 anos. Dilo muito bem **A Careta,** a 27/9/47:

—"Em meados do século XIX o Brasil era nação rica e próspera. É fácto que as cidades, mesmo a principal delas, o Rio-de-Janeiro, não passavam de grandes aldeias, cheias de bêcos, vielas e casas velhas onde a imundicia imperava: em compensação, porém, existia a abastança; havia o que comer; havia o que vender, havia o que exportar. O Brasil era dono, era senhor dos mercados mundiais do café e da borracha, concorrendo, além disso, vantajosamente, nos demais mercados de açúcar, cacau;

madeiras, pedras preciosas, óleos vegetais, trigo, etc. Nossa agricultura crescia a olhos vistos e nossos rebanhos proliferavam de ano para ano. Esta situação de opulência fazia-se sentir em nossa situação econòmico-financeira: A LIBRA ESTERLINA ERA COTADA ABAIXO DO PAR! Pagava-se ágio pelas nossas letras de banco! (Artigo **Saudosismo**!)

Num momento em que somos mendigos internacionais de trigo, vem a pêlo transcrever isto do n.º 138 (1946) da "Ilustração Brasileira".

—"Em 1768, a produção de trigo, no Rio-Grande do Sul, era invejável, e no primeiro decênio do século passado alguns países vizinhos importavam trigo brasileiro."

As Nossas Actuais "Grandezas"

Iludido pelo espavento enganoso dos **grandes** prédios, **grandes** industrias, **grandes** negócios, **grandes** orçamentos, **grandes** anuncios, **grandes** reclames... e grandes desfalques, grandes panamás, grandes déficits, grandes lucros, grandes tubaronices, grandes velhacarias e mentiras, julga o ingênuo brasileiro actual, ignorante do nosso passado que se não **valoriza** convenientemente nas escolas e publicações de dilatado alcance, julga, repetimos, estarmos produzindo colossal e grandiosamente.

Falso! Nem comida produzimos bastante. Dependemos do estrangeiro... até no pão nosso de cada dia. E, a propósito, aonde irá o **nosso** petróleo???

Uma vergonha! Míngua de produção. E, quando milagrosamente produzimos, **não circula**; apodrece por falta de transporte, como o arroz goiano durante a guerra. (Note-se de passagem que houve até câmbio-negro de transporte e odiosas preferências!...) ...ou é **sonegado** pelos ladrões importantes, sempre impunes.

Uma vergonha! Uma decadência pavorosa!

Fomos muito mais decentes na dita Colônia (velava por nós uma insigne Autoridade distante!). Éramos maiores, mais progressivos, maiores produtores, mais poderosos, mais ricos, mais felizes com os nossos 15 milhões de habitantes sob a Monarquia, em-que pese a inclusão das falhas da época. E podem ajuntar nesse pesar os próprios cativos... sem romantismo!

Éramos muitíssimo superiores. Cabia, porém, **ao regimen** tal superioridade. Pouco mudaram os homens.

Só a província do S. Paulo exportava por cabeça (reza a "Comissão Central de Estatística" em 1887 em valor: — o **dôbro** da França, o **triplo** dos Estados-Unidos, o **quádruplo** da Argentina!

Viviamos em **nosso** sistema de governo e de vida!

***

Esmagados ao pêso da estupidez acumulada por tantos anos de êrro e pecados contra a Pátria, continuaremos no caminho abismal da desorganização, da impiedosa e "socializante" voracidade fiscal, do desencorajamento á produção, á propriedade particular e á poupança (**garantia financeira de futuras iniciativas**), por meio da usura nefanda do erário público, do filhotismo politiqueiro, do mau exemplo dos "representantes do povo", da impunidade dos desfalques e tôdas as mil formas da ladroeira, da imensidão de um funcionalismo público inoperante e devorador de receitas, por meio afinal de tôdas as abominações dum regimen sem prêmio á virtude e sem força para criminosos, bandidos e traidores da Pátria.

Nova Guerra à vista!

Não faremos injustiça ao detentor do Executivo nacional e a alguns outros das províncias negando os esforços feitos para mudar isso. Mal do regimen. São dependentes das fôrças da politicagem. Não podem tudo. Não são livres. Pertencem á máquina republicano-democrática. E esta funciona assim mesmo, isto é — não funciona.

Esperanças de paz, não as promete a grave situação politica internacional.

Somos (triste é para um brasileiro imperial ouvi-lo e vê-lo nos radios e jornais!), somos uma das **pequenas** potências da actualidade. Até a China nos ultrapassou: é grande potência! Em 89, por ocasião do golpe estrangeiro, era o Brasil a 1.a potência da América e a 2.a ou 3.a do mundo!

Por infortúnio geral, virá novamente a guerra. Daqui a uns cinco meses ou daqui a um ou dois anos no máximo. Arrasta para fatal choque tôda a mixórdia diplomática de umas mentalidades desvairadas e colisões doutrinárias herdadas das filosofias do desespêro e da cisão religiosa do século 16, assanhadas ademais pelos multiplos interêsses economicos e politicos do momento.

Seremos inexoravelmente impelidos á nova guerra mundial (somos **pequena** potência e não temos vontade internacional!), e **em pior situação interna** do que antes, agravada ainda por uma quinta-coluna feroz, dirigida por um um tirano estrangeiro férreo, disciplinada, interessada em multiforme sabotagem e que encontrará para opor-se-lhe homens moluscos, sem fibra, sem espinha, sem atitude, conchaveiros, oportunistas, sem patriotismo consciente, sem fé, sem principios.

Essas as verdadeiras perspectivas.

Zurra-se no entanto única e cinicamente em salvar a república, em salvar a democracia. Não se pensa no Brasil, não se cuida nem cogita no Povo. Reproduzimos meros ecos de chavões internacionais que não nos interessam.

Os Nossos Déficits

Com déficit de produção quando nos deu a Providência o dever e responsabilidade de ser um dos celeiros do mundo, de todo o mundo necessitado, com déficit de transportes, déficit econômico-financeiro, déficit de carácter (pois a república creou tôdas as espécies de déficits!), déficit de interêsse público gerado no povo pelos desenganos continuos, déficit de homens de honra, homens decididos, resolutos e de uma só palavra — com uma fauna politica primaria, partidarista, venal, egoista e interesseira (fruto legitimo do regimen), dotada da mais lastimável ignorancia, imprevidencia e incapacidade de apreender e resolver os prementes e graves problemas da Nacionalidade e do Estado brasileiros — só nos restará clamar aterrorizados!

Que Deus tenha misericórdia do Brasil!

Quanto Melhor - Melhor!

A teoria do "quanto peor, melhor!" propria dos politicos liberais e comunistas, que querem a desgraça do povo, não é a nossa.

Para os PATRIANOVISTAS, **QUANTO MELHOR—MELHOR!** Porque, como monarquistas que somos, sòmente desejamos a felicidade da Nação.

Sabemos que a república, por mais que pretendesse, não poderia fazer grande coisa; pois é Regimen Máu (ao menos para o Brasil se quiserem uma concessãozinha grata á relatividade do processo histórico e indole de cada nação do mundo).

Quanto melhor andar o Brasil, apesar-da república, será sinal de que se está governando "mais imperialmente", mais conforme ao regimen **Natural** do Brasil, isto é—fora da republicanice importada, partidaria, desonesta, desmoralizante, enfraquecedora e empobrecedora da patria.

Quanto melhor, melhor!

VIVA A MONARQUIA!

Imperial Cidade de S. Paulo de Piratininga, 18-12-47.

"Do Govêrno dos Príncipes"

(teoria política de Sto. Tomás de Aquino)

Tradução do latim e notas de

A. VEIGA DOS SANTOS

Em tôdas as livrarias

dir que o prurido de reformas, que ultimamente tem distinguido os nossos pedagogos não venha a degenerar num verdadeiro desastre para a nacionalidade brasileira e para a felicidade das novas gerações.

E para isso é urgente a congregação de todas as nossas forças mais sadias, em torno de uma finalidade unica, de um chefe unico e de um centro unico de acção.

A Ordem, nov 1932, vol VII (nova série)

DA OBEDIENCIA

ARLINDO VEIGA DOS SANTOS
Do *Centro Dom Vital* de S. Paulo

Obediencia á Igreja é o thema sobre que particularmente queremos falar.

Antes, porém, que é a obediencia?

Definamo-la assim: — é a obediencia a virtude moral pela qual o homem se sujeita ao preceito dum superior, executando-o prompta e alegremente.

Não será, comtudo, coisa contra a liberdade natural, dada por Deus ao homem, o obedecer?

De modo nenhum! Não ha liberdade para as coisas inanimadas da natureza que têm de, necessariamente, submetter-se ás noções das coisas superiores, debaixo das leis ferreas que tudo dirigem e de que todos os movimentos inferiores regularmente decorrem.

Não assim, aliás, se dá com o homem, ser racional e livre, porque as acções humanas, procedentes duma vontade que pode querer ou não querer o fim conhecido pela intelligencia e querer ou rejeitar os meios descobertos pela prudencia bem aconselhada, — o homem que recebe uma ordem executa-la-á ou não, segundo o arbitrio de sua vontade.

Então, se desobedece ao preceito justo, cresce-lhe o demerito ou o peccado; mas, similmente, se obedece, cresce-lhe o merito e louvor, por isto que livre elle foi no seu querer e escolher.

E', pois, a obediencia um obsequio racional e livre, e nisto ella se parece, de certo modo, com a fé.

E', demais disso, a obediencia uma como que regra de todas as virtudes, a todos dando o seu beneplacito, e para tudo é mister haja obediencia em virtude da lei natural, humana ou divina, estando esta ás vezes na primeira e na segunda.

A lei natural pede-nos, por exemplo, a temperança, pedenos a moderação no usar dos proprios bens da natureza humana; a lei humana positiva nos prescreve regulamentos e preceitos que se fazem respeitar por sanções até violentas, assim como as leis naturaes se vingam com mil castigos sob forma de doenças a quem as desrespeita. Da lei divina nem

sempre se vê o castigo positivo terreno, e foge-nos aos olhos do corpo a sanção mui positiva sobrenatural.

Póde o mundo dizer que o que se não vê é vão e até nem existe.

A nós catholicos, porém, a verdadeira realidade é a sobrenatural, pois que é o mundo sobrenatural que garante o ser deste mundo sensivel palpavel.

Mais ainda: toda virtude é obediencia: é obediencia a fé, pois temos de crer na palavra de Deus na revelação, a qual nos ensina coisas que, por nós mesmos, nunca descobriríamos. Obedecemos a Deus, que, expontaneamente, se revela e conta os misterios insondaveis do seu Ser. E' obediencia a esperança, como consequencia da fé. Quem, realmente, haveria de crer tão firmemente na gloria e felicidade do seu futuro espiritual, si não fôra Deus mesmo quem o dissera, e mais que isso, si não fôra Elle mesmo quem exigisse a nossa esperança? E' obediencia a caridade: pois quem ousaria amar ou querer amar a Deus se Elle mesmo, Ente supremo, Essencia pura, não exigisse tal amor com uma insistencia tamanha, com tamanha loucura divina que parece sermos nós, ingratos, os deuses de Deus Nosso Senhor?

II

E nem das virtudes cardiaes se deixa vencer a obediencia: emparelha-se com a justiça, por ser ella tambem uma certa justiça; e mais prestante que a prudencia, porque tem della a virtude e não tem della os perigos; não se deixa vencer da temperança, porque quer o bem, que os outros mandaram; é tão forte como a fortaleza divina, porque nella se confunde seu total abandono.

E' maior que as outras virtudes, pelo desistir da coisa mais nobre e mais excellente.

Dae-me a pobreza em si: esta despreza os bens exteriores, taes os ouros e outras posses; dae-me a propria virgindade: esta desfaz-se de bem corporeo, ao passo que a obediencia despreza (por um acto de vontade) a vontade propria, a vontade livre, aquillo que faz homem o homem.

E', afinal, a obediencia que cumpre todos os mandamentos.

Em nós mesmos, é ella a realização perfeita da ordem do nosso ser: a vontade dominando.

Para com os outros, é a ordem na familia (respeito aos paes, hierarchia conjugal); na corporação, pela hierarchia das competencias, das funcções; na sociedade (obediencia aos superiores); na Nação organizada (obediencia aos principes); na Igreja (obediencia á hierarchia estabelecida que toda se prende em Pedro).

III

E qual é a obra da desobediencia, essa grande chaga da sociedade moderna?

E' a horrorosissima das desgraças: — é a familia desmantelada, porque os paes não obedecem á Igreja de Deus, cousa que seria obedecer a Deus mesmo, e os filhos não obedecem aos paes, logicamente; é a sociedade em polvorosa, é a luta das classes, é a dinamite, é o socialismo anarchico, é o bolchevismo, porque os superiores e patrões não obedecem a Deus, são injustos, e os seus subordinados são consequentes quando tambem não querem Deus nem senhores.

E' a eterna anarchia, a desordem intellectual, moral e economica, o roubo, a onda de desfalques, a exploração dos humildes, o pauperismo, os emprestimos absurdos, as patrias postas no prego, a venalidade, a libertinagem, o assassinio, o odio, a desmoralização total nos Estados; porque os governos são atheus, mações, materialistas, divorciados da Igreja, *não obedecem a Deus*, ensinam o atheismo ao povo, e os povos não obedecem, logicamente, nem podem obedecer ao Deus que lhe não ensinaram a amar, e muito menos, obedecer aos governos, pois *é por Deus que reinam os reis*.

Ha até governos perseguidores, taes a republica de França ha uns trinta annos, a republica de Portugal ha uns vinte annos, a Chinesa intermitentemente, as republicas Sovieticas Russas e a Mexicana. Isso, para falar das perseguições violentas. Quanto á infamia regalista, laicista, naturalista, essa domina o mundo repaganizado.

Nessa situação, aos catholicos cumpre "antes obedecer a Deus que aos homens" ou, qual diz um philosopho, se o imperador ordena uma coisa, e outra ordena Deus, deve-se obedecer a Deus. E' o que hão feito os verdadeiros povos catholicos, em todas as epocas.

Desobedecer á Igreja é ter todas essas calamidades e arriscar-se a outras peores que todas ellas juntas: *as heresias*, o fruto mais terrivel da desobediencia.

Desobediencia é soberba tão grande, que por ella o antigo anjo de Luz, Lucifer, é hoje filho das trevas.

E' ella, em seu grau mais intenso, tão calamitosa, que engendra Calvinos e Lutheros, com o resto dos outros heresiarcas que vão, gradativamente, desobedecendo e fraccionando a tunica inconsutil da unica Igreja que é a Catholica Apostolica Romana, a qual se oppõe aos mil e um protestantismos que vão cogumelando continuamente, illudindo os bons e dando largas as más tendencias das vontades anarchicas.

E' da desobediencia á Igreja que vêm as perseguições que são catastrophes abominaveis, mas geram christãos esforçados para as lutas do bem, da caridade.

Foi da desobediencia que veio o maior mal que ainda caiu sobre a humanidade: o pecado original.

IV

O tempo ainda não era.

Deus, no seu infinito presente feliz, em que a gloria e a felicidade do Padre, do Filho e do Espirito Santo, era a caridade eterna da substancia divina em sua illimitada essencia que de nada precisa — Deus quiz externar uma obra de amor.

E foi a Criação, e começou a haver o espaço e o tempo.

E tambem foi criado o homem.

E o homem tinha a felicidade que, para ser confirmada, precisava duma prova, que o era de obediencia.

Mas o homem desobedeceu, e elle e sua mulher, e nelles a sua descendencia, foram expulsos da felicidade.

E dahi começa a dor da humanidade.

E quiz a caridade de Deus que a obediencia divina dum ser divino satisfizesse a sua justiça, pelo homem.

E pediu-se a humilhação da Segunda Pessoa Divina, o Verbo que obedeceu e Se fez no ventre duma Virgem, a qual obedeceu a Deus que Lhe fez a Annunciação por meio dum anjo, recebendo este a resposta obediente: — Eis aqui a escrava do Senhor; faça-se em Mim segundo a tua palavra.

E o Verbo ficou homem para satisfazer pelo homem, e o homem foi Deus para satisfazer a Deus.

E Nosso-Senhor Jesus-Christo, o Verbo humanado, satisfez a Deus pela obediencia de seu viver e do seu morrer, pela qual só Elle cumpriu a vontade de Deus.

E a vida da graça foi restituida ao homem, e Elle, para conferidora da graça, instituiu a Igreja Catholica Apostolica dita Romana, por isto que a Providencia divina encaminhou tudo para que o centro da Igreja fosse Roma, nome que é, em latim, portuguez, espanhol e italiano, anagramma de *amor*.

Criou Jesus a Igreja sob o primado de Pedro, o antigo Simão filho de João e cujo nome foi mudado em vista da missão nova que ia ter; criou-a sob o primado de Pedro, que é a pedra da Igreja neste mundo, cabeça visivel do grande reino espiritual que nós pedimos todos os dias em nossas orações: *Venha a nós o vosso Reino!*

V

Ha uns mil e novecentos annos, derivando nas paragens de Galiléa a phalange ainda inexperta de rudes e ignorantes filhos do povo, que o Messias escolhera para pregadores da Bôa-nova do Deus que ia ser crucificado, perguntou Jesus aos seus fieis seguidores:

— Que dizem por ahi seja o Filho do homem?

Após a resposta dizendo que os boatos vulgares eram ser Elle Elias, João Baptista ou algum propheta, interrogou Nosso Senhor directamente aos seus escolhidos:

— E vós quem dizeis que Eu sou?

Pedro, o mais enthusiasmado, o mais solicito, apesar de não ser o mais forte antes do Pentecostes, tomou a palavra:

— *Tu és o Christo, filho de Deus vivo.*

Foi então que Pedro, sem o saber, deu o seu primeiro dogma, lançou a primeira definição.

E Jesus respondeu:

— Feliz de ti, Simão filho de João; pois que não foi a carne, nem o sangue, quem to revelou, mas sim o meu Pae que nos Céus está.

Isso, affirmara-o Jesus já ha quasi dois mil annos, para remover a pedra de escandalo que havia de ser, seculos após, a infallibilidade doutrinaria papal.

Um homem infallivel?! Que absurdo! Que pretensão!

— Infallivel, sim! por isto que não é a carne nem o sangue do homem-papa quem define, quem dogmatiza, mas o Pae do Homem-Deus, que esta no Céo.

Infallivel sim! porque Deus é a verdade.

Pobre do Papa, se não fôra o primeiro missionario de Deus!

Continuemos, porém, a fala de Jesus a Pedro que ainda era Simão. Confere-lhe o Messias uma grande incumbencia:

— *E eu te digo que tu és Pedro* (isto é pedra, explicamos), *e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e contra ella não prevalecerão as portas do inferno.*

Está, pois, confirmada a missão de Pedro. Deu-lha a verdadeira pedra, a base de tudo, Jesus, em união com Quem é Pedro a rocha sobre a qual, neste mundo, se assenta a Igreja Catholica Apostolica Romana.

E onde não está o primado de Pedro não está a Igreja

Prosigamos:

— *E a ti te darei as chaves do reino dos céus. E tudo quanto ligares na terra será ligado nos Céus tambem: e tudo quanto na terra desligares será desligado tambem nos Céus.* (Matheus XXVI, 16-19).

Haverá palavras mais claras e positivas? No entanto, ellas hão sido comicamente torcidas por "explicadores do Evangelho".

Não importa. Ahi está o estabelecimento da autoridade da Santa Madre Igreja na sua jerarchia e magisterio sob o pontificado de Pedro, reforçado ainda pelo *ite, docete*.

Outras coisas, outros passos poderiamos citar para firmar a razão da nossa obediencia necessaria á Santa Igreja Catholica Apostolica Romana.

Ouvi, não obstante, o que alhures asserta sentenciosamente Jesus, aos que desobedecerem:

— QUEM ME DESPREZA E NÃO RECEBE AS PALAVRAS MINHAS, TEM QUEM O HA-DE JULGAR. A PALAVRA QUE FALEI JULGA'-LO-A' NO ULTIMO DIA. (João, XII, 48).

* * *

As razões philosophicas de nossa obediencia, já as ouvistes. São essas, agora, as divinas que colhemos da tradição escripta.

Tenhamos, portanto, essa obediencia esclarecida e nobre, que vae do parocho aos bispos e ao Papa, Pontifice Supremo, Rei dos reis na terra, como delegado unico de Christo-Rei.

Pio XI chama-se elle agora. E' o Pontifice da Acção Catholica, E' o Pontifice da *fé intrepida*. E' o Pontifice de Christo Rei. E' o Pontifice do Brasil.

Obedeçamos ao seu ensino, nesta hora tenebrosa do mundo, porque elle é Pedro, e porque a pratica do que nos prégа nas encyclicas é o que poderá tirar o mundo da confusão, em que andamos, restaurar a Familia, a Nação que anda caminhos de ruina, por desobediencia já muito longa.

Gloria á Santissima Trindade !

ALGUNS PONTOS DE DOUTRINA SOCIAL CATHOLICA (*)

LUIZ SUCUPIRA

(*Conclusão*)

Paulo Bert, apreciando esta these num livro "Morale des Jesuites" diz, que, com a mesma, "a necessidade desculpa o roubo". Ao que retruca Eduardo Drumont (36), que não se trata de desculpar o roubo, porque o argumento da necessidade não pode, de nenhum modo, tornar licito o illicito. O que acontece é que uma acção que, noutras circumstancias, seria roubo, não é mais roubo, desde que a sociedade, faltando ao seu dever para com um dos seus membros, recusando-lhe o que lhe é absolutamente necessario, fê-lo voltar ao direito primitivo e entrar no systema da communidade.

Mais sabia e mais prudente não podia ser, pois, a doutrina da Igreja a proposito do assumpto, cabendo adeantar, ainda, que ella vê a propriedade não como *sendo*, mas como *tendo* uma funcção social (37). Mesmo quando foi possuidora de immensos dominios jamais considerou a Igreja o direito de propriedade como direito absoluto, antes sempre se julgando obrigada a manter os pobres e levada a praticar a assistencia publica.

Relativamente á paga que deve merecer o trabalho, a qual, como a propriedade, tem sido objecto de multiplas cogitações, collocou o Catholicismo a questão nos seus devidos termos. Nem o salario minino, attingindo um nivel determinado unicamente pelas necessidades da existencia, aconselhado por Turgot, apoiado, posteriormente, por J. B. Say e Ricardo, nem a chamada lei da offerta e da procura, fixada por Cobden, com um salario que sobe quando dois patrões precisam de um operario e que desce quando dois operarios buscam um patrão.

(*) — Vide *A ORDEM*, numero de novembro de 1932.

(36) — Eduardo Drumont — *La fin d'un monde*.

(37) — A propriedade tem uma funcção social; mas não é uma funcção social. Pio X — *Carta* do Cardial Merry del Val ao conde de Mun.

— "Essa variedade de coisas que a previsão dos particulares, inclusive as associações profissionais, tem estabelecido para o bem estar da família." (7)

— "Seria justo que a autoridade pública remediasse as necessidaes extremas das famílias, por ser cada família uma parte da sociedade." (8)

— Appliquem-se devidamente as leis do Estado quando, entre os proletários, "se relaxem os laços naturais da família"; ou "se perturbem os direitos mútuos dentro do lar doméstico"; (10) ou, "nas oficinas, se danifique a saude com trabalhos desmedidos ou não proporcionados ao sexo e à idade." (11)

É de tal modo, tão particular, que Leão XIII fala quando visa a família cristã, na qual se faz e se refaz o homem para a vida social. Seja também no mesmo espírito, em torno à lareira ou à meza doméstica, que se receba, com melhor proveito, a palavra do Pai.

Do Pai ausente — nos Céos — mas vigilante. "*Lumen in Coelo*". (12) Luz na noite de hoje. Luz nos tempos de agora.

Foi a voz do fim de um século. Mas ainda oportuna. Não estamos, a certos respeitos, no termo de uma Era? No ocaso de uma civilisação? A cidade moderna escurece, confusa, insegura. Ha tantas casas, onde, talvez neste instante, lâmpadas se apagam e olhos se fecham, sob o terror de azas sombrias, com que os homens profanam os espaços dos anjos...

Demos graças a Deus que, desde o princípio, sagrou com a sua Cruz as noites e os lares do Brasil; e que, nestes ares — tão largos e leves e livres — nos permite colher a mensagem da restauração da sociedade humana na paz e na caridade de Cristo.

Neste mundo que óra se destroi, urge voltarmos ao princípio criador. Ao *caminho*. À *verdade*. E à *vida*. E cheguemos juntos com Leão XIII — o Pastor que, dentro da noite, sabe guiar, pelas luminárias do céo, até o aprisco. Ele nos conduz para o Lar de Nazareth. Foi ali que, de amor e trabalho, se fez Jesus — moço, formoso e forte, senhor da vida e da morte — mas, à cuja vista, mal souberam os homens perguntar:

"*Não é este o operário, filho de Maria*"? (13)

Sim.

E este *Operário* reconstruirá o mundo.

(7) R. N., nºs. 48, e 54, in ob. cit.
(8) R. N., n.º 14, in ob. cit.
(9) R. N., n.º 35, in ob. cit.
(10) R. N., n.º 14, in ob. cit.
(11) R. N., n.º 35, in ob. cit.
(12) ..."pour illustrer la devise attribuée au successeur de Pie IX (Leão XIII) — Crux de Cruce — par saint Malachie O'Margair, archevêque d'Armagh: "Lumen in Coelo" (Fernand Hayward, "Léon XIII", pag. 10, Editions Bernard Grasset, Paris, 1937).
(13) S. Marcos, VI, 3; S. Matheus, XIII, 55; R. N., n.º 27, in ob. cit.

Revista do Instituto de Direito Social - 4 (1940).

351(32-23)(81)(04)

Anti-liberalismo
questão social

A Intervenção do Estado

Arlindo Veiga dos Santos

Com o advento do liberalismo, doutrinado pelos mais perversos escritores que o mundo já teve, fundaram-se por toda parte os Estados-fantasmas, calcados sobre a sentença clássica de que "a liberdade consiste em poder fazer tudo quanto não prejudica a outrem" (La liberté consiste à pouvoir faire tout ce qui ne nuit pas à autrui), da "Declaração dos direitos" de 1789. Daí por diante, ficou sendo fim único do Estado (anticristão na essência) *a tutela da liberdade*. Não se tratava mais de realizar o bem comum da sociedade real e viva, formada de famílias e grupos de vários escopos sociais particulares, mas *unicamente* de proteger a liberdade do indivíduo...

Estabelecido despóticamente, por doutrina assim tão primária, um fim falso para o Estado, força era explodissem por todas as nações as consequências funestas de tamanha embriaguez de *liberdade sem lastro*, padecendo delas a religião, a moralidade pública, a cultura, a economia, tudo enfim que era coisa séria, alheia ao delírio libertário.

Não podia o Estado, contudo, intervir contra os grandes males novos que gerara, pois seria ofender a "liberdade" dos cidadãos. E, em nome desta, podiam-se pregar as mais absurdas falsidades, escrever as mais hórridas infâmias, cometer os maiores crimes de injustiça, de traição, de exploração, de usura, de indignidade. E foi, assim, sob o domínio do liberal Estado-fantasma, indiferente, impassível, NÃO-INTERVENCIONISTA, que se acirrou a questão social, engendrando um clima de desespero, que não deu mais descanso e paz às sociedades, tornadas atéias ou agnósticas e liberdadeiras. Em nome da liberdade-fim último, ficaram todas as sociedades cativas de perpétuo desassossego, da instabilidade e do medo.

No auge dessa situação, entra a palavra iluminada de Leão XIII, principalmente com as encíclicas: *Libertas*, que põe nos devidos termos o problema da liberdade; *Immortale Dei*, que determina a lídima organização dos Estados; e *Rerum novarum*, que resolve o problema do trabalho.

Definidos os direitos e deveres da família, a função espiritual e disciplinadora da Igreja, os lugares da propriedade particular, do capital (os ricos), do trabalho (os pobres), da corporação de ofícios, — estabelece a parte do Estado, com *reafirmar*, solenemente, o *verdadeiro fim* da sociedade política, como sendo *o bem comum*, constante da paz e prosperidade públicas. Destarte, realarga-se o âmbito de influência do Estado, que (ao revés do liberal) passa a abranger a sociedade toda nos seus negócios tem-

porais, como uma das condições da resolução do caso social, para o qual é ele também primacial fator. Ouçamos o próprio texto:

> "O que dos governos se requer é um concurso de ordem geral, que consiste na *economia toda das leis e das instituições;* queremos dizer que lhes cabe proceder de forma que, da própria organização e governo da sociedade, espontaneamente e sem esforço, decorram a prosperidade pública e a particular.
>
> "Tal é, na realidade, o ofício da prudência civil e o dever peculiar aos que governam. Ora, o que faz prosperar as nações são costumes puros, famílias constituídas sobre bases de ordem e moralidade, a prática da religião e o respeito da justiça, impostos moderados e repartidos com equidade, o progresso da indústria e do comércio, a agricultura florescente e outros elementos, se ainda os há, do mesmo gênero; cousas estas que, quando aperfeiçoadas, de outro tanto exalçam a vida e a felicidade dos cidadãos. De igual modo, pois, que por todos estes meios pode o Estado tornar-se útil às diversas classes, grandemente lhe é também possível melhorar a condição da classe operária, e isto EM TODO O VIGOR DO SEU DIREITO E SEM RECEIO DA SUSPEITA DE IMPORTUNIDADE, porque, em virtude do seu ofício, DEVE O ESTADO SERVIR AO INTERÊSSE COMUM. E quanto mais se multiplicarem as vantagens provenientes de tal ação de ordem geral, menos precisão haverá de recorrer a trâmites para prover à salvação dos operários".

Mais ainda:

> "...Entre os graves e numerosos deveres dos governos, que, como convém, querem atender ao bem público, o que a todos os mais domina consiste em igualmente curar de todas as classes de cidadãos, observando com rigor as leis da justiça que se diz *distributiva*".

Como, porém:

> "a sociedade civil foi instituída, não para aniquilar o direito natural, mas sim para defendê-lo", terão a sua vida funcional *livre*, sob a égide do Estado, os outros organismos naturais, de que é ele *supletivo;*

Pois:

> "assim como é injusto subtrair aos indivíduos o que eles podem efetuar com a própria iniciativa e indústria, para o confiar à coletividade, do mesmo modo passar para uma sociedade maior e mais elevada o que sociedades menores e inferiores podiam conseguir, é uma injustiça, um grave dano e perturbação da boa ordem social. O fim natural da sociedade e da sua ação é coadjuvar os seus membros, não destruí-los, nem absorvê-los" (Q. A.).

Ao contrário, portanto, da tese liberal falida, DEVE O ESTADO INTERVIR, "dirigir, vigiar, urgir e reprimir, conforme os casos e a necessidade requeiram" (Q.A.), mas "com um CONCURSO DE ORDEM GERAL que consiste na economia tôda inteira das leis e das instituições" (R. N.).

> "Persuadam-se todos os que governam (diz a Q.A.): quanto mais perfeita ORDEM JERÁRQUICA reinar entre as várias agremiações, segundo este princípio da função "supletiva" dos poderes públicos, tanto maior influência e autoridade terão êstes, tanto mais feliz e lisonjeiro será o estado da nação".

E essa *intervenção* e essa *coordenação* do Estado com os organismos particulares e inferiores são a verdadeira reforma das instituições, preconizada nas duas cartas papalinas, como se vê deste passo da Q. A.:

> "Ao falarmos na reforma das instituições, temos em vista SOBRETUDO *O ESTADO;* não porque dêle só deva esperar-se todo o remédio, mas porque o vício do já referido "individualismo" levou as coisas a tal extremo, que enfraquecida e quase extinta aquela vida social, outrora rica e harmônicamente manifestada em diversos gêneros de agremiações, quase só restam os indivíduos e o Estado (pois, explicamos nós, o Estado liberal era inimigo acérrimo das sociedades particulares). Esta deformação do regime social não deixa de prejudicar o próprio Estado, sobre o qual recaem todos os serviços das agremiações suprimidas e que verga ao peso de negócios e encargos quase infinitos".

Somente, pois, realizando essa INTERVENÇÃO DIRETIVA E SUPLETIVA, ao mesmo tempo que respeitando as realidades do FATO SOCIAL NACIONAL, e apoiando-se confiantemente nelas, como colaboradoras da alta função estatal, executará o Estado a sua obra, a sua finalidade, que é garantir o bem comum, a paz e a prosperidade públicas — condição temporal da vida virtuosa em ordem ao fim último pessoal de cada-um, enquanto a Igreja trabalhará na sua missão de reforma das almas, dos costumes, em harmonia perfeita dos dois poderes, dando-se a Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus.

Em Minas D. Pedro Henrique

MENSAGEM DE S.A.I. DOM PEDRO HENRIQUE AOS BRASILEIROS

Mandchéu, 6 de novembro de 1936.

Impedido por motivos de ordem particular, que deploro, de participar como tanto quizera fazêl-o, da trasladação dos despojos mortaes dos meus inesqueciveis Bisavôs, cujo maior titulo de gloria, no mais bello sentido da palavra, foi ter servido á Nação Brasileira, durante o decurso de quasi meio seculo, numa estreita cooperação entre o povo e a Corôa.

Pastor do seu povo, participando com elle das glorias como das provações, Dom Pedro II, o Magnanimo, realizou durante o seu longo reinado a obra maxima, a meu ver, reclamada pelo Brasil. Integrou num bloco a nacionalidade ainda dispersa, formando um todo, que até hoje resiste aos mais fortes embates. Vislumbrou com clara percepção os perigos que nos ameaçavam e soube formar um feixe solido, firmado em nossa unidade de lingua e tradições.

Assim a republica, ao nascedouro, já encontrou uma nacionalidade indissoluvelmente constituida, que resistiu até hoje aos choques da politicagem dissociativa. Optando pela republica, um povo opta pelas lutas internas, no dizer pouco suspeito de M. Sembat. Não cuidi mais, portanto, do seu desenvolvimento de nação sobre o ponto de vista externo, fatalmente a mente republicana é inclinada á luta demagogica e de partidos, desprezando os problemas de ordem internacional. Somente, e por vezes, sob a pressão de um incidente imprevisto, é attrahida, solicitada para o interesse nacional, que no seu intimo receia, pois corre o risco de ser por elle dominado. O instincto de conservação dos partidos, a faz voltar logo á sua verdadeira natureza, isentando-a das realidades nacionaes e alheiando-a das forças mais representativas da sua unidade: o Exercito e a Marinha.

O mal não é dos homens como muito se tem dito; é do systema que deforma o angulo de visão.

Hoje, porém, já o Brasil conta novamente com filhos que ao ver o perigo que nos ameaça, resolveram combater pelo ideal do Brasil uno, sem por isso prejudicar a autonomia e as differenciações administrativas de cada região. Serão ouvidos e seguidos, pois sua causa é boa e justa, e os sophismas não poderão prevalecer contra elles.

Permitta Deus, que os espiritos dos grandes lidadores da integridade do Imperio, Dom Pedro II e Caxias, animem e fortaleçam os esforços dos Brasileiros em prol de uma Patria forte e unida pela mystica e aspirações.

Mas isto não quer dizer que para alcançarmos o objectivo collimado tenhamos que nos sujeitar á hypertrophia funccional do Estado, pois é essa a causa maxima da profunda depressão actual em todas as espheras de actividade, tanto social como politica, como economica e financeira.

Por outro lado o liberalismo economico sem freios, escravisa o mundo á alta finança internacional e anonyma, sendo tambem uma das causas mais efficientes do mal estar social.

Assim é que a tão propalada liberdade de trabalho não passa de uma utopia que acaba resultando na sujeição do fraco ao forte. O remedio efficiente reside no restabelecimento das corporações, reunindo patrões, empregados e operarios de officios e profissões pertencentes ao mesmo ramo de producção. Assim fazendo, afastaremos a luta de classes, esteril e nociva. A forma corporativa elimina esses elementos de desassocego e realiza no plano economico a organização racional da producção.

A historia, como a vida, é um perpetuo recomeçar e uma constante inquirtação em prol de um objectivo, de um ideal, que se resume no maior bem estar possivel moral e material da collectividade.

Ora, alcançaremos essa meta quando o povo, cançado de soffrer as desillusões dos fogos fatuos dos regimes ditos democraticos, voltar a uma fonte estavel de governo, que reparta criteriosamente a acção administrativa, impondo a cada qual que pretenda-a honra de servir, responsabilidades insophismaveis.

Mas um governo para assim agir, necessita de unidade de direcção e de liberdade de acção dentro daquella unidade. Requer tambem unidade de propositos, condicionada por uma e outra premissa, e uma perfeita e criteriosa adaptação dos meios ao fim, isenta de calculos de ambição ou de vantagens pessoaes. Ora, nenhum regime consubstancia melhor esses requesitos de um bom governo, do que a forma monarchica sob o aspecto que acabámos de expor.

Sem necessitar muito optimismo, estamos presenciando de alguns annos para cá uma evolução marcada no sentir dos povos occidentaes. Já não confiam mais nas promessas desabridas e irrealizaveis dos seus corteriões que, á cela do voto, não recuam ante a desordem e a anarchização dos espiritos, sem medir consequencias.

São as divergencias intestinas oriundas dessa neutralidade immediatista, que constituem hoje em dia a ameaça constante á nossa nacionalidade. Essa ameaça só pode ser contrabatida pela volta a um ambiente de brasilidade, sempre de atalaia contra as forças de dissociação.

Assim preste Deus ao Brasil o seu auxilio.

Pedro Henrique

NÃO PENSEM QUE O PATRIANOVISMO É SONHO DE MOÇOS; PELO CONTRARIO, É UM MOVIMENTO NACIONAL.

Tristão de Athayde

Editado pelo DEPARTAMENTO UNIVERSITARIO PATRIANOVISTA da Provincia de Minas Geraes

1936

" Declarações Políticas do Príncipe D. Pedro Henrique", in Jornal do Estado (orgão oficial dos poderes do Estado), 1-4-33, p. 2, nº 75, ano 1, 2ª fase.

Publica carta de D. Pedro aos PN (enviada por intermédio do Pagano), datada de 25-02-33, Boulogne-Sur-Seine.

A carta é à Pátria Nova e diz:

" Noto com extremo prazer q grandeye se propaga no Br a idéia da restauração do regime político q deu à minha Pátria largos anos de paz e de prosperidade, e na qual a + tranquila confiança se aliava a precisa segurança individual. Nesse sistema de governo destacou-se sobreye a figura imortal de D. Pedro II, modelo de honestidade e de acrisolado patriotismo.

" Eu, pela Vontade Divina, direto descendente do grande

Imperador, q deixou no espírito dos brasileiros inapagável e saudosa recordação, promana, no trono dos meus antepassados, imitar o H a quem o Br. deve o nome honroso de q sempre gosou no estrangeiro, e a brilhante e respeitada situação política perante todas as nações do mundo.

" Sou extremoso grato aos patrióticos esforços da Associação monárquica q corajosa defende os princípios de 1 governo q trouxe à nossa amada terra a liberdd, e é hoje desejado por aqles q + ardentes almejaram a atual forma política.

" Nestes lamentáveis dias q o nosso país atravessa, e em q se dissipam as ilusões dos sinceros republicanos, a aspiração da "PN" encontra adeptos mesmo entre aqles q + convictos combatiam outrora o princípio q eu represento.

" À "PN", aos distintos defensores da nossa SANTA RELIGIÃO e do ideal monárquico, envio as expressões do meu afetuoso reconhecimento

a) Pedro Henrique

PUC SP

DA NACIONALIZAÇÃO DA ESCOLA

TESE

Apresentada ao Centro D. Vital em São Paulo

por

Manoel Marcondes Rezende

Edição Pátria - Nova

SÃO PAULO

1936

AO LEITOR

Esta conferência foi realisada no Congresso de Pedagogia promovido pelo Centro D. Vital.

Não destoam suas conclusões do programa de renovação pregado pelo Patrianovismo.

A pedido de nossos correligionários da A. I. P. B. resolvemos publica-la na Edição Pátria Nova.

GLÓRIA Á SANTISSIMA TRÍNDADE!

DA NACIONALIZAÇÃO DA ESCOLA

Ordenámos nosso trabalho em três partes:

1. — **Justificação da Tese**
2. — **Aspecto Filosófico** { **A — crítica negativa** / **B — crítica positiva**
3. — **Conclusão**

I — JUSTIFICAÇÃO DA TESE

Os organisadores do «Plano Nacional de Educação» colocaram a questão assim:

«O papel nacionalizador na escola

a) que ação se atribuirá á escola, na assimilação do elemento de origem estrangeira?

b) que se deve exigir das escolas estrangeiras, para que funcionem no Brasil?

c) como deve organisar-se a escola nacional, para a assimilação do estrangeiro?

A questão é de palpitante realidade para nós brasileiros. Não podemos deixar de encarecer a alta relevância de seu conteúdo nacional para nossa Pátria, como ativo fator na formação ou desintegração do caráter e da unidade nacional, um ou outro destes estados dependerá da base em que se firme o edifício da pedagogia nacional, se verdadeira ou falsa.

Para dar uma idéia do sentido realista da tese é bastante tornar explícito o que já se acha implicitamente em vosso senso íntimo: o Brasil, nação jovem, é um país de imigração que abriga em seu vastíssimo território volumosa massa de imigrantes, proveniente de todos os quadrantes do universo em que se incorporam milhares de individuos, filhos de potências nacionalistas que, em política internacional, seguem a esdrúxula doutrina do direito do mais forte, raiz da sistemática de um imperialismo vigorosamente expansionista e absorvente, deante de um Estado fraco.

Portanto, um «Plano Nacional de Educação» que a omitisse, fugiria a uma das realidades nacionais mais vitais á sua existência, como Nação independente.

Quanto á ordem de idéias dos quesítos, na sua disposição lógica, temos breve reparo a fazer.

E' que entre extremos de idéias mais gerais se intercalou um meio mais particular, o que fere o senso de harmonia lógica.

2 — ASPECTO FILOSÓFICO

A — CRÍTICA NEGATIVA

Os autores do «Plano» partiram do presuposto da natureza nacional da escola da república que pelo espírito como por sua desorganisação, só por contrabando se poderá chamar nacional. Muito ao contrário a característica da escola da república é o cosmopolitismo desintegrante da nacionalidade a qual, se diga de passagem, não é obra da república, mas da Igreja de mãos dadas á Realeza.

Que a escola da república é internacional se prova facilmente por três fatores:

a) pelo espírito ateu, inorgânico, anárquico e cosmopolíta da liberal democracia;

b) pela ausência de uma sólida báse pedagógica firmada numa concepção metafísica de vida, sustentáculo da estrutura da pedagogia nacional;

c) pelos fatos.

A escola da república é internacional:

a) pelo espírito ateu, inorgânico, anárquico e cosmopolíta da liberal democracia.

Examinaremos sinteticamente os princípios básicos do liberalismo mostrando sua inconsistência e natureza essencialmente antinacional e a seguir sua adoção pela Constituição da república.

Hoje, com o Estado socialista surgido pela reação contra a falência dos princípios do «Contrato Social», as instituições que dêle dependem e mesmo as independentes, lhe sofrem a intervenção ostensiva e imediata as primeiras, e influências extrínsecas e mediatas as outras, por causa dos princípios filosóficos que lhe alimentam os postulados políticos e sociais, sobre tudo, a escola, onde pela extensão que, nestes ultimos tempos, vem tomando a intervenção do Estado na esfera educacional, sofre mais vigorosamente esta intervenção.

Vejamos si os princípios da liberal democracia por sua contextura orgânica, são de molde a produzir a nacionalização da escola, pelo teor em valores nacionalisantes, formando e consolidando a conciência cívica da juventude, principalmente, pelo fortalecimento da personalidade moral conciente, bebido numa concepção fundamental de vida.

Quais os princípios básicos da liberal democracia?

A soberania do povo como raiz e fonte de toda autoridade; a liberdade, a igualdade e a fraternidade.

Si o povo é fonte de toda a autoridade, as consequências deste princípio são: proscrição da Suprema Autoridade do Autor do Universo, da ordem humana individual e social, rutura da harmonia natural participante e subordinada á ordem sobre natural. Consequências: ateísmo oficial como religião de Estado, exaltação do racionalismo agnóstico, agnosticismo social e como consequência opressão da cinciência católica pela supressão do culto público.

Pela liberdade temos a anarquia. Conflito permanente entre o poder, princípio da sociedade, exigido pelo fim social, e o povo soberano cioso de sua plena liberdade. Consequências: no poder, falta de direção no governo por ausência de autoridade; na comunidade, carência de unidade pelo desacordo das vontades e inteligências e desordenação de meios para o fim, ausência de paz e segurança; consagração do direito de revolução. Na família, rebelião do filho contra a autoridade paterna, direito de desobidiência. Na escola, indisciplina dos discípulos, abolição da sanção, desprestígio da autoridade do mestre.

Pela igualdade, o atomismo mecânico do Estado e do individuo. Todos os grupos sociais reduzidos á quantidade e a fôrças mecânicas da massa. A sociedade e a Nação perdem seu caracter orgânico de instituições naturais histórico-tradicionais pela supressão dos valores e hierarquias sociais, morais, espirituais e individuais, arrasados pela plaina do igualitarismo. Temos assim só individuos completamente desintegrados da comunhão social e nacional, simples unidades ariméticas, fechados em seus individualismos egoístas e anti-sociais. Consequências: supremacia do individuo sobre a comunidade social e nacional, particularismo, regionalismo exagerado, exaltação do individualismo, princípio do internacionalismo.

Fraternidade, consequência da igualdade tendo por finalidade o cosmopolitismo. Abolição das fronteiras pátrias pela promoção do indivdiuo a cidadão do universo. Todas as nacionalidades abolidas num largo abraço fraterno e o cidadão concidadão de todos os homens com língua internacional própria, como o Esperanto. Humanitarismo.

CONCLUSÃO

Do exposto uma conclusão categórica se nos impõe á inteligência: o liberalismo não possui uma concepção orgânica e fundamental de vida; seus princípios fundamentais são desintegradores do bom caracter nacional que plasmou a feição psíquica individual e coletiva da nacionalidade. Portanto, são dissolventes da unidade nacional e profundamente revolucinários.

Nega a Pátria, religião, família, comunidade, língua, literatura, artes, história, usos, costumes e tradição, destruindo assim os laços morais e espirituais que como virtudes intrínsecas dão coesão e unidade á comunhão nacional.

Infelizmente todos estes princípios revolucionários do liberalismo se acham consagrados na Constituição, em vigor, da república, mitigados apenas no ensino religioso da escola em que a influência dos católicos foi ponderavel no sentido de quebrar o regime de exceção em que viviamos em face da antiga Consti-

tuição; assim como os nacionalistas tiveram decisiva influência em face dos bens patrimoniais da nação e na questão imigratória; no mais a Constituição sofreu a preponderância dos liberais, socialistas e comunistas que lhe plasmaram a fisionomía político-social. Aliás esta variedade de tendências do liberalismo se acha perfeitamente dentro da lógica de seu filosofismo, porque a indeterminação liberal é matéria prima e esta é ilimitadamente determinavel pela fórma e aquí temos a explicação da transição do liberalismo por todas as formas de ideologias, desde os socialismos ao bolchevismo, até ao anarquismo puro. (Cfr. «Cons. da Rep. dos EE. UU. do Brasil. — Disposições Preliminares Tit. I., Cap. I, artigos 1, 2 e 3. — Declaração de Direitos Políticos de pgs. 56 a 63. Legisl. brasileira. Bibl. da Liv. Acad., 1935. S. Paulo).

Isto como ilustração apenas dos principaes artigos que consagram o liberalismo constitucional.

Portanto, podemos concluir a escola da república é internacional.

b) pela ausência de uma sólida báse pedagógica firmada numa concepção metafísica da vida, sustentáculo da estrutura da pedagogia nacional.

A anarquia liberal carreada pela república não podia deixar de exercer sua influência maléfica na escola, afetada tambem profundamente na organisação escolar pelo seu conjunto, com prejuizos de ordem moral, espiritual e até cultural, para a Nação e para os indivíduos. A prova desta anarquia escolar, alem de inumeras reformas, está evidente neste fato, depois de 47 anos, a república não teve ainda a necessária capacidade para edificar em báses sólidas um plano pedagógico de extensão nacional, firmado numa concepção metafísica da vida e que seja o sustentáculo da pedagogia nacional, e de sua unidade na escola para a eficiente formação moral, cultural e téquinica de nossa juventude.

O primeiro a reconhecer esta deficiência fundamental da república foi seu próprio ministro da educação de outróra, sr. Francisco de Campos. «O Brasil, disse êle, não cuidou até agora de formar o professorado secundário, deixando a educação de sua juventude entregue ao acaso da improvisação e da virtuosidade etc.». Mais adiante, referindo-se ao seu funcionamento, classifica-o «de absurdo e irracional» e aludindo ao sistema de educação qualifica-o «gasto até a medula». (Cfr. «Disc. do dr. Paulo de Assis Ribeiro» O Est. de São Paulo, 20-XII-935).

Entretanto, no enunciado acima se acha o segredo de uma solução integral do problema nacional de educação; nêle se inclui um profundo e real princípio de unidade e de ordem pedagógica cuja exigência imediata é a supressão *in limine* do naturismo como religião da escola oficial, e da liberdade da cátedra, como princípio pedagógico, estes dois flagelos que tem sido manejados impiamente pela república contra a nacionalidade, desnacionalizando-a.

Perguntamos aos organisadores do «Plano»: ha sinceridade na reorganisação que a república pretende fazer na esfera delicada da educação nacional, quando permanece imperturbavel na Constituição o art. 155, que assegura a liberdade de cátedra? Seria absurdo nacionalizar a escola com princípios internacionais.

Liberalismo e nacionalismo são duas contraditórias irredutiveis.

DA NACIONALIZAÇÃO DA ESCOLA

Ser-nos-ia impossivel falar da nacionalização da escola sem examinar, num breve exame crítico, os princípios fundamentais que alimentam o atual sistema educativo que como vimos são inanes, como tambem, sem referir de modo indireto aos verdadeiros princípios, pelo mesmo motivo por que se não pode falar do principiado sem falar de seu princípio, e se o fizessemos, cairiamos na empiria que combatemos em nossos adversários *hic et nunc*. Ora, a empiria não é certamente explicação racional das cousas e portanto, linguagem da inteligência, e depois por que o vocábulo nacionalização é equívoco, (pois, até as palavras perderam depois de 1789, a virtude de seu verdadeiro sentido) vamos portanto determinar-lhe o conceito para distinguir o verdadeiro do falso sentido.

Nacionalização vem de nacionalizar, que por sua vez deriva da palavra latina: natio-onis: nascimento, raça, homens da mesma raça, nação que vem de: nascor, natus sum, nascer, conjunto de cidadãos constituindo Estado. (Cfr. «Vocabulaire Philosofique — Traité de Philosofie II v., 1924 — Gaston Sortais. S. J.).

Mas para bem inteligirmos a fôrça da expressão: Nacionalização da escola, precisamos conhecer o conceito de Nação Brasileira.

Adotámos, data vênia, por ser alem de sintética, clara e distinta, a definição do preclaro mestre, prof. Alexandre Correia. E' a seguinte:

«Nação Brasileira é o cunjunto de individuos nascidos no Brasil, que falam a língua portuguesa, têm tradições brasileiras e vivem politicamente sob um governo independente». (Cfr. «Do Sentimento Nacionalista na Poesia Brasileira». Tese, p. 4, por Alexandre Correia, São Paulo).

Assim por nacionalização da escola entendemos: o direito da nação atuar na escola pelos meios necessários á pedagogia cívica para formar e consolidar os sentimentos patrióticos da juventude nacional, e para assimilar por sua incorporação moral, espiritual, cultural e física á comunhão brasileira, a juventude estrangeira. Tal sentido exclui o conceito socialista de monopólio pelo Estado da educação, como o dos regimes que julgam o cidadão propriedade do Estado, violando o direito natural dos pais e o divino da Igreja.

Aquele modo de agir é um imperativo inelutavel, consequência necessária dos princípios de identidade e de conservação do ser, aos quais nenhum ser enquanto é, pode escapar.

E' a Pátria brasileira, que enquanto é, quer ser brasileira com todas as virtudes morais e inteletuais da raça, e com todas as fôrças materiais representadas pelas fôrças armadas.

E' a Nação brasileira que, enquanto é, tende a conservar-se brasileira mesmo contra todas as fôrças da anti-nação: ***Liberalismo, socialismo, bolchevismo e judaismo maçônico.***

Tal nacionalismo pedagógico é legítimo, pois, é exigido pelo bem comum, e ao Estado conhecedor das necessidades nacionais, compete o elementar dever de zelar pelos destinos temporais da nacionalidade, provendo-lhes os meios necessários, principalmente num país como o Brasil, cuja existência periclita por causa do turbilhão imigratório, desordenado, num território cósmico e de comunicações dificeis, causas estas agravadas por um regime de autoridade frouxa e cujo conjunto constitui um problema sério de dissociação nacional, aliado ao risco da segurança interna e externa da Nação. Esta intervenção necessária para a salvaguarda dos legítimos interesses nacionais é aprovada pela Igreja cujo Santo Pontífice, gloriosamente reinante, SS. Pio XI, assim se expressa ao referir-se á educação cívica:

«Além disso o Estado pode exigir e porisso procurar que todos os cidadãos tenham o necessário conhecimento dos próprios deveres cívicos e nacionais, e um certo gráu de cultura inteletual, moral e física, que, dadas as condições de nossos tempos, seja reclamado pelo bem comum». (Cfr. «Encíclica SS. Pio XI Papa, A Cerca da Educação Cristã da Juventude» p. 16. Emprezas Gráficas da Rev. dos Tribunais de São Paulo, 1930).

Mas não nos devemos esquecer que a nacionalisação da escola é materia que diz respeito a moral e cívica, e que no homem não podemos separar a vida cívica da religiosa ou de qualquer outra, pois são propriedades de uma mesma substância específica que se interpenetram intimamente e se subordinam.

Nestas condições, a Moral cívica se acha necessáriamente subordinada á Moral Particular dos atos humanos, e estes á Moral Geral dos Princípios, e aqui está a raiz daquele conceito verdadeiro de que o bom cristão é o melhor patrióta.

Isto demonstra por outro lado, que a pedagogia cívica por pertencer ao domínio do Estado, não é independente no sentido de separada da Moral cristã Particular e Geral a que se subordina em ultima instância, e da qual dimanam princípios que compete ao Estado respeitar sob pena de incidir no absolutismo pedagógico. O Estado não dá a Moral.

Por aquí se vê que a educação cívica para ser fecunda e eficiente participa de uma concepção universal de vida a que se prende uma filosofia pedagógica, concepção esta que falece ao Estado liberal que, por princípio de liberdade, não possui concepção alguma; seus dogmas pedagógicos são liberdade de cátedra e cientismo naturista, que substituiram a metafísica e a Moral, como fundamento da pedagogia.

O resultado aí está no quadro que se nos oferece o ensino da república, com quasi irreparaveis danos á formação moral e cultural da juventude universitária. Uma escola informada de tais princípios é a geratriz da dissolução do carater nacional e individual, onde se formam céticos sempre, téquinicos talvez e pessimos patriotas, certamente.

Entretanto, a Moral cívica não pode existir sem metafísica, por que tendo por objéto o aperfeiçoamento do patriota inclui a nota de *homem* patriota, nestas condições a república, para resolver o problema pedagógico de modo estavel, tem que considerar a natureza do homem, seu destino e Fim sobre natural, e daí aduzir os princípios da pedagogia, mas por isto mesmo caíu sob a jurisdição da metafísica e por aí da Moral cristã.

Enquanto a impiedade da república continuar negando a Deus no seu ensino, a pedagogia ficará sempre nesta ância de reformas consecutivas sem jamais lograr encontrar seu centro de gravitação por que não o quer procurar onde se acha, em Deus. E, assim a escola da república é internacional ainda e mais uma vez.

c) pelos fatos.

Passemos á prova da tese pela ilustração dos fatos; assim dissiparemos qualquer increpação de que nossa construção seja produto de pura razão, sem fundamentos nos fatos.

Vamos ás fontes e examinemos um pouco os Programas oficiais do Curso Primário e Secundário, limitando nosso exame ás disciplinas que se relacionem diretamente com o objéto de nossa tese nacional.

CURSO PRIMÁRIO

Cingimo-nos á ordem do programa: Geografia, História do Brasil e Instrução Moral e Cívica. Após sua leitura pudemos sintetisar as seguintes conclusões: na instrução propriamente dita impera o naturismo pedagógico, e nas disciplinas que o comporte, como: Geografia e História do Brasil, o espirito de um regionalismo exaltado que trai a latência do espirito de secessão da república. Na instrução moral, o empirismo pragmático, consequência lógica do agnosticismo escolar da república; finalmente, na instrução cívica, primazia do regionalismo, do particularismo. Esta tendência decorre do espírito do regime, que forma de cada provincia uma nação, afrouxando os laços que as unem á mãi comum e ás co-irmãs entre si pela autonomia de que gozam.

Assim cada Província orienta o ensino primário, o mais importante talvez do ponto de vista nacional, segundo seu sentido particularista, e não segundo o sentido da nacionalidade. O método do ensino é sempre o mesmo, parte do particular ao mais geral, o que oferece oportunidade ao professor de expansões individuais a propósito do ensino da matéria de um programa de si regionalista. (Cfr. Progr. de Ensino para as Escolas Primárias. Diret. Geral da Instr. Publica. Imprensa Ofal. — São Paulo).

No programa, tanto a geografia do Brasil, como a História Pátria são colocados em ultimo lugar na ordem relativa ás próprias matérias. v. g. o ensino da geografia propriamente dita inicia-se no 2.º ano primário, por um ensino local, com exclusão absoluta do Brasil; no 3.º ano, no fim do programa, ao apagar das luzes, temos o § 10 dedicado apenas a uma parte insignificante do conhecimento geral do país. Daí esta observação expressiva: no 2.º primário da escola da república, da Província lider, *milhares de nossos pequenos patrícios desconhecem o Brasil até pelo nome que não ouvem pronunciar, muito menos estudar.* Si por hipótese, as outras Províncias adotarem o mesmo processo, como provavelmente adotão, teremos então que centenas de milhar de creanças conhecem as respectivas províncias muito bem, mas ignoram as co-irmãs e a pátria comum. Do ensino assim organisado poderemos dizer que possui espírito nacional? Deixemos a resposta ao patriotismo e zelo dos que militam nas linhas da vanguarda da formação da infância, alma docil onde se desabrocham as virtudes cívicas de acordo com o verdadeiro patriotismo inspirado pelos seus condutores que são, ao mesmo tempo, os artífices desta grande Pátria.

CURSO SECUNDÁRIO

O ensino secundário é da jurisdição do governo Federal da república, e nele observamos a mesma indiferença pelo Brasil, o que demonstra ser o mal do espírito do regime, saturado dos princípios do «Contrato Social», ao qual falece báse social, destruida pelo individualismo.

Para não estender demasiado nossa exposição, apontaremos apenas os defeitos dominantes e as omissões existentes no programa, cuja orientação é sempre no sentido de uma diminuição do Braisl e da nacionalidade. (Cfr. Programas de Ensino Secundário — Curso Fundamental, 1936. Liv. Francisco Alves, Rio de Janeiro).

Eis as princípaes lacunas: supressão da cadeira de História do Brasil, como disciplina independente, hoje, agregada, como simples apêndice, á História da Civilisação, e em seguida á História da America. Praticamente não existe o estudo desta disciplina nos ginásios, devido a extensão do programa das outras duas cadeiras, no ensino das quais se escoa o ano letivo, não deixando tempo ao apêndice sem importância da História Pátria, relegada á ignorância dos alunos.

Eis a prova concreta do que acabámos de afirmar: «Não se estuda História do Brasil nos Ginásios. Rio-1. (Bandeirantes) No ano passado, foi restabelecida pelo Poder Legislativo, nos programas dos cursos ginasiais, a cadeira de História do Brasil. Até hoje, porem, nenhuma ordem nesse sentido receberam os estabelecimentos de ensino, continuando tal disciplina agregada á cadeira de História da Civilisação, cujos programas, ao que se afirma, são inexequiveis, exceto os da 3.ª serie. Ao que afirma um matutino, apreciando a questão, nunca ha tempo para se chegar á parte dedicada á nossa História, e nestes ultimos anos ninguem a estuda mais, com prejuizo para a formação cívica da mocidade brasileira». (Cfr. «Correio de São Paulo», 2-VII-36, São Paulo).

Só este fato fotográfa com precisão, um dos aspectos flagrantes dos múltiplos com que o regime procura dolosamente aniquilar a Nação, perpetuando uma conciência cívica difusa, que absolutamente não possui o senso de nosso valor e possibilidades no seio das grandes potências. Daí o haver brasileiros que julgam muito natural a glorificação do conquistador de ontem de nossa terra, sob o frágil pretêsto de cultura. Para este estado de inconciência cívica concorreram todas omissões e negligências aqui apontadas, e que á primeira vista parecem sem consequências, mas que agirão no futuro homem de Estado, como forças de repulsão anti-nacionais, influindo em seus atos.

A supressão da cadeira de literatura luso-brasileira constitui simplesmente um crime contra nosso patrimônio linguístico e suas belezas literárias.

ESCOLAS ESTRANGEIRAS

Mas a incúria, o espírito internacionalista do regime não encontram na escola oficial seu termo, mas estendem-se em profundidade ás escolas estrangeiras que aquí funcionam ao lado das «nacionais», com aquela plena liberdade do liberalismo amorfo. Os fatos que deveriamos denunciar sobre esta matéria, são tão numerosos, principalmente entre japonêses residentes em nossa Província, que demandariam tempo para faze-lo. Nestas condições, tomamos a iniciativa de recomendar a leitura de um pequeno trabalho de nossa autoria, onde se acha com certa minúcia, uma resenha de fatos que denuncia com irrefutavel evidência a incapacidade do liberalismo para dirigir a Nação aos seus grandes destinos. (Cfr. «Pelo Brasil Uno» M. M. R., pgs. 17 a 20, São Paulo). Aí os interessados inteirar-se-ão de outras fontes sobre o assunto.

Do exposto podemos concluir pela absoluta incapacidade da liberal democracia para avocar-se a iniciativa de um plano orgânico nacional de educação por faltar-lhe báse. Nestas condições, para haver possibilidade de organisação de tal plano, é necessario introduzir-se nova ardem de idéias diretoras no mundo pedagógico, que por sua natureza põe imediatamente certas preliminares, que o Estado deverá aceitar, se estiver honestamente empenhado na remodelação do orgânismo educacional da Nação.

Isto posto, passemos a responder aos quesítos do «Plano».

B — CRÍTICA POSITIVA

a) que ação se atribuirá á escola, na assimilação do elemento de origem estrangeira?

Devemos atribuir á escola, na assimilação do elemento de origem estrangeira, uma ação proporcionada de meios para o fim que se quer colimar. Conforme o fim, assim os meios a empregar.

Qual o ideal nacionalizador da escóla?

Dada uma definição adequada deste ideal, daí decorrerá a ação de todos os meios convenientes.

Procurar fazer de cada brasileiro tradicional, nato, ou naturalisado, e do próprio estrangeiro, um brasileiro acabado espiritual, moral, cultural e fisicamente, com sentimentos profundos do valor do grupo nacional, da Nação brasileira. Mas, para realizar este compreensivo ideal pedagógico, é imperativo incorporar a escola da república na comunhão nacional, de que jaz dissociada, na sua vida, nas tradições, usos e costumes, fazer enfim que na escola se viva em síntese a Nação, pelos seus princípios conservadores e tradicionais. Mas seria utópico pretender esta mútua interpenetração, esta união, se a república não se integrar nas tradições político-histórico-religiosas, onde haurir a seiva sadia com que sustentar a frondosa arvore da nacionalidade.

Assim em nossa modesta opinião, para colimar-se finalidade tão elevada, o ensino deveria passar integralmente para a jurisdição do governo central, com a colaboração das províncias na medida de sua capacidade, tendo por báse:

1 — Restituir á educação seu verdadeiro conceito de universalidade espiritual, moral, cultural e física. Assim, um Plano fundamental, deve considerar o homem em sua natureza completa, corpo e alma, seu destino e Fim sobre natural.

2 — A nacionalização da escola neste Plano, fica orgânicamente subordinada á Moral cívica, e esta á Moral católica.

3 — As consequências de ordem geral imediata são: *abolição da liberdade de cátedra e do ensino leigo pela recristianisação da república,* a entronisação da Santa Imagem do Crucificado em todas as classes de todas as escolas, primárias, secundárias, normais, universitárias e profissionais.

b) como deve organisar-se a escola nacional, para asimilação do estrangeiro?

A escola é termo complexo, compreende: a direção, o corpo docente, o ensino escolar, o corpo discente, o livro e material didatico e respectivo prédio.

Portanto, uma vez estabelecida a diretriz da educação, é claro, não se pode deixar de referir aos elementos que constituem os meios essenciais para o fim.

DO CORPO DOCENTE — Da importância do professor na formação do discípulo, pela influência de suas idéias, sua formação espiritual e cultural, pelos seus hábitos e costumes, como pela ascendência moral proveniente da sua posição em face do aluno é consideravel e inegavel.

Portanto, a nacionalização da escola implica a formação de um professorado eficiente, capaz de assimilar as idéias universais hauridas num humanismo clássico, mas cristão, ao lado da técnica. Eis como surge naturalmente a necessidade do Instituto Superior de Pedagogia, Ciências e Letras, destinado obrigatóriamente aos educandos que terminarem os cursos secundário e normal. A seriação deste curso é um detalhe que deveria ser estatuido por uma comissão de professores idoneos, sendo que o estudo da Filosofia constitui a razão primordial de sua existência.

DO ENSINO ESCOLAR — Para uma educação cívica fecunda em frutos, e para desenvolver os sentimentos de amor á Pátria comum no curso primário, secundário, normal e superior como profissional, deve introduzir-se alem do ensino religioso, o ensino Moral. No curso primário, o catecismo, no secundário e normal, a Moral Geral, em suas linhas mestras, e Moral Particular, onde se inclui a Moral cívica: quanto á religião, um Curso de Apologética, reservando-se ao curso universitário o ensino superior da religião.

O ensino da geografia e da História do Brasil, que constituem elementos importantes da educação cívica, deve, no primário, fazes exceção á regra do processo psicológico e começar, na geografia, do mais geral, descer ao particular, e não iniciar do particular para ascender ao geral, como se faz atualmente. Quanto á História do Brasil, deve absolutamente constituir cadeira separada, no curso secundário, obedecendo-se no ensino, fielmente, a ordem cronológica dos fatos, seremos assim verídicos e ao mesmo tempo daremos a esta disciplina o lugar que merece na dignidade de nossos conhecimentos.

CINEMA EDUCATIVO — Para os cursos primários, com motivos exclusivamente nacionais, variaveis de acordo com a serie. Entretanto, por tais filmes as creanças devem ficar conhecendo de um modo geral as 21 províncias do Brasil, por suas capitais e cidades mais importantes, as peculiaridades típicas regionais, assim como a variedade de produção, de acordo com a variedade de climas regionais, e constituição do sólo. Desta variedade de produção, o professor tirará motivos nacionais, sublinhando a situação privilegiada de nossa Pátria no dominio econômico, que pela variedade e abundância de matérias primas, é um dos poucos países que poderiam realisar o princípio de autarquia, de nação que se baste a si mesma.

Após cada sessão, explicação pelo professor dos motivos nacionais da película, de modo que fiquem gravadas no espírito juvenil, noções claras das cousas nacionais e de sua gente.

RADIO EDUCATIVO — Apologia de caráter cívico das grandes datas nacionais e dos vultos eminentes de nossa história, em linguagem acessivel.

DO LIVRO ESCOLAR — Os livros relacionados com a instrução propriamente dita, devem ser objéto de cuidadosa atenção

por parte do Estado, ficando aos cuidados do santo ministério da Igreja, os de Moral e de Religião. Acabar-se-á com o liberalismo existente hoje, em matéria de fornecimento de livro, que mais se parece a uma feira livre, onde se vendem e são adotados livros, que alem de desintegrar os sentimentos nacionalistas das creanças, são injuriosos á Pátria, cujas belezas são motivos para deprimir a obra primorosa de Deus, na incomparavel natureza brasileira, onde «tudo é grande e só o homem é pequeno», o homem político profissional, concedemos.

MATERIAL ESCOLAR — O ambiente escolar deve revestir-se de um aspecto nacional, de modo que o aluno ao ingressar na sala de aula, sinta-se bem, e tenha a impressão de que a escola é a representação real da Pátria, continuação de seu espírito nacional.

Quadros de nossas belezas naturais apensos ás paredes. Mostruários que exponham á vista curiosa da creança, espécimes raros de nossa fauna e flóra das províncias.

Associação de mãis brasileiras para cooperar com a escola na educação nacionalista da creança.

Viagens inter-provinciaes aos alunos mais distintos em Moral cívica, História do Brasil, Geografia, Literatura luso-brasileiro, das várias series dos cursos primário e secundário, a expensa dos governos locais e amparo do governo central, com finalidade do conhecimento prático do país, estreitamento dos laços de solidariedade nacional da juventude e estímulo aos estudos.

Quanto ao curso secundário devemos restaurar a literatura luso-brasileira, como elemento precioso de formação nacional.

No programa referente á música é mister intercalar um capítulo exclusivamente sobre a música nacional clássica e sua contribuição para a arte musical. Estudo biográfico dos maiores compositores nacionais.

A arte nacional deve ser utilisada como fator educativo de grande alcance psicológico, pelo poder creador e repercução na imaginação da creança.

Comemorações solenes de datas nacionais, v. g. descobrimento do Brasil, indepêndencia nacional. *Culto de amor e respeito a uma só bandeira, a nacional, unica que deve figurar como símbolo da Pátria nas festas Públicas e escolares. Supressão de escudos e bandeiras regionais.*

Eis em rapidas sugestões como deve ser orientado o espírito da escola para atualizar seu poder nacionalizador.

DO CORPO DISCENTE — Toda esta organisação é feita e dirigida no sentido nacional e cristão para a educação do brasileiro, e do estrangeiro que fixar residência na Pátria brasileira, sua segunda pátria; do primeiro para que se conserve bom brasileiro, e do segundo para que se torne brasileiro. Assim o corpo discente deve ser constituido de brasileiros tradicionais, natos, ou naturalisados e de estrangeiros, apenas a estes ultimos no caso

em que completarem o curso universitário não poderão exercer sua profissão liberal sem que se naturalisem ou então tenham residência permanente no país de 10 anos no mínimo.

As escolas primárias devem ser em numero suficiente para todas as creanças em idade escolar. A verba destinada á educação nacional deve ser em cifras que cubram as necessidades do ensino que ao lado da segurança nacional deve ser a preocupação primacial do Estado.

c) que se deve exigir das escolas estrangeiras para que funcionem no Brasil?

Preliminarmente precisamos saber o que é escola estrangeira para que possamos dar a indicação das medidas necessárias ao seu funcionamento no Brasil.

Que é escola estrangeira?

E' a escola que pela unidade de seu espírito e organisação ministra a jovens de determinada nacionalidade, a formação da pátria original, acidental ou essencialmente prejudicial, ou contrária á unidade nacional ou á independência política da Nação brasileira.

Portanto, na própria definição podemos distinguir duas categorias de escolas:

a) que pela unidade de sua direção e organisação são acidentalmente prejudiciais á unidade nacional;

b) escolas essencialmente prejudiciais e contrárias á unidade nacional e á independencia política da Nação brasileira.

Assim para modos diferentes de ser, ação correspondente por parte do Estado.

Sendo o Brasil país de convergência de imigrantes de todas as nacionalidades que aquí se estabelecem em verdadeiras massas *ad libitum* quanto a localisação pelo espírito cosmopolita do liberalismo e sua incapacidade governamental, creando verdadeiros kistos de nacionalidades estrangeiras dentro do país, a questão de nacionalisação assume aspecto mais agudo que deve ser resolvido de acordo com a natureza de cada caso, tendo em vista suas circunstâncias graves que lhe podem mudar a natureza, se não quizermos voltar a colónia de qualquer potência estrangeira.

Assim propomos que as escolas do grupo «a» funcionem no Brasil mas submetidas ás seguintes discriminações:

1. — Devem, antes de ser concedida autorisação para funcionar, requerer autorisação de abertura e registo, á autoridade competente.

2. — Ensino obrigatório da lingua portuguêsa, geografia e História Pátria aos alunos, por professores brasileiros.

3. — Devem abster-se absolutamente de qualquer intervenção política no dominio da educação, incitamento ao desrespeito ás autoridades e ás leis do país que lhes dá hospitaleiro agazalho.

Quanto ás escolas do grupo «b», isto é, essencialmente prejudiciais e contrárias á unidade nacional e á independência política da Nação brasileira, quanto a estas propomos pura e simplesmente sua interdição para funcionarem em território nacional.

CONCLUSÃO

Da unidade da demonstração feita sobre o assunto que nos coube dissertar, alem das conclusões a que chegamos no decurso de nossa modesta contribuição, resaltam duas de ordem mais geral:

1. — O nacionalismo aqui tratado é cristão como cristã e católica é, pela graça de Deus, nossa amada Pátria, portanto, as iniciativas particulares idoneas em matéria educacional não só serão respeitadas mas têm o auxilio do Estado de acordo com a justiça distributiva.

2. — Somente a firme vontade de um governo nacional e forte, que se apoie no princípio de autoridade, estará apto a realisar uma reforma pedagógica de fundo, não pelo monopólio do Estado, mas pelo equilíbrio dos poderes no terreno comum, isto é pela harmonia, e sobre tudo, pelo respeito da hierarquia dos poderes espirituais sobre os temporais na esfera espiritual estrita.

Este poder é o Estado autoritário, representado pela *monarquia hereditária corporativa e cristã*.

MANOEL MARCONDES REZENDE

São Paulo, 25 de Julho de 1936.

P Á T R I A - N O V A

Comemorando o dia 15 de novembro

Gostam do moderno argumento "democrático"? -- A proclamação da república foi uma traição VIOLENTA da parte de meia-dúzia de estranjeirizados à respeitável OPINIÃO PÚBLICA aferível pelas livres últimas eleições do Império. Pois nelas os papagaios republicanos não conseguiram eleger UM só representante. O 15 de novembro foi, assim, o que se diria na gíria moderna um GOLPE FASCISTA, TOTALITÁRIO, de um grupinho fracassado de chefetes, sem conhecimento da tropa nem do povo "bestificados".

Patenteia-se não terem Deodoro, Benjamim Botelho, nem o mentiroso Sólon (com os cartolas instigadores) direito algum de apelar para as armas a êles confiadas pela Nação IMPERIAL Brasileira, quando impunham a esta pérfidamente um regimen falso, nocivo, espúrio, estranjeiro, "macaqueado" e inferior ao NOSSO sistema tradicional: o IMPÉRIO, a MONARQUIA, que criara a Nação em 389 anos.

A NEFASTA SEDIÇÃO de 89, inspirada e ditatorialmente ordenada "contra nós" pelas seitas secretas estranhas, confirma-se sociológica, filosófica e teològicamente errada, moral e jurìdicamente INJUSTA e CRIMINOSA.

Não a justificou, nem perdoou, com a vitória CASUAL, o longo tempo decorrido desde o crime, meio século fértil de apostasia, desgraças, misérias, dores, servilismos, vergonhas multiformes e humilhações para o sofrido Povo Brasileiro, hoje pobre, decaído, explorado, nulo entre as nações do mundo dada a sua população e território, e antigamente rico, próspero e internacionalmente respeitado.

Protestamos contra tôdas as comemorações dessa data infame, com justiça suprimida inicialmente pela revolução de 30.

Viva a
M O N A R Q U I A !

Arlindo VEIGA DOS SANTOS

x x x x

FUNÇÃO DO EXÉRCITO

O EXÉRCITO É PARA A GUERRA LEAL, DEFESA DO TRONO E DA PÁTRIA

Marechal Deodoro da Fonseca.

x x x x

UMA PÁGINA HISTÓRICA

Os militares efectuando o "pronunciamiento" de 15 de novembro, para terem uma justificativa no país, necessitariam dar provas do seu desinterêsse. O "pronunciamiento" do marechal Deodoro foi como quase todos os "pronunciamientos" espanhóis, venezuelanos, guatemaleseos, peruanos e nicaraguenses, que a Europa não considera do domínio da História mas sim da Opereta. Todos os militares que tomaram parte nesse "pronunciamiento" foram promovidos e o pret dos seus soldados aumentado. O acto de 15 de novembro não foi portanto um acto heroico: FOI UM BOM NEGÓCIO.

Eduardo PRADO.

x x x x

ERA MONÁRQUICA

Retroceder à era monárquica, de modo algum significa involução. O problema é achar a forma que realize as aspirações nacionais. --Diz A GAZETA, 31/5/48. -- Ora, a Monarquia realizou-a. A república, nunca.

E o Império Patrianovista não será "restauração", mas instauração, isto é -- ACTUALIZAÇÃO da nossa velha MONARQUIA. República foi sempre uma peste no caminho do Brasil: até os senhos de república já nos dividiam!!!

x x x x

República e Produção

No Brasil a parcela que está realmente ajudando pouco e entravando a vida nacional é a representada pelo poder público. Os auxílios que a êle competiam são deficientes e MALES CAUSADOS SÃO ENORMES pelo excesso de despesa pública em fins não produtivos e com grandes desperdícios de trabalho.

Aldo SAMPAIO, "Diário de S.Paulo", I/8/48.

x x x x

DIA DOS MORTOS PATRIANOVISTAS

Lembramos aos Correligionários que hoje é dia dos MORTOS PATRIANOVISTAS e dos Monarquistas em geral, segundo foi instituído antes de 1937. Sufraguemos, pois, as almas dos mártires e confessores da Causa, sem nos esquecermos do grande chefe cearense, Rosendo Ribeiro, e o mártir catarinense Wunderlich.

Imperial Cidade de S.Paulo, 15 de novembro de 1948, 20º da AIPB.

D O M P E D R O I I

Lembram-se neste mês duas datas pedro-segundianas: -- 2, do nascimento; 5, da morte.

Como Patrianovistas, cultuamos o homem imperial, REI ou SÚBDITO, mas não temos superstição de "homens". O que nos importa SOBRETUDO é o REGIMEN, o qual faz possíveis os grandes homens, os grandes estadistas.

Dom Pedro II foi pessoalmente, sem dúvida, insigne varão. Mas, se fôsse presidente de república, seria apenas mais um dêles, melhor ou peor, sem nada de excepcional. "La république est essentiellement mauvaise", diz muito bem Anatole. E estraga tudo... até os homens bons!

Pelas qualidades pessoais, era eminente o nosso 2º Imperador. Pelas majestáticas, respeitável "nacionalmente". Por umas e outras não merecia ser traído e confundido com os caudilhos a todo momento postos e depostos na republicana Espano-América de 89... e de hoje, com a qual por estupidez de meia-dúzia nos igualámos miseràvelmente. Entrámos funambulescamente no côro da palhaçada demo-republiqueira espano-americana.

Deixámos de ser a velha GLORIOSA EXCEPÇÃO. Avacalhámo-nos!

x x x x

I M I G R A Ç Ã O

No capítulo da introdução de elementos alienígenas em nosso imperial território, está a república, como sob tantos outros aspectos, desservindo o Brasil. Não vamos discutir os planos "colonizadores" da nossa madrasta, a república, se é que os tem. Sabemos apenas que se mantém ou tolera criminosamente uma perigosa máquina "imigrantista", na qual actuam "brasileiros" suspeitos e que, depois da 2.a Grande Guerra, nos canaliza "quase exclusivamente" comunistas, filocomunistas e indesejáveis de tôda espécie, ao mesmo tempo que impede (desde a fonte européia!) a vinda de imigrantes puros e decentes, maltratados, quando dificilmente conseguem aqui chegar, por "funcionários" quintacolunistas da supradita máquina traiçoeira. Sabota-se a boa imigração e envia-se-nos a peste...

Chamamos calorosamente a atenção das autoridades, ilaqueadas na sua boa-fé, para êsse crime que se está perversamente cometendo contra o Brasil nacional e católico.

E não se trata de oposição sistemática, mas construtora; pois, embora odiemos a república como inimiga que é da nossa Pátria, para nós Patrianovistas o lema é: **O BRASIL ACIMA DE TUDO e quanto melhor -- melhor!**

xxxxxx

REPÚBLICA E SERVILISMO

A república tem sido, para nós todos, um verdadeiro ensino obrigatório de servilismo. -- Eduardo PRADO. Com. de S.Paulo, 21,11,1895.

xxxxxx

REPÚBLICA E MEDIOCRIDADE

O mal grandíssimo e irremediável das instituições republicanas consiste em deixar exposto à ilimitada concorrência das ambições menos dignas o primeiro lugar do Estado, e desta sorte o condenar a ser ocupado, em regra, pela mediocridade. -- Rui Barbosa, "A queda do Império".

xxxxxx

REPÚBLICA E GATUNAGEM

Na república....quando não se está roubando se está matando. -- Ministro José Américo.

xxxxxx

Familietas Imperiaininhas...

Estamos, há bom número de anos, no regimen das "famílias imperiais temporárias"; temporárias, sim, mas que sabem aproveitar a maré cheia... -- "Careta", 26,2,48.

Imperial Cidade de S.Paulo, dez: 1948. **! V I V A A M O N A R Q U I A !**

O BRASIL reclama a SUA MONARQUIA

O BRASIL precisa da MONARQUIA

Monarquia é ordem, honestidade, ventura, poder!

REPÚBLICA É DESGRAÇA COMPLETA, como dizia Dodoro, em tôda parte. Até na China que adeptou o tal regime adiantado em 1905. Vivendo na gangorra república-ditadura até há pouco, vai cair agora no comunismo...para desgraça dos chineses e de todo o mundo.

x x x x

SEMPRE QUE SE FALA EM MONARQUIA, os completamente estranjeirizados pelos miseráveis quase 60 anos do regimen bárbaro de 15.11.89 refugam ignorantemente, com superioridade cômica de gente presumidamente "adiantada".

Os menos mal logo "concordam": -- Sim, apoiado! uma monarquia à moda inglêsa, parlamentar etc.-etal, seria óptima.

A êsses respondemos: -- Que mania brasileira de fugir ao real, ao próprio. Nada de república "americana" como julgamos ter, mas só os ametem e terão, digo só os americanos têm e terão. Nada de monarquia inglêsa, como vocês "aceitariam", mas só os ingleses é que terão. Foi êsse o êrro dos nossos antepassados parlamentaristas à inglêsa. Precisamos da nossa MONARQUIA NACIONAL da tradição brasileira ou luso brasileira. Essa é que é a nossa MONARQUIA, o nosso SISTEMA de govêrno: MONARQUIA ORGÂNICA, municipalista. Êsse o nosso sistema natural de govêrno. O mais é arremêdo falso, como o parlamentarismo inglês no Império e essa coisa americana denominada república federativa dos estados-unidos... e é dêles mesmo...

Qual o motivo, porém, dessas cincadas dos interlocutores? -- A ignorância sôbre o Brasil e a sua Tradição. Uns, os ignorantíssimos, pensam, com a infame escola republicana, que o Brasil começou em 89, justamente quando deixou de ser Estado Brasileiro e iniciou a tendência a cessar de ser Nação Brasileira, pela corrupção que começa na Religião (apostasia das massas) e vai à Língua, costumes, decência, dignidade, altivez, tudo. Outros (menos mal) pensam ter principiado o Brasil em 1822 com a fundação do Império, como se fôra possível começar uma nação assim ex-abrupto sem mais nada. Raros vêem que o Brasil começou muito antes. Ora, a nossa Tradição real, queiram ou não os reles jacobinos, é luso-brasileira com os costumes, língua, religião e instituições. E ela não nos envergonha.

Na parte pertinente ao luso, inicia-se em Afonso-Henriques no século 12; na parte pertencente ao brasileira, principia em 1500.

Ponderem-se assim os fatôs histórica e sociológicamente, e cairá fatalmente todo êsse castelo de cartas da republicana estupidez e cretinice ânti-científica e ânti-nacional.

x x x x

OS DEPUTADOS REPUBLICANOS RESOLVERAM GANHAR MAIS 100%. Levanta-se a atoarda contra a desgergonha dos "representantes do povo". Alto lá, republicanos! No regime eleitoralista democrático, fraudo ao artifício dos partidos permanentes e em que a concurrência aos poderes públicos é mercado e leilão ao som das moedas do cruzeiro e do catolicismo, os coitados dos desinteressadíssimos patriotas candidatos gastam quanto podem. É a seleção PLUTOCRÁTICA dos "representantes"... de quê? Sei lá! Mas...precisam, depois de eleitos (se eleitos!) ressarcir-se das despesas patrióticas de defensores da república do cândido Benjamim & Cia.. Nós, Monarquistas atrasadões, não compreendemos muito bem as maravilhas do magnífico regimen caradura que nos IMPUSERAM totalitàriamente em 89. Se os excelentíssimos deputados republicanos resolveram com os senadores ganhar 100% mais, em compensação nos todos também vamos ser aumentados...em impostos e encarecimento da vida. É o expediente estúpido de que se serve a república para pagar os seus roubos e esbanjamentos. E vamos definhando na subprodução agrícola por falta de fomento EM LARGA ESCALA. Viva a tal!

x x x x

GRAÇAS AO ESFÔRÇO DOS LAVRADORES, às condições propícias do mercado tritíceo internacional e a umas providências levemente imperiais do MINISTRO DA AGRICULTURA, o Brasil, que já fôra respeitável exportador de trigo nos atrasados tempos monárquicos (Colônia e Reino), vai ter uma safra de um quarto talvez da sua necessidade. Importa todavia que tal situação propícia não seja de futuro estragada pela descontinuidade e pouco caso com que a república trata os negócios sérios e do bem-comum, perdendo em um só ano o que a Nação POR SI realiza em 10.

Parabéns ao Ministro da Agricultura...até 2.a ordem. ...e V I V A

a M O N A R Q U I A !

Plínio Salgado

ACÇÃO IMPERIAL PATRIANOVISTA BRASILEIRA -- P Á T R I A - N O V A .
152,rua Silveira Martins, 3º. Imperial Cidade de São-Paulo.

F A L T A DE C A R Á C T E R... virtude republicana!

No fundo dos nossos males, confessam muitos, reconhece-se a falta de carácter. Isso, porém, não é congênito á nossa Raça. Não foi sempre assim, calamitosamente assim. Como se forja um carácter? Pela Religião vivida,antes de tudo; depois pela educação do lar, da escola, do ambiente social em que se vive.

Ora, o Estado republicano é réu fomentou, desde 89, a apostasia da Nação. Denunciou-a a Pastoral Colectiva de Episcopado brasileiro. A própria descontituição de 91 foi apóstata, a-despeito das tardias e hipócritas justificações ruibarboseanas. Em qualquer estado cristão decente, o chefe faz e determina preces públicas (como Roosevelt, Churchill e outros), pedindo a protecção divina para os seus governados.

O estadinho republicano brasileiro, divorciado sempre da Nação e contra ela, revelou-se do-ordinário tácita ou abertamente maçon, positivista, agnóstico, ateu, àtoa e cheio de respeito-humano quanto à Fé e perante a Majestade Divina. Mostraram-se pródigos em maus exemplos ao povo os estadistas (?) e homens de govêrno,"oficialmente" quase sempre indiferentes à Religião nacional.

Regimen de origens e compromissos espúrios, suspeitosos, de cabotinismo demagógico, de peculato contínuo, de irrefreável desvergonha, sòmente isso podia a república dar-nos. É ela, a imposição totalitária de 89, um sistema eminentemente DESEDUCADOR, DESCARACTERIZADOR, DESFIBRADOR do povo, teòrica e pràticamente. E...quanto menos carácter — melhor político...republicano. MAL DO REGIMEN que a isso leva os homens inclusive os bem intencionados, que os há! "A república é essencialmente má", diz Anatole France em lúcido momento.

A escola republicana, máxime no grau superior, há sido amiúde forja de ímpios, por meio de sociedades de origem diabólica e através de pífios preconceitos cientificistas, floração dos "princípios" do outro 89.

Tudo isso reflectiu necessàriamente no lar e na vida social, na "cultura" do meio.

Nesta maldita república (não é retórica,mas verdade:maldita!), nunca se castigou devidamente o crime (multiforme) e nunca se premiou devidamente o mérito. Pelo contrário, os bons têm ordinàriamente levado muita desvantagem a favor dosmalhacos... nestes quase 60 anos de regime "adiantado", que certos jornais grafam sempre e còmicamente com R maiúsculo, deixando Nação (que é coisa séria) com n pequeno...

x x x x x x

Agora temos "dimocracia", chavão idiota usado até por comunistas e nazistas e que significa entre nós, em trôco miúdo, a ruptura de tôdas as ccompartas das bandalheiras. Basta atentar para os rádios, jornais, revistas, teatros e assembléias de representantes (de quê mesmo?!); basta atentarpara a proliferação de repelentes crimes, não punidos devidamente ou de maneira alguma. Aqui não há pena de morte... mas todos os dias os particulares matam gente... extra-oficialmente!

Com tôdas essas tristes realidades, ¿vamos esperar que a RELIGIÃO, desprezada íntimamente pelos encarregados do bem comum; que a FAMÍLIA, pobre vítima em desmantêlo por tantos factores adversos, entre os quais o próprio desgovêrno republicano, mormente no plano moral e económico; que a Nossa pobre ESCOLA, desajudada da família, do estado e do meio -- refaçam o carácter brasileiro?

Demoraria 500 anos, meus amigos. Viria antes a dissolução. Importa acabar com isso já, quanto mais depressa, antes que contamine o pouco que sobra da nossa dignidade cristã e brasileira. Para grandes males, grandíssimos remédios.

E o primeiro acto tem de ser drástico: ACABAR COM A república, a servil, nojenta deseducadora e descaracterizadora, desfibradora do Brasileiro, a pestilenta incubadeira dos ignorantes, dos cabotinos e dos salafrários... em tôdas as classes sociais da Nação.

P.S.— Não podendo responder individualmente a todos quantos nos dirigiram cumprimentos pelas Festas, por êste veículo lhos agradecemos, fazendo votos de saúde, paz e prosperidade em 1949, apesar dos obstáculos a isso levantados pela república.

+

ACÇÃO IMPERIAL PATRIANOVISTA
BRASILEIRA
-- PÁTRIA-NOVA -- 152, rua Silveira Martins, 3º, na Imperial Cidade de São-Paulo de Piratininga.

SUGESTÃO DESAFORADA... aparentemente!

Se é que realmente a II Guerra Mundial nos ensinou algo (os republicanos-democrateiros só sabem aprender apanhando, atesta-o a experiência!), precisamos estar preparados nesta grave conjuntura do mundo (nova guerra possível a qualquer momento) para não sofrermos o mesmo que na passada. Eis o que a AIPB considera o mínimo necessário:

--- 1) Aumentar e defender com unhas e dentes, contra quem quer que seja, a nossa SIDERURGIA.

--- 2) Tratar de conseguir auto-suficiência, quanto antes, no PETRÓLEO e no CARVÃO.

--- 3) Produzir e defender o nosso TRIGO contra os trustes e tudo mais (com violência se necessário), para nos librarmos da fome, das filas infamantes, da exploração estranjeira e da humilhação.

--- 4) Fazermo-nos o mais breve possível capazes "eficazmente" de defender os nossos CAMINHOS MARÍTIMOS (como nos tempos imperiais) e sobretudo garantir a nossa CABOTAGEM.

--- 5) Cuidar "sèriamente" das nossas VIAS INTERNAS: rodoviárias, ferroviárias (ligação completa Norte-Sul, pelo menos), fluviais e canalísticas, complementando-as com as aéreas.

--- 6) Fomentar "realmente"-com créditos, financiamento, assistência técnica (e até sanitária ao trabalhador rural nacional, como fazem ao ... imigrante estranjeiro...), além da redução de impostos,-a PRODUÇÃO DE ALIMENTOS ESSENCIAIS: o trigo já citado, feijão, arroz, milho, legumes, verduras, carne, etc.. E dar-lhes TRANSPORTE até aéreo, se indispensável!

--- 7) Coibir-com multas, cadeia, confisco de bens e, finalmente, na reincidência contumaz, com FÔRÇA (não é fôrça -- é fôrka! Mude-se a constituição se for preciso!),-o MERCADO NEGRO e outras formas de roubo. Isso para os nacionais. Para estranjeiros, confisco dos bens e expulsão.

--- 8) Manter um mínimo (escol) da FÔRÇA ARMADA permanentemente adestradíssimo e com todos os recursos da técnica moderna para entrar em acção bélica "imediatamente" onde quer que seja, antes de mobilização geral. E, com essa, nada de economia estúpida e perigosa.

x x x x

O govêrno que se crer incompetente e sem fôrça moral para realizar tudo isso, QUE É VITAL PARA O BRASIL, deveria lògicamente demitir-se e entregar o Estado Brasileiro a quem pôde e pode funcionar eficientemente, isto é -- ao IMPÉRIO, que é o nosso único sistema legítimo e natural de govêrno, afim de não virmos a cair, como a China republicanizada desde 1905 e outros países, nas garras abjectas dos criminosos internacionais.

Com efeito, "As divisões provocadas pelos partidos, diz muito bem "A Gazeta", 9.2.49, enfraquecem a unidade política das nações. Todos gritam que a sua luta é por uma pátria maior e mais respeitada. Se o desejo de todos é um só, por quê não reformam seus programas afinando-os pelo mesmo sentido que a todos empolga?"

Ingenuidade republicana, Dona Gazeta! O melhor para os partidos é dissolverem-se espontâneamente a bem da pátria, com tôda a sua demagogia e vocacidade, deixando às fôrças sociais verdadeiras -- a PRODUÇÃO NACIONAL, representarem-se directamente... sem êles. Para os idiotas e velhacos isso sou fascismo. Não assim para quem sabe História, Sociologia e Política. ¿Não há associações de lavradores, professores, advogados, médicos, engenheiros, economistas, comerciantes, contadores, industriários, comerciários, funcionários públicos de tôdas as espécies, farmacêuticos e outros profissionais? É só sistematizar essa REALIDADE para a representação e mandar às favas o intermediário artificial que geralmente significa -- ladrão e malfeitor!

"Democracia" no sentido grego legítimo e patrianovista significa FÔRÇA-DO-POVO. Ora, a fôrça do povo é a profissão, o trabalho. O resto é apenas MISTIFICAÇÃO. E deixem de falar tanto em democracia. Isso não resolve nada.

¡VIVA A MONARQUIA!

Leia "Do govêrno dos príncipes", de Tomás de AQUINO, tradução de A. Veiga Dos Santos, para

A. Veiga Dos Santos

AÇÇÃO IMPERIAL PATRIANOVISTA BRASILEIRA
----- P á t r i a - N o v a -----
152, rua Silveira Martins, 32. Imperial Cidade de
São-Paulo de Piratininga.

x x x x

O BRASIL e a República

O regimen republicano é -- sobretudo em matéria de dinheiros públicos -- o regimen do segrêdo.....Nada disto deve causar admiração a quem sabe a História, ou quer lembrar-se dela.

A república é isto mesmo.....é um regimen em que o título de cidadão brasileiro, título que não dá direitos efectivos, é um distintivo de inferioridade diante de qualquer estranjeiro.

Contra o brasileiro, o crime é livre.

O estranjeiro, mais feliz, faz-se respeitar e pagar.

O direito do brasileiro não impõe respeito à república. Ela só se contém diante da ameaça da fôrça e do estranjeiro. ---- EDUARDO PRADO, "A república e a liberdade de imprensa", in "Comércio de S.Paulo", 10/12/1895.

ALGUMAS PERGUNTINHAS

É censurável o homem bandalho, o libertino que volta a ser casto?

Censurável o abrutalhado que se transmuda em cordato?

Reprovável o ladrão que torna a honesto?

Afinal, há-de-se condenar o vicioso que regressa à virtude?

Então, não é de censurar o Brasileiro Patriota que quer restabelecer a MONARQUIA, qualidade e virtude congênitas à Nação Brasileira. Brasil sem Império NÃO É BRASIL; é falsificação, desonra, ultraje, macaqueação!

I N V O L U Ç Ã O . . .

Retroceder à era monárquica, de modo algum significa involução. O problema é achar a forma que realize as aspirações nacionais. ---- Editorial "Ofensiva dos parlamentaristas", A Gazeta (S.P.),31/5/1948.

FUNÇÃO DO EXÉRCITO

"O Exército é para a guerra leal, DEFESA DO TRONO E DA PÁTRIA."
---- São palavras do Marechal DEODORO, apud Leôncio Correia, "A verdade histórica sôbre o 15 de nov., pág. 178, Rio 1939.

A república NO BRASIL

A república novembrina foi obra de doudos; porque só doudos podiam querer....fazê-lo (o Brasil) retrogradar em todos os sentidos. ---- TITO FRANCO.

A DIPLOMACIA IMPERIAL

Nas côrtes européias e nas Capitais dos países da América os nossos diplomatas honravam a representação do Brasil, e levantavam bem alto o seu renome. Mantiveram-se intangíveis e serenos os nossos brios nacionais, opondo-se altivos às ameaças e aos insultos de estranjeiros....As tradições aí ficaram deixando saudades aos velhos e provocando inveja aos moços. As lições do patriotismo fulguram no segundo Império. Negue-as quem quiser. A justiça, porém, consagra-as.

Veio a república... ---- Mons. MANFREDO LEITE, "O patriotismo".

A DIPLOMACIA republicana

Em entrevista à imprensa o general Anápio Gomes denunciou a falta de assistência aos representantes brasileiros no exterior, que se sentem inteiramente desligados de seu país, sem receber respostas às suas perguntas e muitas vêzes resolvem negócios sem saber se o fazem em obediência ao que mais interessa ao seu govêrno.... Nossa política externa, de há 50 anos, não evoluiu.... ---- B. DE ARAGÃO, "Folha da Manhã", 3/5/48.

----Comentário patrianovista: Os primários crêm que o que vem depois, como a república, é mais adiantado, melhor, superior. A política externa, como a interna, involuiu, decaiu com a ré-pública. Ser antigo não significa ser peor.

V i v a a M O N A R Q U I A !

A C Ç Ã O I M P E R I A L P A T R I A N O V I S T A
B R A S I L E I R A -- Pátria-Nova.

152, rua Silveira Martins, 3º. -- Imperial Cidade de São-Paulo.

---- NÃO VÊ A REPÚBLICA, ainda que seja a dos verdadeiros e legítimos Estados-Unidos (os da América do Norte, pois os do Brasil são estulta e inoperante macaqueação!), não vê a república além dos 4 anos do govêrno presidencial. Isso explica o abandono errado da China Nacional em face da falsa China comunista assessorada pela URSS. É uma desgraça irremediável. Ah não haver uma França, uma Espanha monárquicas, um Império Austro-Húngaro, um Império Luso-Brasileiro poderosíssimo para salvar a Cristandade, a verdadeira Civilização Cristã, da qual tanto falam os demonocráticos malandros!

---- CONTINUAMOS a alertar as sadias autoridades nacionais com referência ao problema do TRIGO contra os criminosos trustes internacionais e seus agentes no Brasil, os quais COMO PATRIANOVISTA eu elevaria à forca de Calabar. Cabe aqui também chamar a atenção para o problema do PETRÓLEO e fomento cada vez maior da indústria do AÇO e aproveitamento do nosso CARVÃO.

Rondam-nos os bandidos internacionais interessados, com sua voracidade, em nossa pobreza, fraqueza e ruína. Só podemos confiar sempre em Deus e nos poucos Brasileiros de carácter detentores de autoridade, já que não vale nada para nossa garantia o miserável regimen republicano que nos impuseram à fôrça em 89, "em nome" e sem consulta do Exército, da Marinha e do Povo... Pobre história do Brasil!

---- TÊM OS HOMENS INFERIORES horror tremendo de serem diferentes dos outros. Porisso imitam até o que há de pior e mais vulgar. Dêsse baixo estalão foram os que prègaram e fizeram república no Brasil. Fazia mister trazer a peste ao nosso País, pois êste era graças a Deus diferente, era excepção na América. Agora sim, pensariam êles, somos iguais! Entrámos na gangorra república-ditadura--ditadura-república. Mas não, não somos iguais -- somos piores. É péssima a corrupção do óptimo.

Estão contentes agora os homens inferiores, agora que gozamos de regime inferior também... como o resto da América. Não somos mais excepcionais. Estamos espano-americanalhados!

---- VOLTA-SE A FALAR EM IMIGRAÇÃO. Instituição primária, a república não resolve nada e só vê um palmo adiante do nariz (quando vê!), desprezando as consequências remotas dos seus actos impensados e quase sempre frutos do improviso.

Saiba a ignorantíssima madrasta do Brasil que morrem mais de 50% das crianças nascidas em nossa Terra (as crianças são os melhores imigrantes) e definha a nossa população rural por falta de qualquer assistência...que porcerto vai ser fartamente dada aos estranjeiros imigrantes... (Talvez daqueles que a "máquina" que já denunciámos inùtilmente despeja no Brasil).

Abandonados na roça, os caipiras vêm para a cidade enganadora e aí ficam largados pelas ruas sem ter a quem recorrer. E vamos importar "substitutos" règiamente tratados, para o lugar dêles. Para êles nem assistência, nem instrução, nem financiamento, nem nada! Para o invador legal, tudo! Veja-se o que vale um Brasileiro na república.

Esta Terra é uma pândega. E não há para quem apelar eficazmente: não temos Rei!

---- "A CAPACIDADE TRIBUTÁRIA está esgotada, disse o sr. Coriolano Góis, ao desembarcar, hoje, na Gare Roosevelt" (Gazeta, 27.8.48).

Mas a capacidade de extorsão da república (regimen caro) em tôdas as partes do mundo nunca se esgotará.

---- O BRASIL VAI BEM na medida em que, apesar da febre republicana, imita o seu regimen natural- o IMPÉRIO. Mas
SÒMENTE A DOUTRINA POLÍTICO-SOCIAL-ECONÓMICA PATRIANOVISTA poderá restaurar a GRANDEZA NACIONAL.

V I V A A M O N A R Q U I A !

Plínio Corrêa de Oliveira

AÇÃO IMPERIAL PATRIANOVISTA BRASILEIRA -- P Á T R I A - N O V A .
Rua Silveira Martins, 3?. Imperial Cidade de São-Paulo.

F A L T A D E C A R Á C T E R... virtude republicana!

No fundo dos nossos males, confessam muitos, reconhece-se a falta de carácter. Isso, porém, não é congénito à nossa Raça. Não foi sempre assim, calamitosamente assim. Como se forja um carácter? Pela Religião vivida, antes de tudo; depois pela educação do lar, da escola, do ambiente social em que se vive.

Ora, o Estado republicano e réu fomentou, desde 89, a apostasia da Nação. Denunciou-a a Pastoral Colectiva do Episcopado brasileiro. A própria descontituição de 34 foi apóstata, a-despeito das tardias e hipócritas justificações rui-barbosanas. Em qualquer estado cristão decente, o chefe faz e determina preces públicas (como Roosevelt, Churchill e outros), pedindo a protecção divina para os seus governados.

O estadinho republicano brasileiro, divorciado sempre da Nação e contra ela, revelou-se do-ordinário thcita ou abertamente maçon, positivista, agnóstico, ateu, ateu e cheio de respeito-humano quanto à Fé e perante a Majestade Divina. Mostraram-se pródigos em maus exemplos ao povo os estadistas (?) e homens de govêrno, "oficialmente" quase sempre indiferentes à Religião nacional.

Regimen de origens e compromissos espúrios, suspeitosos, de cabotinismo demagógico, de peculato contínuo, de irrefreável desvergonha, sòmente isso podia a república dar-nos. É ela, a imposição totalitária de 89, um sistema eminentemente DESEDUCADOR, DESCARACTERIZADOR, DESFIBRADOR do povo, teórica e pràticamente. E... quanto menos carácter -- melhor político... republicano. MAL DO REGIMEN que a isso leva os homens inclusive os bem intencionados, que os há! "A república é essencialmente má", diz Anatole France em lúcido momento.

A escola republicana, máxime no grau superior, há sido amiúde forja de ímpios, por meio de sociedades de origem diabólica e através de pífios preconceitos cientificistas, fhoração dos "princípios" de outro 89.

Tudo isso reflectiu necessàriamente no lar e na vida social, na "cultura" do meio.

Nesta maldita república (não é retórica, mas verdade: maldita!), nunca se castigou devidamente o crime (multiforme) e nunca se premiou devidamente o mérito. Pelo contrário, os bons têm ordinàriamente levado muita desvantagem a favor dos malhados... nestes quase 60 anos de regime "adiantado", que certos jornais grafam sempre e cìnicamente com R maiúsculo, deixando Nação (que é coisa séria) com n pequeno...

x x x x x x

Agora temos "democracia", chavão idiota usado até por comunistas e nazistas e que significa entre nós, em trôco miúdo, a ruptura de tôdas as ecompertas das bandalheiras. Basta atentar para os rádios, jornais, revistas, teatros e assembléias de representantes (de quê mesmo?!); basta atentar para a proliferação de repelentes crimes, não punidos devidamente ou de maneira alguma. Aqui não há pena de morte... mas todos os dias os particulares matam gente... extra-oficialmente!

Com tôdas essas tristes realidades, ¿vamos esperar que a RELIGIÃO, desprezada intimamente pelos encarregados do bem comum; que a FAMILIA, pobre vítima em desmantêlo por tantos factores adversos, entre os quais o próprio desgovêrno republicano, mormente no plano moral e económico; que a Nossa pobre ESCOLA, desajudada da família, do estaio e do meio -- refaçam o carácter brasileiro?

Demoraria 500 anos, meus amigos. Viria antes a dissolução. Importa acabar com isso já, quanto mais depressa, antes que contamine o pouco que sobra da nossa dignidade cristã e brasileira. Para grandes males, grandíssimos remédios.

E o primeiro acto tem de ser drástico: ¡CASAR COM A república, a servil, nojenta deseducadora e descaracterizadora desfibradora do Brasileiro, a pestilenta incubadeira dos ignorantes, dos cabotinos e dos salafrários... em tôdas as classes sociais da Nação.

P.S.-- Não podendo responder individualmente a todos quantos nos dirigiram cumprimentos pelas Festas, por êste veículo lhes agradecemos, fazendo votos de saúde, paz e prosperidade em 1946, apesar dos obstáculos a isso levantados pela república.

AÇÃO IMPERIAL PATRIANOVISTA BRASILEIRA -- P Á T R I A - N O V A

152,rua Silveira Martins,3º Imperial Cidade de São-Paulo.

V A I S U C E D E R . . .

A república,qual febre intermitente,maleita brava,vive sempre em crise,única permanência que lhe cabe. Temos agora a Crise da SUCESSÃO. Multiplicam-se os candidatos a padrastos do Brasil. Propaga-se o morbo da pretensão... Desde 89 quê assim é. Ambicionou por tôda a vida as galas da presidência o furioso teórico Rui Barbosa, pai ou tutor de tôda essa nociva tragicomédia que pagamos. O facto é que,se,em-vez de república tão largamente arredia da realidade brasileira,se houvesse IMPOSTO ao Brasil (como o fêz a satânica meia-dúzia) uma república unitária como desejavam os menos insensatos, não teríamos chegado a tão miserável situação. Mas Rui BARBOSA temia a "volta", sacrificando a felicidade da Pátria à vaidade de vir a ser presidente, que graças a Deus nunca pôde ser! Bem castigado. A êle como que se dirige hoje Sumner Wells, americano equilibrado, nas seguintes palavras: --"Em que nos fundamentamos para presumir que uma forma de democracia que se desenvolveu gradativamente para harmonizar-se com as necessidades dos povos de língua inglêsa deve, de igual forma,ser ajustada às necessidades de povos de ORIGEM,TRADIÇÃO E CULTURA TOTALMENTE DIFERENTE?" (Inquietação no Novo Mundo,DdSP.,23.1.49).

x x x x

Após colaborar para a nossa desgraça,produziu Rui esta verdade:"O mal grandíssimo e INEVITÁVEL das instituições republicanas consiste em deixar exposto à ilimitada concurrência das ambições menos dignas o primeiro lugar do Estado e,desta sorte, o condenar a ser ocupado,em regra,pela mediocridade". E,referindo-se ao mesmo nefasto regimen de torturar os povos,"A Nação, disse, aceitou-o (?). Mas NÃO ERA SEU (E não é! corroboramos nós). Não havia sido elaborado por ela mesma. Não lhe derivava das entranhas,como o abolicionismo" e a MONARQUIA, poderia êle acrescentar se não vivesse no mundo da lua...jurídica.

x x x x

E a peste já era (como crêm já agora muitos) irremediável. Por isso, lemos isto na revista Pátria-Nova em março de 1930:

--"Diz o sr. Artur Bernardes: "As crises originárias da sucessão presidencial no Brasil vão produzindo,de quatriênio em quatriênio,campanhas gradativamente mais apaixonadas e susceptíveis de explodirem em lutas materiais, que são a principal ruína das nações. Faz-se indispensável investigar a verdadeira origem dêsse mal"... -- Repetimos (a essas palavras do ex-presidente) o que temos dito: —Pátria-Nova é uma conclusão e uma resposta. Conclusão de observadores ansiados, resposta a ansiosos que ainda não concluíram".

x x x x

"Em Minas,diziam os jornais há pouco,o governador do estado veio a público para declarar que a questão da escolha dos candidatos à presidência do país,DIANTE DOS ABALOS E PERTURBAÇÕES QUE COSTUMA ACARRETAR,deve ser adiada pelo maior prazo possível".

Todavia,logo mais entrou o governador Milton Campos em confabulações com o actual Chefe de Estado sôbre o assunto e proliferaram como praga os encontros candidatórios. E ninguém é candidato...

x x x x

Chamam-nos poetas a nós PATRIANOVISTAS...e com razão! Sonhamos grandes coisas para o Brasil,e muito maiores do que as que nossa Pátria perdeu com o malárico regimen republicano. Mas...! (aqui dEl-Rei!)¿por quê vocês realistas,objectivos,fiéis à "experiência" positiva,não adiam definitivamente a questão ACABANDO COM A república? Se vêem na eleição do chefe supremo da emperrada máquina a única conquista do sistema em vigor (conquista nêsta pelo que se conclui de tôda essa algazarra improdutiva e cara "reinante" no país!) e essa "conquista" é reconhecida DESGRAÇA COMPLETA como reconhecia o coitado do próprio Deodoro,mandam a ciência política positiva e o patriotismo (se existe) que se EXPULSE do imperial Brasil o indesejável regime "imigrante", que aqui entrou velhacamente graças à protecção totalitária da fôrça bruta contra a vontade nacional (à qual fingem atender para melhor a explorar), como reconheceu o excelso Almirante Saldanha da Gama e, com êle, Rui Barbosa, perpétuo namorador da presidência, além de outros.

VIVA A M O N A R Q U I A ! VIVA D O M P E D R O III º ! ✝

Plínio Salgado, Chefe Nacional.

A GRANDE "TAREFA" -- O S O C I A L I S M O

Para agradar às multidões justamente revoltadas com a inoperância prática da "democracia" reinante, "adivinharam" cìnicamente certos políticos republicanos uma "solução" velhaca, irmã e aliada in petto do comunismo rondante: o s o c i a l i s m o, panacéia imbecil que vai levando para o diabo-que-o-carregue o tradicionalismo inglês e a Inglaterra mesma, se não houver uma reacção inteligente e drástica do experto tradicionalismo insular, pois o tradicionalismo é, ao contrário da crença de muitos primários, a permanência de-par-com o desenvolvimento e progresso e não essa estratificação fóssil dos conservadores "liberais" que sonham parar a história. Geração de primários, tolos e presunçosos, os ignorantes politiqueiros republicanos, nas horas de apuros gravissimos (que êles mesmos causaram!), engendram no bestunto adamantino uma quimera qualquer, uma utopia a mais, sem consulta às soluções tradicionalistas perdidas pela estupidez do século 19 e 20.

S O C I A L I S M O ? ! -- Mais uma ASNEIRA! E nem é nova... Velha e revelha, mas sempre asneira!

Nada de Estado-Dono!

O Estado-patrão, o Estado-centralizador-todo-poderoso, o Estado-dono, o Estado-senhor-de-tudo é o inimigo número UM da pessoa humana, da Família, da Escola, dos Grupos Naturais, das Uniões Profissionais, do MUNICÍPIO e suas liberdades tradicionais, da Religião, agravando a intromissão salafrária do Estado-liberal constitucionalista que já se vai metendo indèbitamente a "dirigidor" monopolista de tudo... a Estado-ladrão da economia da economia popular, nacional.

Vão para o diabo com o seu socialismo!

O nazismo foi nacional-SOCIALISMO! -- Comunismo é SOCIALISMO-soviético! -- O fascismo foi também SOCIALISMO-de-estado!

Ainda há quem o ignore?!...

A Solução Verdadeira

E pregam pelo socialismo no Brasil! "Socialização"! Sabem lá o que significa isso? -- TÔDA a nossa vida política e administrativa BUROCRATIZADA, mais desorganizada ainda do que já está, "estrada-de-ferro-Centralificada"! DITO "administrado" por um govêrno republicano "socialista". Uma súcia de malandros sem escrúpulos manobrando livremente com a nossa vida TÔDA! O Estado macrocefalo enfiando o focinho onde não é da sua conta! Saqueada a nossa economia, seremos ESCRAVOS do Estado.

Deus nos livre! Contra isso, havemos de apelar até para as armas!

Caros políticos lunáticos e analfabetos! Deixemos de estupidez! Olhemos para o nosso Passado e tiremos a vista das bolagens vindas do estranjeiro... e ainda com atraso! Olhemos para o Passado, afim-de sabermos avançar para o futuro! Lá possuem os nossos avós Lusos e Brasileiros antigos a GRANDE SOLUÇÃO. Urge apenas actualizála. O Brasil gozou de mais liberdades na dita Colónia e no Império do que nestes tempos calamitosos. O povo era mais abastado, mais feliz, mais nutrido, mais forte e até mais alegre. Voltemos às nossas liberdades grupais, municipais, e até económicas.

É essa a

S O L U Ç Ã O P A T R I A N O V I S T A

que não pretende ser nenhum milagre! Bom-senso apenas! Realismo! Objectividade! -- Chega de experiências republicanas desastradas à custa da desgraça e miséria do POVO BRASILEIRO! --- B A S T A !!!

Arlindo VEIGA DOS SANTOS, Chefe Geral Patrianovista Imperial Cidade de S.Paulo, 1940.

"...É inaceitável a socialização sem reservas dos meios de produção e das instituições de crédito. A colectivização das fontes produtoras riqueza figura entre os dogmas fundamentais de Marx e do comunismo. Essa medida restringe a liberdade dos cidadãos a ponto de reduzi-los à condição de serventuários do Estado, que se torna o patrão único e soberano. A socialização repentina e progressiva, patrocinada por não poucos utopistas, representaria um passo fatal e decisivo rumo ao estabelecimento de um regime totalitário. Os defensores dessa doutrina não podem inspirar confiança ao eleitorado católico". -- São palavras do Exmo. Sr. Arcebispo de Pôrto-Alegre, Dom VICENTE SCHERER. A AIPB esposa-as absolutamente.

x x x x

"Socialismo religioso, socialismo católico são termos contraditórios: NINGUÉM PODE SER AO MESMO TEMPO BOM CATÓLICO E VERDADEIRO SOCIALISTA". -- Papa PIO XI.

Acção Imperial Patrianovista Brasileira — 8, rua Silveira Martins, nº oito, 3º — Imperial Cidade de S.Paulo de Pirati-

AÇÇÃO IMPERIAL PATRIANOVISTA BRASILEIRA (PÁTRIA-NOVA)
8, rua Silveira Martins, 3? -- Imperial cidade de S.Paulo.

RESPOSTA PATRIANOVISTA a um ordinário desafôro dos republicanos contra o POVO BRASILEIRO

Quando a república fracassa nos seus propósitos e despropósitos -- como tem fracassado em tudo e por tudo desde o seu abôrto em 89 -- os republicanos, sempre cegos às lições da "realidade", por partidarismo ou estupidez, atiram êste desafôro atrevido à face da Nação: --"A república é boa! O povo brasileiro é que não presta!" Quer dizer: para defenderem a maldita traquitana importada, ofendem a todos nós Brasileiros.

A êsses desaforados ralhaços, escória da Pátria e seus traidores ignorantes, respondemos que O POVO BRASILEIRO É O QUE É E SEMPRE FOI com as suas boas qualidades e os seus defeitos, os quais não impediram a nossa grandeza sempre ascensional (desde 1500) na Colônia, Reino e Império.

É próprio da sabedoria política reconhecer humildemente os dados da REALIDADE de um povo e agir conforme esta e não conforme com a realidade ...de outros povos (Estados-Unidos, Inglaterra, França, Suíça ou URSS...).

x x x x

¿Por quê é, então, que pára repentinamente em 15 de nov? de 1889 a grandeza sempre ascensional do nosso velho Brasil?

-- É porque a peste republicana, criando no austero solar do Império um ambiente padrastal de arrivismo, venalidade, cabotinismo, aventura, irresponsabilidade, gatunagem, negociatas, saque, exploração, esbanjamento, servilismo, desrespeito, maus-exemplos e multiformes INJUSTIÇAS sobretudo contra os pobres -- agrava sùbitamente e cada vez mais os naturais defeitos do povo e não os corrige, nem modera, como o fazia o sistema monárquico.

Ademais, põe em tentação edestrói, por tôdas as maneiras, aquelas boas qualidades que, bem dirigidas, já haviam feito outrora a dignidade proverbial, a grandeza inegável da Pátria Brasileira, mantendo altivamente, perante o mundo respeitoso, a gloriosa ORIGINALIDADE imperial do Brasil na América: sim -- o IMPÉRIO BRASILEIRO, hoje a mal-educada e deseducadora republiqueta dos "estadinhos" (?) desunidos e briguentos, "representados" não pelas fôrças vivas e responsáveis do Trabalho, da Produção Nacional, mas pelos artificiais e irresponsáveis partidos bagunceiros e vorazes, que reforçam e tom ignominioso a um regimen de opereta imposto como "o melhor do mundo"... da lua.

x x x x

Assim retrucamos imperial e resolutamente àqueles que, incapazes de analisar sociològica e politicamente a farsa vergonhosa há quase 60 anos representada na Terra sagrada do Império Brasileiro (obra dos nossos gloriosos Antepassados, dos nossos Reis!)-se atrevem a ofender a nossa Gente que em 1889, em face da violência inopinada, entregou "constrangida" à malhaçada republicana um país, um Estado (um só ESTADO!), rico, próspero, digno, respeitado, admirado em todo o mundo, e em plena ascensão em todos os sentidos... que a república transformaria em uma irrisão e um mendigo internacional.

Arlindo VEIGA DOS SANTOS
-- Chefe Geral da AIPB --

Elogio da "tal"

República no Brasil é coisa impossível, porque será verdadeira desgraça... O único sustentáculo do nosso Brasil é a Monarquia: se mal com ela, pior sem ela. -- Marechal Deodoro da Fonseca.

x x x x

Já que demos a palavra a um Marechal, passemo-la também a um Almirante. Será bom para esfriar um pouco o calor da guerra fria civil representada pela "campanha da sucessão" começada desde a subida do sr. General Dutra ao "trono" republicano. Tenha a palavra o Almirante Saldanha da Gama:

--"A lógica, assim como a justiça dos factos, autorizaria que se procurasse à fôrça das armas (É Saldanha quem diz!) repor o Govêrno do Brasil onde estava a 15 de novembro de 1889, quando, num momento de surpresa e estupefacção, êle foi conquistado por uma sedição militar de que o actual govêrno não é senão a continuação". -- Manifesto de 7 de dezembro de 1893.

x x x x

I M P É R I O
~~República dos Estados Unidos~~ do B R A S I L
Julho de 1949

A WUNDERLICH

Aos 8 de outº de 1935, Francisco Wunderlich, um dos chefes patrianovistas em Santa-Catarina, foi assassinado por um moscovita em ódio à Religião e à Pátria.

Arlindo VEIGA DOS SANTOS (Chefe Geral Patrianovista).

Vara do sangue germano
em Santa-Cruz transplantada,
fez-se mártir, o Primeiro,
das hostes da Cruz-Sagrada!
E o seu nome sonoroso
tornou-se grito de guerra
pela defesa do Sangue,
pelo resgate da Terra!

Facho que imigo traiçoeiro
tentou, ciumento, apagar
lá na Província sulina
que o Império faz despertar,
-- fêz-se o teu nome uma estrêla,
um sol de esplêndida vista,
farol fúlgido e brilhante
da estrada PATRIANOVISTA.

Wunderlich! Wunderlich!
Do Uruguai ao Oiapoque
sêe o teu nome glorioso
que a todo o IMPÉRIO convoque!
responda o Sertão bravio,
e os ecos do Mar do Império
gritem alto as esperanças
dêste sulino hemisfério.

Quando o DIA DO RESGATE
puser de pé a Nação,
e o Gigante Adormecido
se erguer feroz como um leão,
--"Wunderlich! Wunderlich"!
referverá nosso ardor,
tal outro GLÓRIA! divino,
outro "Viva o Imperador"!

SAURAÇÃO AOS GAÚCHOS

Nestes dias em que o "pusillus grex" patrianovista, escol dos Cavaleiros da Cruz e do Império, se concentra em PÔRTO-ALEGRE, a Chefia Geral e o Supremo Conselho Patrianovista saudam o Rio-Grande do Sul, a brava Província de São Pedro Papa, do brigadeiro José da Silva Pais e de Dom Pedro IIIº. Glória!

x x x x

VERDADES AMARGAS

Com o Império antigo, apesar da imensa superioridade que aquilo representava sôbre tudo quanto veio posteriormente "contra" o Brasil, no Império antigo vestimentas de parlamentarismo inglês e regalismo francês. Na república, imposta totalitàriamente a uma Nação Soberana que que tinha sistema de govêrno próprio (excluída a parte acidental de que falámos), rompemos completamente com o nosso Passado luso, colonial e Imperial, inventando "contra nós" os estados-unidos da tradição... ianque, ditatorialismo franco-positivista e o "sobe-desce" pronunciamentista dos espano-americanos.

Sejamos agora TRADICIONALISTAS, sejamos BRASILEIROS finalmente com o IMPÉRIO ORGÂNICO (Patrianovista) aprendido em nossa própria Tradição e adaptado aos tempos modernos. Acabemos com a palhaçada das sucessões e das sedições contínuas. Acabemos com a burla das falsas representações nacionais, por meio da representação directa da Família, da Economia, da Inteligência (Produção Nacional). Deixemos de voltar sempre aos erros velhos já desastradamente experimentados!

Sejamos nós mesmos! Tomemos vergonha e brios! Tenhamos personalidade! Sejamos libres para sermos fortes!

VIVA A MONARQUIA!

Viva DOM PEDRO IIIº!

Viva a Monarquia!!!

Patrianovistas Gaúchos.

"Glória!"

AÇÃO IMPERIAL PATRIANOVISTA BRASILEIRA

POLITIQUICES... em ARAXÁ.

Enquanto os partidos desvairados e famélicos, incompetentes e cabotinos, despacham politiqueiros para todos os ventos, no husca bisantina de candidatos a um cargo que realmente deveria ser uma "carga"(e já o vai sendo para o Exmo.Sr. G.A.Dutra!), os homens da PRODUÇÃO NACIONAL, da Vida Nacional, da Economia Nacional, congregaram-se a debater teses construtivas em Araxá, coisa essa que, por dever institucional, caberia a outros... a quem regiamente pagamos para isso.

Possível é que (por mal "do regimen"), como de costume, politiqueiros egoístas, pesadores de "prestígio", áridos de espírito público, se tenham metido no ambiente de estudo e trabalho araxaense, para fins eleitoralistas e... republicanos. Desgraça do regimen é êsse, cujo pestífero microbio tenta penetrar ou penetra em tudo quanto se faz de melhor nesta Terra , inclusive na própria Religião, que se divina não fôra já estigmera totalmente desmoralizada,como tudo mais. Realizou-se, porém, magnífica obra positiva, construtiva, da Produção Nacional, que poderá orientar o Govêrno... se êle quiser ou puder.

Se já estivera instaurado o IMPÉRIO ORGÂNICO-CORPORATIVO Patrianovista, o que se fêz em Araxá representaria apenas um dos aspectos práticos, objectivos, corriqueiros da vida orgânica do novo Império Brasileiro, onde simente os procuradores ou delegados das FÔRÇAS VIVAS NACIONAIS (Família, Igreja, Cultura, Economia, Trabalho, Defesa Nacional) formariam Assembléias e Conselhos consultivos e legislativos, desaparecendo automàticamente por falta de ambiente, de assunto ... e de motivos exploratórios o artificialismo politiqueiro.

Acontece, todavia, vivermos no artificialismo de 15.11.89, imposto totalitàriamente por agentes da desordem utópica contra o Brasil, sendo nós, os Nacionalistas conscientes, forçados pelo "império das circunstâncias" (como disse D. Pedro II) a "gozar" da inefável e inefável "conquista" demoocrática (Se "democracia" é a coisa séria que os seus donos apregoam, já era moda corrente no Velho Império!);vivemos no artificialismo perigoso da eleição do supremo magistrado "do Estado", pois da Nação é o sr. Dom Pedro III!

"Que vantagem Maria leva"... digo o Brasil leva com a tão decantada "conquista"? Não o percebemos.

Respondam-no os sábios da charlatanice republicana.

E... VIVA A MONARQUIA da pátria-Nova!

Arlindo VEIGA DOS SANTOS
(Chefe Geral)

TUBARÕES N. ré...

No Brasil, o tuberonismo impune e multiforme zomba e escarnece dos sofrimentos e privações populares. É êle um dos principais causadores da alta exagerada e desabalada do custo de vida. E dizer-se que até agora não encontrámos um Hércules para abater com um golpe certeiro os botes envenenados do réptil ameaçador! -- Cristóvão Dantas,"Maratona Sinistra", Diário da Noite, 24.6.49.

TODO PRESENTE QUE NEGA O PASSADO (passado) NÃO TERÁ FUTURO, porque o passado é história e a história é prudência. AVDS.

Prepara-se para o Congresso Patrianovista em Belo-Horizonte, em fevereiro de 1950.

Viva DOM PEDRO 3º, sucessor de Pedro I, Pedro II, Isabel I, Luís I, no único TRONO DA AMÉRICA!

Imperial Cidade de S.Paulo de Piratininga. Rua Silveira Martins, oito, 3º.

Viva a MONARQUIA!

Exmo. Sr.

Coronel VERÍSSIMO.

Saudações cordiais.

Não me conhece V.S.. Através, porém, do amigo comum, T.te Jerónimo Ricardo de Matos, sou familiarissimo com a pessoa distintíssima e douta de quem se refere com inexcedível estima. A isso devo o contacto com a sua carta particular de 5/8 p.p. referente a assunto tão nosso e tão actual como a forma de govêrno. Pedi ao Jerónimo ceder-me a honra do "cavaco" com o ilustre patrício, o que fez com relutância... E eis-me aqui.

É apenas uma conversa, ao léu da máquina.

Antes de mais nada, contudo, cumpre-me estabelecer isto: o PATRIANOVISMO não é só Monarquia, mas é, antes de tudo, Monarquia, para poder resolver todos os problemas da vida nacional brasileira. Com-efeito, a conclusão patrianovista é esta: "A república não só não poderá resolver os problemas da Nacionalidade e do Estado, mas também é dissolvente, anti-nacional e separatista".

Assim, pretende o Patrianovismo pôr em termos tradicionais as relações entre a Igreja e o Estado (problema espiritual a um tempo nacional universal); restabelecer a Monarquia tradicional (orgânica, pre-liberal anti-liberal) actualizando-a; estabelecer a representação sindical-corporativa (corporação livre e não repartição-pública totalitarista); redividir as províncias do Império para equilíbrio géopolítico e facilidade administrativa; transferir a Côrte (Capital) para o interior do Império; fundar o entendimento especial diplomático Luso-Brasileiro e, com essa base, de todos os HISPÂNICOS do mundo. (É o nosso programa de 1928).

Dada esta explicação prévia, vou aos argumentos especiais da sua missiva. Podem resumir-se no seguinte:

1) Não sou monarquista porque não concordo em princípio com privilégio de castas, de grupos, de classes, nem de títulos, cujo valor político não aceito nem em tese, sendo apenas desumano, apenas humilhante a diferença de privilégios.

2) Além-disso para mim nada é respeitável fora do valor social de cada homem.

3) Se é verdade que dos animais se apuram os tipos, nas monarquias se corrompem (é o inverso, diz V.S.), pois "a apuração não é de tipo biológico, mas histórico. Grande número de anormais, de didiotas, de criminosos tão rasteiros, tão prosaicos, como qualque vilão".

Ao primeiro direi que na Monarquia Orgânica Tradicional luso-brasileira, raiz e modêlo da patrianovista, não há castas, suposto que as entenda V.S. classes fechadas, exclusivistas, pois a nossa Nobreza tradicional foi sempre ABERTA para sair e para entrar; portanto não há tal odioso privilégio como entre indus e egípcios.

Quanto ao próprio privilégio, há-de-se distinguir: o legítimo e o ilegítimo. Só a classe dos médicos tem o privilégio legal de curar; só a dos engenheiros civis o privilégio legal de construir; só os farmacêuticos têm o privilégio legal de manipular remédios; só aos professores cabe o privilégio legal de ensinar, etc.. E a muitas classes e grupos se deferem privilégios que vão bem à sua função, tais os militares, os industriais, os comerciantes, etc.. E isso tudo, e quiçá mais do que isso, sem monarquia mesmo.

Além dêsse sentido de privilégio, teremos outro (ilegítimo) sem base social e sem razão de serviço, p. ex. o que se confere aos "ricos" só por serem-no. E isso sucede mais nas repúblicas que nas monarquias, até mesmo falsas. A virtude que faz o Nobre (instituto aberto) consegue-se muito mais facilmente do que a riqueza geradora de comuns privilégios injustos da plutocracia (principal agente, p.ex., das vitórias abeiteiras republicanas ou liberais em geral).

Quanto ao título, se individual pode ser conferido por um serviço meritório (s senhores que libertavam escravos, p.ex.), ou por grandes serviços à Pátria (Duque de Caxias, Visconde de Pôrto-Seguro, Marquês de Herval, Visc. de Ouro-Preto, Barão da Passagem); se familiar, meritório no 1º titular e obrigando a imitação nos herdeiros (nobiesse oblige e é aberta para entrar e para sair!) --- em todos os casos é mais um bem SOCIAL do que particular em suas consequências.

Se V.S. nega valor político a êsses grupos e classes e também ao grupo natural primário, a família, torna-se individualista no mau sentido, com a república liberal e a monarquia liberal (não-Patrianovista) e contra todo estado orgânico ou que falsamente o pretenda ser como os ditos estados-novos modernos (português de Salazar, etc.).

Negando os títulos, que são honrarias baratas para serviços às vezes vultosos, preciosíssimos, reduz-se a pagar tudo com dinheiro e suspeitas propinas, ou não pagar, caindo na anti-natural falta de prêmio

à virtude (ainda mesmo "falsa" ou interesseira, mas de valor social) e favorece a plutocracia. Aliás, a míngua de prêmios à virtude e a carência de castigos ao crime são culpadas de imensa percentagem dos males da sociedade republicana.

Mas a MONARQUIA ORGÂNICA (patrianovista), que é social e realista encarando os homens como êles são e não como deveriam ser, dá valor aos grupos sociais e baseia nêles a VERDADEIRA REPRESENTAÇÃO nacional, sem o artifício nefasto dos partidos.

Deduz-se, conseqüintemente, que o privilégio légítimo é humano (e não desumano), não é humilhante, pois premeia méritos e serviços ao indivíduo e aos grupos (família ou outras colectividades) que prestam serviços ocasionais ou permanentes como as corporações militares ou profissionais.

x x x x

Ao segundo ("Para mim nada é respeitável fora do valor social de cada homem), deu-se resposta na negação ao 1:. E há muita coisa respeitável além do valor social do homem individual.

x x x x

Ao terceiro cumpre dizer que também os tipos familiares se apuram biológicamente, embora haja casos em que se dá degenerescência por concentração coincidente de germes patológicos, passando a sucessão nesta hipótese para outros pretendentes próximos na linha directa ou não. Tão diminutos são êsses casos, que não justificam a aventura dos reis provisórios com que, após de muitas agitações e infinitos gastos e perigos, nos brindam as alfurjas precárias e cosmopolitas das repúblicas, que gangorreiam entre as tais "normalidades constitucionais" e as ditaduras civis ou militares.

Ademais, em nossa Tradição Luso-Brasileira (800 anos) é caso raríssimo. Biológica e psicológicamente, as nossas Dinastias hão sido das mais felizes, e todos e cada-um dos Reis valeram mais pela realização e pela fidelidade à Nação do que todos os presidentes republicanos. Analisem-se p.ex. D.João VI (tantas vezes caluniado) e D.Pedro I, e ver-se-há a soma de obras de poucos anos.

Ainda aqueles que, forçando a palavra, mereceram o apelido de vilões honraram a Nação, pois é a situação de Rei, filho de Rei e pai de Rei, inamovível como supremo juiz nacional, e não os dons individuais apenas, que GARANTEM a bondade do Rei Hereditário, do Imperador Hereditário, o que fazia dizer ao inteligente Napoleão: Ah se eu fôsse meu Filho! Tôda a sua glória e grandeza esbarrava com o ser êle nacionalmente, politicamente, apenas o filho das suas obras, do seu gênio guerreiro cuja eclipse coincidiria com a sua desgraça.

Por isso, o bom govêrno é o govêrno de família (hereditário), do Imperador tão privilegiado como o é o filho-família que herda o patrimônio que êle não conquistou; tão privilegiado como o Povo Brasileiro de hoje é herdeiro do país-terra que êle — mera fase viva da Nação Brasileira eterna (que vem do passado com as suas Instituições hoje deformadas por violência "totalitária" de 89) — não conquistou.

Aí repousa a verdadeira Unidade e Continuidade do PODER, garantia da u n i d a d e e c o n t i n u i d a d e da Nação.

Defendemos, pois, "a unidade do poder, enquanto esta unidade não é um capricho ou uma imposição, mas uma realidade que existe por si", legado dos Avôs que cada Brasileiro ao nascer já encontrava como encontrava seus próprios pais sem os escolher (até a traição de 891). Defendemos, "não o govêrno que se faz único (ditador, ou presidente, ou fuehrer), mas o govêrno de um homem que é único, só, àparte (sucessor natural do Rei morto).

Morreu o Rei: Viva o Rei! O Rei nunca morre, assim como a Nação. E o Poder (familiar), como a Nação (grande Família), continua, sem abalo, sem transtôrno, normalmente sem solução alguma de continuidade politico-administrativa.

Em nosso caso concreto brasileiro, se não fôra o 15 de novembro de 89, teríamos tido uma Imperatriz (Isabel), desde 1891 com a morte de D.Pedro II. Falecidad a Imperatriz Dona Isabel em 1921, decorreria uma Regência de seis anos até 1927, data em quse haveria assumido o govêrno do Império S.M. Dom Pedro III, havendo reinado já hoje 20 anos.

Certamente não privariam o Brasil do ritmo ascensional quebrado pela governação estrangeira as virtudes inatas do regime imperial junto à educação nacional da virtuosa e sábia Casa de Dom Pedro II.

Lutaríamos, quer dizer estaríamos lutando nós Patrianovistas pra transformar o Império liberal em Império orgânico. Todavia, certos estaríamos de as virtudes da Monarquia Hereditária, privilégio legítimo, tradicional da Família Dinástica, apto a sustentar os nossos privilégios de cristãos, de Brasileiros, de donos da nossa Terra (por direito Hereditário), das nossas Propriedades, das nossas Pessoas, dos nossos foros, das nossas liberdades, dos nossos destinos, haveriam funcionado magnificamente, naturalmente, [redacted] brasileiramente, sem o artifício de repúblicas e partidos de significação estranha.

x x x x

Excelentíssimo Sr. Coronel.

Queira V.S. excusar-me assim os erros dactilográficos, como o excesso a que dei largas nesta carta. Esquecia-me de que era carta. Creia, porém, derivar-se êle da simpatia que lhe consagro e não da mania verborrágica. Relendo-me, vi que muito ficaria por dizer. Não é contudo uma polémica, senão uns tópicos que julgo merecerem meditação de uma inteligência lúcida como a sua.

Com a mais profunda admiração e estima,

19/8/47.

A. Leite de Castro

PAULISTAS!

S. PAULO ANTIGO construiu, pela fé, pela vontade e pela coragem, o Imperio territorial do Brasil.

S. PAULO DE HONTEM construiu, pela fé, pela vontade e pelo trabalho, o Imperio Economico do Brasil.

S. PAULO MODERNO, S. PAULO- seculo XX, vai construir, para a sua gloria immortal de 400 annos, a grandeza assombrosa do

III Imperio (Patrianovista)!

Departamento de Propaganda
Patria— Nova, 1936.

Trabalhadores

e

Império Patrianovista

O IMPÉRIO PATRIANOVISTA

será o Império «para» os Trabalhadores.

O IMPÉRIO PATRIANOVISTA

não prometerá aos Trabalhadores a dita «liberdade» vazia e abstrata, sem nada de concreto para a vida.

O IMPÈRIO PATRIANOVISTA

sendo Império para os Produtores, e especialmente para os Trabalhadores, dar-lhes-á isto:

Trabalho! Pão! Casa! Educação dos filhos! Proteção especial ás familias numerosas!

A eles, humildes OPERARIOS, construtores da grandeza do III IMPÉRIO (PATRIANOVISTA), dará, como a todos, JUSTIÇA!

Trabalhadores de todo o Brasil!

A postos, para fundarmos, para garantia do Trabalho, do Pão, da Casa, da Educação dos Filhos, da Justiça, o

IMPÉRIO PATRIANOVISTA!

Dep. Nac. Patrianovista de Propag. (Secção de Feitos) R. Barão de Iguape, 52 S. Paulo, 1936.

AV cópia dat

Ilc A Veiga Santos a Raphael Pacillo

(SP, 12-4-36) - Carta de nomeação

Invocando a autoridade de chefe-fundador de PN e a necessidade de haver no RJ "um agente com autoridade perante os podres nacionais para tratar dos negócios sempre palpitantes das nossas Províncias Patrianoristas do Sul," nomeia Pacillo Delegado Especial das Províncias do Sul no RJ.

Pede-lhe que entre em contato imediato c/ Elias Mamit, nomeado chefe regional de SC, PR e RS, com sede em Porto União (SC).

Causa destas nomeações: deficiências dos serviços centrais de SP em relação ao Sul, por ingerência do SCIP, que ficava só falando e não agia.

Agora as ordens de A Veiga estão livres de passar "pelo crivo inepto das consultas, o que só servia de atrapalhação".

Reafirma sua autoridade, que seria a mesma de antes do "parlamentarismo do SCIP".

RJ
RS
cisão Ultra